

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MARCELO DOS REIS NETO RODRIGUES

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA MIGRAÇÃO CHINESA  
CONTEMPORÂNEA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

2016

MARCELO DOS REIS NETO RODRIGUES

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA MIGRAÇÃO CHINESA  
CONTEMPORÂNEA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Orientadora: Professora Doutora Olga Maria Schild Becker (PPGG/UFRJ)

Rio de Janeiro

2016

Rodrigues, Marcelo dos Reis Neto

Aspectos geográficos da migração chinesa contemporânea na cidade do Rio de Janeiro /  
Marcelo dos Reis Neto Rodrigues – 2016.  
146f.

Orientadora: Olga Maria Schild Becker

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências,  
Rio de Janeiro, 2016.

1. Mobilidade. 2. Migração internacional. 3. Chineses. 4. Rio de Janeiro.

MARCELO DOS REIS NETO RODRIGUES

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA MIGRAÇÃO CHINESA  
CONTEMPORÂNEA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre em Geografia  
ao Programa de Pós-Graduação em Geografia  
(PPGG) da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro (UFRJ).

Aprovada em 7 de junho de 2016, por:

---

Orientadora: Professora Doutora Olga Maria Schild Becker (PPGG/UFRJ)

---

Avaliador externo: Professor Doutor Miguel Ângelo Ribeiro (PPGEO/UERJ)

---

Avaliadora interna: Professora Doutora Ana Maria Lima Daou (PPGG/UFRJ)

A minha mãe, que me ensinou o valor do conhecimento.

A minha namorada, que me ensinou o valor da perseverança.

A minha avó, que me ensinou o valor da fé.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que tem me abençoado enormemente por todos esses anos, de formas as quais eu nunca mereci.

Agradeço a minha mãe, Sandra, que me apoiou de muitas maneiras, estando sempre ao meu lado, sem jamais titubear por um momento sequer.

Agradeço a meu pai, Josimar (*in memoriam*), cujo exemplo de retidão eu não vou esquecer e que muita falta faz na minha vida. Foi ainda instrumental para minha inclinação pelo tema, pois ele mesmo foi um migrante.

Agradeço a minha namorada, Caroline, de papel fundamental para meu retorno à vida acadêmica e a esta pesquisa quando, muitas vezes, pensei não haver mais como.

Agradeço a minha avó, Iolanda, que está sempre orando por mim, criou a mãe maravilhosa que tenho e tem uma paciência infinita comigo.

Agradeço a minha orientadora, a professora Olga, de uma receptividade e doação nunca vistas; tornando o ambiente acadêmico formal muito mais caloroso.

Agradeço a minha terapeuta, Paola, dedicada toda vida a pensar o que me atava e que acompanhou este projeto desde sempre.

Agradeço aos meus amigos geógrafos, também cientistas políticos, filósofos, sociólogos, artistas, professores, Cláudia, Eliza, Iaci, Julio e Michel, que sei que estão sempre torcendo por mim. Se a UERJ se tornou um lugar no sentido geográfico mais estrito, é muito por causa de vocês.

Sem citar outros nomes, mas profundamente agradecido, escrevo estas últimas linhas a todos que ajudaram de alguma forma a execução deste trabalho, cedendo um pequeno tempo que fosse disponível, mas que foi muito importante para a conclusão desta obra.

## RESUMO

RODRIGUES, Marcelo dos Reis Neto. Aspectos geográficos da migração chinesa contemporânea na cidade do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

As migrações internacionais contemporâneas são movimentos muito complexos: múltiplos pontos no espaço geográfico participam desses processos. Neste contexto, a cidade do Rio de Janeiro é percebida em um momento particular: passam a nela habitar novos grupos étnicos. Dentre estes estão os chineses: uma população que cresce e ocupa um papel mais presente na vida dos cariocas. A proposta central deste trabalho é compreender como os chineses étnicos exercem sua mobilidade a fim de se fixarem na cidade: suas motivações, estratégias, processos relevantes para seus deslocamentos; além de identificar aspectos locacionais, sociais e profissionais desta comunidade. Foram levantados dados estatísticos de instituições relacionadas ao tema e feitas entrevistas semi-estruturadas com representantes do grupo-alvo em diversos bairros onde são encontrados. Os conceitos mais importantes para a pesquisa foram “mobilidade”, “redes” e “território”, entendendo-os como instrumentos adequados para a análise dos fatores de decisão do deslocamento do grupo, das redes (materiais e imateriais) necessárias para o movimento e das relações com o novo espaço em que se instalam. Foram observadas diferenças quanto ao fenômeno de acordo com diferentes momentos históricos; a importância das redes para viabilizá-lo e várias formas de interação do grupo com a cidade.

Palavras-chave: mobilidade, migração internacional, chineses, Rio de Janeiro.

## ABSTRACT

RODRIGUES, Marcelo dos Reis Neto. Geographical aspects of contemporary Chinese migration in Rio de Janeiro city. Dissertation (Master's Degree in Geography) – Post-Graduation Program in Geography, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Contemporary international migrations are very complex movements: multiple points in geographic space take part in these processes. In this context, Rio de Janeiro city is perceived in a particular moment: new ethnic groups begin to live in it. Among these are the Chinese: a population that grows and occupies a more present role in Rio de Janeiro natives' everyday life. The main purpose of this work is understanding how ethnic Chinese practice their mobility in order to settle in the city: their motivations, strategies, relevant processes for their moves; besides identifying locational, social and professional aspects of the community. Statistical data were found from theme-related institutions and semi-structured interviews were made with representatives of the target group in neighborhoods where they are found. The most important concepts for the research were “mobility”, “networks” and “territory”, taking them as adequate instruments to analyze group's movement decision factors, material and immaterial networks which are needed to the movement and relations with the new space where they get established. There were observed differences on the phenomenon based on the historical moment; networks importance to make it and various ways to interact with the city.

Keywords: mobility, international migration, Chinese people, Rio de Janeiro.



## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Distribuição dos chineses na cidade do Rio de Janeiro por bairro (2010).....	68
Mapa 2 - Distribuição dos estabelecimentos com presença de chineses na área do Saara (2016) .....	74
Mapa 3 - Localização das origens dos comerciantes na RPC (2016).....	79

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de pessoas de nacionalidade chinesa no país, estado e município (1991-2010).....	65
Tabela 2 - Chineses identificados no município do Rio de Janeiro por bairros (2010) .....	67
Tabela 3 - Pessoas naturais do exterior, no município do Rio de Janeiro (1991) .....	70
Tabela 4 - Pessoas naturais do exterior, no município do Rio de Janeiro (2000) .....	70
Tabela 5 - Pessoas naturais do exterior, no município do Rio de Janeiro (2010) .....	70
Tabela 6 - Número de naturais da China por tempo de estadia no município do Rio de Janeiro (2010) .....	72

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução dos naturais chineses no Brasil, Estado do Rio de Janeiro e Município do Rio de Janeiro (1991-2010) .....	66
Gráfico 2 - Distribuição da população chinesa por subprefeituras no município do Rio de Janeiro (2010) .....	69
Gráfico 3 - Distribuição dos chineses pelas zonas urbanas tradicionais do município do Rio de Janeiro (2010) .....	70
Gráfico 4 - Percentual dos grupos mais representativos de pessoas naturais do exterior estabelecidas no município do Rio de Janeiro em tempo inferior a 10 anos (2010) .....	71
Gráfico 5 - Comerciantes entrevistados por faixa etária (2016) .....	75
Gráfico 6 - Grau de escolaridade dos comerciantes entrevistados (2016) .....	76
Gráfico 7 - Locais de origem dos comerciantes entrevistados (2016) .....	78
Gráfico 8 - Porcentagem de comerciantes que teriam recebido ajuda de terceiros em seu estabelecimento na cidade (2016) .....	80
Gráfico 9 - Comerciantes entrevistados por crença (2016) .....	81
Gráfico 10 - Condição de domicílio de origem dos comerciantes entrevistados (2016) .....	83
Gráfico 11 - Proporção de respostas quanto ao recebimento de ajuda no local de destino de acordo com condição de domicílio de origem (2016) .....	84
Gráfico 12 - Percentual de respostas quanto à propriedade do negócio visitado (2016) .....	87

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARS	Análise de Redes Sociais
BCB	Banco Central do Brasil
BME	Banco Multidimensional de Estatísticas
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CEPERJ	Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidos Públicos do Rio de Janeiro
CIA	Central Intelligence Agency
CNOOC	China National Offshore Oil Corporation
CNPC	China National Petroleum Corporation
CSA	Companhia Siderúrgica do Atlântico
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IP	Internet Protocol
IPP	Instituto Pereira Passos
OCAC	Overseas Community Affairs Council
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONGs	Organizações não governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PF	Polícia Federal
PIB	Produto Interno Bruto
QGIS	Quantum Geographic Information System
RPC	República Popular da China
SAARA	Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega
SESC	Serviço Social do Comércio
SGCC	State Grid Corporation of China
SINOPEC	China Petroleum & Chemical Corporation
SUVs	Sport Utility Vehicles
TI	Tecnologia da informação

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. Metodologia e operacionalização .....	19
2. REFLEXÕES SOBRE MOBILIDADE ESPACIAL, REDES E TERRITÓRIO .....	26
3. CONTEXTOS: OS CHINESES, O BRASIL E O RIO DE JANEIRO.....	50
3.1. Das primeiras migrações chinesas à diáspora.....	50
3.2. Os chineses e o Brasil.....	54
3.3. Os chineses e a cidade do Rio de Janeiro .....	63
4. RESULTADOS DA PESQUISA DIRETA.....	73
4.1. Os comerciantes.....	73
4.2. Os pasteleiros.....	94
4.3. Diferenças internas e externas e convívio no Rio de Janeiro: chineses e sino-brasileiros e os brasileiros sem ascendência chinesa. ....	98
5. HISTÓRIAS DE VIDA .....	104
5.1. Caso A: Nativa da China continental, 74 anos .....	104
5.2. Caso B: Nativo da China continental, 42 anos .....	109
5.3. Caso C: Descendente, 30 anos.....	111
5.4. Caso D: Descendente, 23 anos .....	112
5.5. Caso E: Nativa da China continental, 52 anos e filho .....	115
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	117
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	128
8. ANEXOS .....	138

## 1. INTRODUÇÃO

Os chineses são um grupo humano complexo: numerosos, distribuídos em distintos territórios, alguns com histórico de domínio europeu, levando a sérias implicações políticas, diplomáticas e culturais. A República Popular da China (RPC), o país que abriga a maior população chinesa no mundo, tinha, em 2014, mais de 1,35 bilhão de habitantes, fazendo do território sob seu controle o mais populoso do planeta (CIA, 2015).

A RPC – também conhecida como China continental ou China propriamente dita – não é a única área de predomínio deste grupo. Outras áreas de população chinesa a serem destacadas são: a ilha de Formosa – ou Taiwan – quase 24 milhões de habitantes; a Região Administrativa Especial de Hong Kong, pouco mais de 7 milhões de habitantes; e a Região Administrativa Especial de Macau, cerca de 600 mil habitantes (CIA, op. cit.).

Para o governo da RPC, todas essas áreas constituem seu território. Hong Kong e Macau, outrora territórios britânico e português, respectivamente, estão sob controle especial, caracterizado por maior autonomia frente às demais províncias do país: sistema político mais aberto, pluripartidário; uso reconhecido de idiomas indo-europeus; utilização oficial dos caracteres tradicionais chineses; maior liberdade econômica e de imprensa (MENGIN, 2009; SANJUAN, 2009).

Formosa, no entanto, é um território *de facto* independente da RPC, controlado por outro Estado: a República da China. Esta se constitui como herdeira da estrutura montada pelo *Kuomintang*, o partido político capitalista derrotado pelos socialistas na Revolução Chinesa de 1945-1949. Contudo, o governo da República da China sobre a ilha é reconhecido por pouquíssimos países: a RPC a considera uma “província rebelde” (MENGIN, 2009; TREVISAN, 2012).

Como parte mais imediata do “mundo sínico”, pode-se citar ainda, dentre outros, Cingapura. De acordo com a CIA (2015), 74,2% da população da cidade-Estado é chinesa, perfazendo mais de 4,2 milhões de habitantes. Ainda de acordo com a publicação do governo norte-americano, o mandarim – oficial – e outras línguas chinesas eram o primeiro idioma de quase metade da população do país do Sudeste Asiático.

Na China Continental, 92% das pessoas se consideram da etnia *han*, de onde se origina qualquer ideia mais próxima do que seria o “chinês típico”. Mas, no interior desse grupo, há enormes subdivisões linguísticas regionais, como os falantes de mandarim (*putonghua*), de

cantonês (*yue*), de *hakka* (*kejia*), de *hokkien* (*min*) ou de xangainês (*wu*). Aprofundando mais, há vários dialetos locais e muitas destas línguas são completamente ininteligíveis entre si.

O governo da RPC ainda reconhece em seu território outros 55 povos. Desses, podem ser citados os uigures, (da Região Autônoma do Sinkiang-Uigur, no noroeste), os tibetanos (da Região Autônoma do Tibete, no sudoeste), os mongóis (da Região Autônoma da Mongólia Interior, no norte), os manchus (da região tradicional da Manchúria, no nordeste), entre outros (ALLÈS e DAVID, 2009).

No centro geográfico da cultura chinesa no mundo, merece menção também a diversidade religiosa do país, apesar do histórico recente de perseguição às crenças de seus habitantes. Durante boa parte da história chinesa, conviveram o Taoísmo, o Budismo, o Confucionismo (ora visto como filosofia, ora como religião) e as religiões populares (não institucionalizadas): muitos crentes adotam práticas sincréticas. Poceski (2013) aponta que:

“O domínio fundamental do Taoísmo é o mundo da natureza, que engloba outras dimensões sobrenaturais ou transcendentais, em contraste com o principal objetivo do Confucionismo, que era o contexto social. Por isso, na cultura tradicional chinesa o Taoísmo é geralmente considerado (juntamente com o Budismo) complementar ao Confucionismo, em vez de antagônico” (p.76).

“A frequente tendência chinesa de tornar indistintas as linhas de demarcação que separam [as crenças, se relaciona com estarem] bastante abertos à interação inter-religiosa e adaptação sincrética” (op cit.: 208). Assim, quando entendem alguma prática como benéfica na sua relação com o sobrenatural, podem incorporar elementos mesmos de tradições distintas: além de usarem das três grandes religiões tradicionais – chamadas em conjunto de “os três ensinamentos” – podem ser acrescentados ainda costumes e/ou adoração a divindades especificamente locais.

A RPC, herdeira da maior parte do território do antigo Império Chinês, abriga a maior parte das áreas de origem da grande diáspora chinesa. De acordo com o Conselho sobre Assuntos da Comunidade de Além-Mar (*Overseas Community Affairs Council – OCAC*), de Formosa, havia, em 2012, mais de 41 milhões de chineses, entre migrantes e descendentes, fora dos territórios sînicos apontados e tradicionalmente reconhecidos (OCAC, 2015 [2012])<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Há fontes que apontam para até 50 milhões de chineses espalhados pelo mundo; excluindo a RPC, Formosa, Hong Kong e Macau (WANG, 2012).

Historicamente, os movimentos emigratórios chineses se concentraram no Sudeste Asiático (principalmente em áreas como Cingapura, Indonésia, Malásia, Tailândia)<sup>2</sup> e detém 75% das populações sínicas fora da RPC, Formosa, Hong Kong ou Macau. Estas populações são chamadas de “chineses de além-mar” (ZHOU, 2005; MA MUNG, 2009b).

Nos anos de 1970-1980 houve uma mudança na direção geral desses fluxos e a América torna-se o principal destino dessas populações. Atualmente, o continente detém 18,6% dos chineses de além-mar no mundo, sendo o que mais abriga população chinesa fora da Ásia e estes números vem aumentando (MA MUNG, op. cit.; OCAC, 2015 [2012]).

Quanto aos chineses no Brasil, segundo o Censo 2010 do IBGE (2013 [2012]), eram 19.397 pessoas, correspondendo assim à décima nacionalidade estrangeira mais comum no país. Destes, 64% estariam no estado de São Paulo e 10% no estado do Rio de Janeiro (1.951 pessoas). A capital fluminense abrigaria 72% dos chineses do estado, totalizando assim 1.407 pessoas, sendo a segunda cidade com maior número de chineses no país (IBGE, op. cit.)<sup>3</sup>. Esses dados representam apenas os nacionais da RPC. Aqueles que não detém a cidadania sínica apesar de sua ancestralidade, como gerações nascidas no Brasil ou em qualquer outro país receptor da diáspora chinesa não aparecem nos números.

Esses podem divergir muito de acordo com o órgão consultado: para o OCAC (2015 [2012]), haveria cerca de 280 mil chineses no Brasil, incluindo também descendentes. O Brasil teria a quarta maior comunidade chinesa nas Américas e a segunda maior na América Latina (logo após a comunidade sino-peruana). A comunidade chinesa no estado do Rio de Janeiro corresponderia a um total de sete mil pessoas, de acordo com Shu (2009)<sup>4</sup>.

A pesquisa aqui apresentada trata, então, desse fenômeno socioespacial, de caráter altamente dinâmico – indo muito além de uma mobilidade linear, com origem e destino definitivos – que é a migração chinesa, observada a partir de seu fragmento local na cidade do Rio de Janeiro.

Nesta iniciativa acadêmica há a caracterização de alguns dos seus representantes localizados na cidade, de forma a identificar as feições cariocas desse fenômeno de escala

---

<sup>2</sup> A autora denomina a área pelo termo chinês “Nanyang”, que significaria literalmente “mares do sul”. Os termos mais específicos em língua portuguesa para tal localização são “Mar do Sul da China”, “Indochina” e “Insulíndia”.

<sup>3</sup> A terceira cidade em população chinesa no país é Foz do Iguaçu, no Paraná, muito relacionada ao comércio de produtos importados da vizinha Cidade do Leste, no Paraguai, que atrai compradores de vários estados brasileiros, interessados em seus produtos de procedência chinesa de baixo valor, beneficiados com o regime de baixos impostos adotado no lado paraguaio da fronteira. Além de pagar relativamente pouco aos lojistas chineses, muitos clientes evitam as cobranças da Receita Federal Brasileira, fazendo desta fronteira uma das maiores áreas de contrabando do mundo (PINHEIRO-MACHADO, 2006).

<sup>4</sup> A disparidade entre as fontes citadas aponta a possibilidade de um grande número de pessoas em situação irregular.



mundial; semelhanças ou particularidades existentes e possíveis relações com outras áreas tradicionalmente sínicas e/ou onde vivem outros chineses de além-mar.

Nos últimos anos, a vinda de chineses ao Estado do Rio de Janeiro tem ocorrido até de forma institucionalizada, como durante a construção da Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), no Distrito Industrial de Santa Cruz; a construção do gasoduto Cabiúnas-Vitória para a Petrobrás, que ficou a cargo da *China Petroleum & Chemical Corporation (Sinopec)*; a instalação de redes 3G das operadoras de telefonia móvel Oi, Tim e Claro, por parte da *Huawei Technologies Corporation*; e ainda a construção de altos-fornos da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), nos municípios de Itaguaí e Volta Redonda, que ficaram a cargo da *Shenyang Heavy Machinery* e do *Chengdu Design Institute* (WONG, 2008).

Pode ser citada ainda que a vitória das empresas *China National Offshore Oil Corporation (CNOOC)* e *China National Petroleum Corporation (CNPC)* em leilões de campos petrolíferos da camada pré-sal, movida pela grande demanda energética chinesa, também pode representar novos desembarques de chineses no estado. Essas ações, conjuntamente à crescente importância do país asiático nas importações e exportações, contribuem para que a China tenha se tornado a maior parceira econômica do Brasil (ROSAS, 2014).

As iniciativas descritas são claramente ligadas aos grandes capitais, mas não são as únicas com condições de atrair populações chinesas para a cidade e sequer são as mais visíveis para os cariocas. Pequenos estabelecimentos comerciais, como lojas de miudezas importadas (antes conhecidas como “lojas de R\$ 1,99”) e pastelarias, empregam chineses e aumentam sua presença pela cidade e adjacências, ganhando destaque em locais de grande circulação de pessoas.

Pesquisas feitas na internet apontam para diferentes sortes de menção da presença chinesa pela metrópole carioca e no cotidiano de sua gente: de *blogs* pessoais que vão de relatos bem-humorados a preconceituosos, a avaliações/indicações de certos restaurantes, passando por um ingênuo filme feito por crianças de uma escola de cinema no bairro de Miguel Couto, em Nova Iguaçu, intitulado “Por Que Tanta Pastelaria de Chinês?”, até aos relatos da grande mídia vinculados a episódios de violência ou irregularidade. A existência de chineses já foi registrada em locais da cidade como os bairros de Parada de Lucas e Bangu,

até municípios vizinhos da Região Metropolitana como Duque de Caxias e Belford Roxo, chegando mesmo à cidade de Mangaratiba, já exterior ao Grande Rio<sup>5</sup>.

Há lojas de chineses junto à Praça Córsega (conhecida localmente como “Praça 2”) em Vigário Geral, em Madureira e nos arredores da Rua da Alfândega no centro da cidade (popularmente conhecidos como “Saara”<sup>6</sup>), como citam os trabalhos de Cunha e Mello (2006) e Shu (2009). Bígio (2012) apontava para mais de cem lojas de chineses na área comercial, a partir de informação dada por Ênio Bittencourt, presidente da associação local de lojistas por mais de 25 anos<sup>7</sup>.

Caracteriza-se então o recorte espacial da pesquisa como a cidade do Rio de Janeiro: a segunda maior cidade do país em termos demográficos, representando assim, um dos maiores mercados consumidores do país, com grande potencial a ser alvo das empreitadas comerciais dos migrantes chineses.

Quanto ao recorte temporal da pesquisa, este é o momento atual, contemporâneo, as duas primeiras décadas do século XXI, de forma a conseguir uma “fotografia” da migração chinesa na cidade. No entanto, visto que o fenômeno estudado tem migrantes de diversas idades e com distintas durações de estadia na cidade e/ou no país, será preciso citar fatos anteriores ao período-alvo: os mais velhos sofreram a II Guerra Mundial, a guerra civil e a revolução, a separação não oficial entre China continental e Formosa, a Guerra Fria, a abertura econômica. Já os mais jovens situam-se em um contexto de uma China em notório crescimento econômico e de uma diáspora, muito mais extensa que no passado, sob um mundo globalizado. Todos estes fatos foram importantes na consolidação do quadro atual.

Tomando o processo de consolidação da República Popular da China como grande ator estatal representante da população chinesa no mundo, é possível identificar distintos momentos do fenômeno migratório chinês, sujeito a todo ambiente político, econômico e social em que se encerra.

Iniciando com a contribuição de Stenberg (2012), que periodiza o fenômeno em três fases e os acréscimos de Ma (2003) e Shu (2009), seria verificado um primeiro momento, que

---

<sup>5</sup> Em anexo, ao fim do trabalho, estão listados os endereços de páginas da internet com as respectivas menções a negócios de chineses no Rio.

<sup>6</sup> O termo “Saara”, como substantivo masculino, é usado para denominar a área comercial carioca, assim chamada, provavelmente, por associação ao Deserto do Saara e sua relação com povos arabizados, portanto, próximos dos grupos estrangeiros que marcaram presença naquela parte da cidade do Rio de Janeiro (sírios, libaneses). Já o termo “SAARA”, como substantivo feminino e abreviado, é usado para definir a associação, a organização dos comerciantes daquele espaço: a Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega.

<sup>7</sup> No fim de 2014, chegou aos cinemas a comédia “*Made in China*”, de Estevão Ciavatta, que tratava exatamente da concorrência entre os novos atores, chineses, e antigos, árabes, no Saara.

iria do início da revolução maoista (1945) passando pela consolidação do regime de orientação socialista (1949) até o endurecimento deste com a Revolução Cultural (1966).

Daí, inicia-se um segundo momento que iria até o fim da década de 1970, correspondendo a um período de proibição da emigração a partir da República Popular da China, de forma que esta teria de partir de outros locais, notadamente Formosa.

O terceiro momento seria iniciado com a abertura econômica da RPC sugerida por Deng Xiaoping, que sucedeu Mao e mudou as proposições do governo chinês, perdurando até os dias atuais<sup>8</sup>. Todas essas fases têm aspectos característicos, sendo parte da proposta desta pesquisa identificar elementos componentes destes três momentos no Rio de Janeiro.

As comunidades chinesas e suas redes se espalharam: seus fluxos podem ter muitos destinos e origens. Tal fenômeno – em sua vertente carioca – é o objeto desta pesquisa, cujo aprofundamento permite compreender quais contextos políticos e econômicos mobilizam esses deslocamentos que acabam por envolver a cidade, de maneira que esta é modificada, como os migrantes também o são.

O objetivo central deste trabalho é compreender como os chineses étnicos adquirem e exercem sua mobilidade espacial a fim de se fixarem na cidade do Rio de Janeiro. Para isto, busca-se reconhecer quais motivações os atraem à capital fluminense e/ou os repelem de seu local de moradia anterior; identificar quais estratégias, contatos e processos – configurando o acionamento de redes sociais, informacionais – são relevantes para seus deslocamentos; reconhecer quem são os migrantes (perfis) e se aspectos sociais e profissionais desta comunidade se manifestam de forma eloquente no espaço, possibilitando perceber a existência de algum microterritório étnico.

---

<sup>8</sup> O governo da RPC teve um papel radical tanto na contenção da migração quanto no seu estímulo. Já vedou a migração de seus nacionais por longo período; incitou a saída de pessoas estabelecidas em Formosa por receio da invasão da ilha. Mais tarde, estimulou o retorno dos chineses de além-mar e seus investimentos, mas também estimulou a emigração de populações de certas áreas como uma estratégia de desenvolvimento econômico local para posterior envio de remessas.

## 1.1. Metodologia e operacionalização

Para ajudar a investigação foram formuladas as subquestões a seguir:

- Quais motivações levaram elementos deste grupo étnico a se dirigirem para o Rio de Janeiro? Que objetivos os moveu a sair de um local original e o porquê da escolha da capital fluminense. Identificar fatores que os atraíram para tal destino, fatores que os repeliram de seu local de origem, seja na China ou em alguma comunidade chinesa na diáspora, que podem ter naturezas diversas: econômica, política, uma combinação particular entre ambas etc.
- Quais redes contribuíram para a migração? Buscar a compreensão de como o deslocamento é operacionalizado; que agentes tem participação: migrantes pioneiros, familiares, amigos, instituições estatais, organizações não governamentais; onde estão: destino, origem, pontos de passagem; trocas existentes entre locais distintos, mas relacionados entre si pelo movimento migratório (informações, remessas etc.); e também, se há planos de novas migrações. Ao dispor destes dados teremos uma noção do papel das redes materiais e também das redes sociais (RAMELLA, 1995; PEDONE, 2002).
- Que perfis de chineses étnicos são encontrados no Rio de Janeiro? Identificar as características mais dominantes quanto à faixa etária, rendimentos, escolaridade, ocupação. Perceber eventuais diferenças entre os mais antigos e os mais recentes, através da tipologia de Stenberg (2012), por exemplo; assim como entre gerações da comunidade sino-brasileira no Rio de Janeiro (migrantes e seus descendentes).
- Por fim, confirmar se há alguma área, bairro, que concentra mais a população chinesa no Rio de Janeiro ou em seu entorno e se há a conformação de um microterritório político ou simbólico para o grupo em questão. Quais relações existem entre esse grupo social e o espaço fluminense?

Os conceitos que pautam esta pesquisa são: mobilidade espacial, rede e território. O primeiro deles diz respeito a uma característica humana, usada de forma instrumental por vários grupos para atingir alguma meta, mormente, uma melhoria da qualidade de vida. Geralmente, em sociedades capitalistas, isto representa uma mobilidade social, de forma que ambos os tipos de mobilidade se relacionam fortemente.

O conceito de rede e seu derivado, a rede social, reforça a capacidade que os laços entre os indivíduos possuem de transmitir uma informação, assim como agir de maneira a oferecer suporte para o migrante componente desta rede. A participação em uma destas estruturas pode significar benefícios – o indivíduo se coloca atravessado por informações que podem definir novas oportunidades – mas também deveres, porque os elementos da rede não estão em igualdade de condições, assim como nem toda relação é necessariamente de solidariedade.

O conceito de território serve para verificar tanto se há uma apropriação concreta ou simbólica de uma área qualquer. Teriam os migrantes criado regras específicas para um certo espaço, quiçá afetando até mesmo os não migrantes? Que relações envolvendo seus sentidos, percepções, ideias, os migrantes têm acerca do local onde se estabeleceram?

Quanto à protagonista do fenômeno estudado – a comunidade chinesa no Rio de Janeiro – estes dois são os principais subgrupos que a compõem: o imigrante chinês propriamente dito, aquele que deixa um país ou cidade, passando a estabelecer residência no município do Rio de Janeiro; e, também, os descendentes. Estes últimos principalmente, ao se relacionarem mais com outras pessoas fora do seu próprio grupo étnico, tendem a assimilar novos pontos de vista, costumes, distintos dos migrantes pioneiros; o que significa dizer que uma diferenciação ou ruptura no seio da comunidade pode ocorrer.

É importante ressaltar também que o elemento central da pesquisa é o chinês étnico, o que implica dizer que a posse da cidadania conferida pela República Popular da China ou qualquer outro ente estatal que represente populações chinesas não é um requisito obrigatório para que o indivíduo seja considerado como parte do grupo escopo da pesquisa.

O recorte espacial definido é a cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado homônimo e local que, segundo o IBGE (2013 [2012]), abriga o maior número de chineses desta unidade federativa. Além disso, ela é sede de algumas empresas chinesas presentes no Brasil, concentra os locais de reunião com fins religiosos da comunidade no Estado e associações culturais.

Na cidade, há certos locais onde a presença chinesa é facilmente notada, como o Saara, localizado no centro da cidade e o “Mercadão de Madureira” – também uma área de comércio popular – e adjacências; além das muitas pastelarias espalhadas por toda a cidade.

Os dados utilizados para desenvolvimento da pesquisa são fontes secundárias tais quais: a. livros e artigos de publicações acadêmicas em mídia impressa ou digital; b. mapas temáticos, c. dados estatísticos de instituições relevantes para a pesquisa como o Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo Demográfico e a plataforma do Banco Multidimensional de Estatísticas – BME), Polícia Federal, d. publicações da mídia, impressa ou digital (jornais, revistas, páginas da internet)<sup>9</sup>.

Para obtenção de dados primários, seguiu-se este expediente: ida a locais frequentados pela comunidade sino-brasileira no Rio de Janeiro: Associação Cultural Chinesa do Rio de Janeiro e Igreja Cristã Pão da Vida, no bairro da Tijuca; Igreja Evangélica Chinesa do Rio de Janeiro, em Vila Isabel e Igreja Cristã Vida em Abundância, no Engenho Novo; Templo Budista Fo Guang Shan, no Grajaú; Instituto Confucius, na Gávea; e lojas de produtos de artigos diversos (anteriormente conhecidas como “lojas de R\$ 1,99”) comuns no Saara, Mercado de Madureira e Praça Córsega em Vigário Geral e lanchonetes dispersas pela metrópole carioca.

As entrevistas abertas feitas nesses locais forneceram dados qualitativos e permitiram a apreensão de passagens, histórias, da vida de alguns membros da comunidade – algumas muito ilustrativas de outros fatos que concorreram para o fenômeno estudado. Já os questionários aplicados paralelamente trouxeram dados quantitativos posteriormente agrupados e tabelados.

Tentou-se também, sem sucesso, o uso da plataforma de pesquisa *online* Survio, para onde o questionário foi transplantado (em português e mandarim) para que as pessoas, aproveitando-se do anonimato, pudessem sentir-se mais à vontade para responder às questões. Foram buscadas pessoas adequadas ao perfil da pesquisa através da ferramenta social virtual Facebook, no entanto, apenas uma pessoa respondeu na plataforma.

Este apelo para o uso de sistemas remotos de pesquisa decorreu da dificuldade de estabelecer um canal de comunicação mais livre com a comunidade, notadamente os migrantes propriamente ditos. Tal como Pinheiro-Machado (2006) relata, a abordagem a este grupo social não foi fácil: na maioria das vezes foi preciso muita paciência e insistência para conseguir a colaboração das pessoas. Era muito comum sentir um incômodo com a presença de alguém que não estava no estabelecimento, por exemplo, como um cliente, mas como um pesquisador.

Aos olhos de muitos da comunidade, o provável receio era que sequer fosse alguém interessado em uma pesquisa, mas talvez mais inclinado a fazer uma devassa. Ali estava uma figura estranha, com pasta, questionários, anotações; observando produtos, detalhes,

---

<sup>9</sup> Cita-se também o uso do The World Factbook, da Agência Central de Inteligência dos EUA. A publicação, usada como referência para agentes do Estado norte-americano, tem uma longa tradição em recolher e organizar dados dos países de todo o mundo: sua primeira publicação, ainda confidencial, foi em 1962 (CIA, 2015).

decorações: qualquer elemento que pudesse dar alguma informação. “O que será que ele escreve?”, poderia imaginar o autoquestionamento, diante daquele visitante incomum.

Uma aproximação com parte da comunidade foi tentada de forma a afastar qualquer medo quanto a um possível dano que pudesse ocorrer ao grupo estudado. A ida a locais regularmente frequentados pela comunidade foi uma estratégia adotada para se fazer conhecer. Foram visitadas igrejas evangélicas e um templo budista; em uma das igrejas, havia um número considerável de “não chineses”, o que apontava para uma maior abertura naquele espaço frente aos demais: assim, buscou-se uma aproximação naquele local e visitas quase semanais foram feitas durante mais de um ano (às vezes mais de uma visita por semana).

Além da maior presença de brasileiros sem origem chinesa naquela comunidade religiosa, havia uma disposição de alguns membros, notadamente a esposa do sacerdote, de ensinar chinês àqueles que se interessassem: também desta forma se procurou uma inserção naquele espaço. A formação evangélica que detinha o pesquisador o fez supor ser um ponto a favor para ambientação: havia discussões de ordem teológica que poderia participar, cânticos que se conhecia, muitos cultos foram assistidos, participações em almoços (muito comuns ao final das celebrações religiosas – tanto no meio cristão quanto no budista), mesmo pessoas do círculo afetivo do investigador foram levadas, com uma intenção de passar confiança à comunidade.

No entanto, não houve um sentimento de que o resultado desejado de segurança com a presença deste elemento em meio ao cotidiano estabelecido tenha ocorrido de forma satisfatória. Parecia havia sempre um desconforto latente por qualquer tópico que fugisse do tema “religião” ou “idioma”. Não é possível dizer, obviamente, que tal reserva fosse sentida com todos os integrantes da comunidade, mas continuava sendo difícil capilarizar a pesquisa. É verdade que foram feitos convites para participação em eventos fora do espaço da igreja, como retiros para áreas rurais, no entanto, compromissos outros adquiridos impediram tal presença: quiçá tal fato gerasse a ligação mais próxima desejada pelo pesquisador.

O grupo estudado, em geral, é bastante reservado com desconhecidos. Desta forma, condições como os locais de entrevista – áreas de trabalho, devoção ou lazer – e a duração que cada entrevista levaria (facilmente chegando há mais de 30 minutos) eram complicadores para a obtenção das informações.

Tinha-se uma impressão quase constante de que se atrapalhava a função que desempenhavam naquele momento e o público-alvo da pesquisa parecia sempre muito diligente em tudo que fazia: tempos ociosos eram raridade. Pode-se dizer que tudo é feito com

grande intensidade: se tomarmos o trabalho como sendo uma parte seríssima de suas vidas, então também o lazer e a devoção, ainda que tendo lapsos temporais reduzidos em relação ao primeiro, serão igualmente tratados com o cuidado que merecem.

A pesquisa proporcionou ao pesquisador estar com pessoas que tinham uma bagagem cultural completamente diferente daquelas que este encontrava em seus espaços de convivência. As aulas de chinês, longe de proporcionarem a possibilidade de uma conversação mínima no idioma oriental, serviram para tornar alguns entrevistados mais receptivos. O fato de um não oriental estar se esforçando para falar algo em mandarim, trazer um questionário no mesmo idioma ou levar uma placa com algum escrito como “Olá, sou um estudante de universidade. Por favor, preciso fazer uma pesquisa!” eram fatos que criavam de uma curiosidade até uma comicidade para aqueles trabalhadores em meio à sua rotina. Uma das entrevistadas, uma brasileira filha de chineses, chegou a perguntar se o pesquisador falava chinês, pois a pronúncia das toponímias chinesas era melhor do que o que ela estava acostumada a ouvir.

Foram presenciados eventos com os quais não se tinha conhecimento anterior de suas existências. A área da “Grande Tijuca” foi palco da comemoração do Ano Novo chinês, na praça Edmundo Rêgo, no Grajaú (anexo 5); e de um campeonato estadual de tai chi chuan, no SESC Tijuca (anexo 6). Em ambos os eventos foi possível presenciar danças cerimoniais tais quais a dança do leão e a dança do dragão: performances feitas por um grupo do Instituto Cultural Emei Shan, sediado no município de Maricá por um monge taoísta brasileiro, sem ascendência oriental, cuja formação foi feita na RPC, ainda no período de Mao Zedong.

A comemoração do Ano Novo chinês foi uma iniciativa do templo budista Fo Guang Shan, do Grajaú. A parte local da sanga (comunidade budista), buscando se aproximar da população externa e divulgar sua cultura e a religião, havia conseguido fazer a celebração, pela primeira vez na cidade do Rio de Janeiro, em um espaço público. No templo, o pesquisador teve a oportunidade de participar da recitação dos sutras (ensinamentos budistas) e participar de uma aula de tai chi chuan. A participação nessas ações também foram parte da iniciativa de aproximação com a comunidade chinesa local.

Além disto, para a pesquisa, foram feitas leituras complementares do fenômeno, relacionadas à migração de chineses para outras áreas do globo e em outros momentos históricos, foram feitas de forma a identificar semelhanças e/ou particularidades com aquela que tem como destino a cidade do Rio de Janeiro e seu entorno imediato e cobrir eventuais lacunas teóricas decorrentes de uma relativa falta de material sobre esta migração.



As técnicas de análise utilizadas foram a manipulação dos dados a partir do software de planilha de cálculos Excel para fins de cruzamento e filtragem de dados entre as diferentes planilhas consultadas.

Para a confecção dos mapas, foram feitos croquis pelo próprio pesquisador, com o programa de geoprocessamento QGIS (para o município do Rio de Janeiro e a RPC), de código aberto, com bases cartográficas encontradas na internet. O programa Draw do pacote LibreOffice, também de código aberto, foi usado para esboço de representação da área do Saara, em que uma planta digitalizada foi, posteriormente, vetorizada, para, então, serem incorporados os dados encontrados em campo.

Os croquis foram finalizados através do software ArcGis (versão 10.5), adquirindo os padrões cartográficos requeridos, por Paulo Marcel Testa, geógrafo, especialista em geoprocessamento.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: o segundo capítulo versa sobre os conceitos considerados mais importantes para a pesquisa: mobilidade, redes e território, ou seja, trata da importância da capacidade de se deslocar de um ponto a outro, das redes materiais e imateriais usadas para desenvolver os movimentos e das relações que um grupo pode deter com uma porção do espaço.

O terceiro capítulo faz um levantamento das raízes dos movimentos migratórios chineses, contextualizados com os espaços brasileiro e carioca. O quarto capítulo apresenta uma discussão dos dados encontrados em campo, caracterizando um diversificado fenômeno na escala do município.

O quinto capítulo traz relatos de pessoas participantes do fenômeno estudado, trazendo histórias, percepções, apresentando-os de forma mais próxima e humana. Por fim, seguem as considerações finais do trabalho.

A temática tratada foi escolhida por uma curiosidade desenvolvida ainda na infância no pesquisador. Este, filho de um migrante interno, sempre viu a ideia de ir para outro local para recomeçar a vida como uma “aventura” de proporções quase épicas. A ideia de se adaptar, se integrar e ter algum sucesso em um ambiente estranho sempre foi encarada como algo intrigante e, conseqüentemente, sinal de uma boa história.

Para a academia, o assunto é reconhecido como algo novo, ainda pouco explorado no Brasil e, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro. É um fenômeno cujas primeiras fases ocorreram de forma tímida e distante e agora, num contexto de abertura da RPC ao mundo, há

a expectativa de que a comunidade de origem chinesa possa aumentar na cidade, dotando-a de novos elementos culturais e outras possibilidades econômicas.

## 2. REFLEXÕES SOBRE MOBILIDADE ESPACIAL, REDES E TERRITÓRIO

O ser humano está presente nas terras emersas espalhadas por todo o globo e para que isto ocorresse foi preciso que ele se deslocasse e ocupasse o ecúmeno. A capacidade de mover-se, a mobilidade (WEISZFLOG, 2004), é presente de forma diversa nos grupos humanos, distintos no tempo quando existiram e no espaço onde se localizavam, tanto pela escala/amplitude de seu movimento, quanto pelas motivações que os incitavam.

Poderiam ser índios coletores na América no longo período pré-colombiano, quando extraíam recursos naturais locais até seu limite para depois tornarem a migrar; grupos mongóis na Ásia medieval, que viam o sedentarismo como um sinal de degeneração; ou corsários ingleses, que faziam da vastidão do oceano o seu lar; ou ainda de alemães, imbuídos de ideais ratzelianos e um pangermanismo em busca de um espaço vital necessário à sobrevivência do Estado. É possível reconhecer a mobilidade como uma característica humana e à possibilidade de desenvolvê-la está relacionada a ocorrência de muitos fenômenos sociais tais como guerras, fomes, crises econômicas.

Os exemplos citados acima remetem a apenas um dos tipos de mobilidade que o ser humano possui: a mobilidade espacial. Teles (2005) trata de relembrar algumas noções sobre mobilidade, apontando esta, de caráter espacial, como a mais longa ou comum: “Antigamente, o conceito de mobilidade estava associado a movimentos [deslocamentos] de pessoas e bens e o movimento de pessoas era referente aos movimentos pendulares tipo casa-trabalho...” (p.37).

Tais noções não se perderam e continuam a fazer parte do dia a dia das pessoas, desde a juventude com seus movimentos regulares para a escola até a idade adulta com movimentos relacionados ao cotidiano profissional. Mas a autora aponta também a existência de outra dimensão da mobilidade: a mobilidade social, que “...relaciona estratos sociais (formas sociais) com modos de vida...” (op. cit.: 37).

Ferreira e Leitão (2006) empregam outros nomes às mobilidades espacial e social, fazendo uma boa analogia sobre as possibilidades de movimento de um indivíduo: chamam o primeiro de “mobilidade horizontal” (ou territorial), enquanto o segundo é identificado como “mobilidade vertical”, destacando o caráter hierárquico da sociedade de classes capitalista no qual o mundo atual se insere.

Para o presente trabalho, interessa fundamentalmente a mobilidade espacial que, no entanto, pode ser muito articulada com a mobilidade social: são tipos de mobilidade

diferentes, mas que se influenciam mutuamente, gerando repercussões positivas ou negativas para o indivíduo, grupo familiar ou social em questão.

Citando exemplos, podemos pensar como a mobilidade espacial pode determinar uma queda no nível social: por exemplo, um migrante de formação educacional superior que, ao mudar-se para outro país, passa a desempenhar trabalhos braçais (construção civil, serviços de limpeza ou cozinha), relativamente mal remunerados, no novo local de residência<sup>10</sup>.

Obviamente, esta não é a realidade definitiva que a maioria dos migrantes propõe para si. Migrantes econômicos planejam usar sua capacidade de se mover no espaço para obter um ganho social posterior, de forma que isso represente uma mudança positiva em relação à sua situação original.

A estratégia citada é tão conhecida que se tornou um tema comum na produção cultural de muitos países: histórias que envolvem indianos no Reino Unido, africanos do Magrebe ou Sahel na França, italianos no Brasil, irlandeses nos Estados Unidos da América (EUA). Estes povos emigraram em grande número, de forma que, atualmente, os migrantes e seus descendentes são parte expressiva da paisagem dos países que os receberam.

Por outro lado, a mobilidade social também pode afetar sua contraparte espacial positivamente. Como ilustração, pode-se pensar em um cargo executivo, que não é disponível para qualquer empregado; os poucos elegíveis podem precisar mudar de residência para uma localidade mais central da empresa, assim, a mudança espacial só ocorre por conta de uma condição social prévia.

Negativamente, a mobilidade social pode influir sobre a espacial na medida que um indivíduo ou família cuja renda se retrai, não pode mais arcar com os custos de vida em uma área mais nobre, implicando na mudança para um local mais popular, onde impostos e preços são menores.

As diferenças quanto à mobilidade espacial e social no interior das sociedades são enormes. Embora nas sociedades capitalistas o elemento “renda” aja realçando as capacidades dos diferentes grupos sociais, outros aspectos podem contribuir para o potencial de mobilidade das pessoas, são eles:

---

<sup>10</sup> Isto não exclui a possibilidade de existir no imaginário das pessoas do local de origem do migrante uma ideia de ascensão social comparada com a realidade do espaço que este deixou. O migrante pode ser visto com admiração ou inveja por, simplesmente, viver em um país estrangeiro.

- etnia ou cor de pele, como ocorrido com os negros da África do Sul do *Apartheid*, do sul dos Estados Unidos até o êxito do movimento dos direitos civis e todos os demais escravizados durante o período colonial mundo afora; ou com os judeus da República de Veneza descritos por Sennett (2014) e dos territórios ocupados pelos nazistas durante a II Guerra Mundial (FRANK, 2007);
- determinações religiosas, como a proibição à visitação da cidade de Meca aos não muçulmanos ou a vedação a templos e outras áreas consideradas públicas aos “intocáveis” do sistema de castas hindu;
- gênero, pois sociedades patriarcais tem os homens em situação privilegiada em relação às mulheres, sendo dada a eles a exclusividade da permissão de trabalharem fora e estarem ausentes do limitado espaço doméstico;

Todos os casos citados implicam restrições à mobilidade espacial de forma bastante clara, e, por consequência, também as fazem para a mobilidade social. Limitam chances de trabalho, emprego ou renda; limitam acesso a serviços de educação, transporte público, alimentação e abastecimento, criando um quadro que convida à manutenção de uma organização social já estabelecida.

Bauman (1999) também tratou dessa relação entre as mobilidades. Segundo o autor, “...a mobilidade tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado...” do mundo atual (p.16). Nos sentidos espacial e social, aquele que é móvel pode frequentar e habitar os melhores locais, desfrutando de seus aspectos mais agradáveis e evitando todos os outros problemas e inconvenientes particulares de outros pontos no espaço.

A ligação entre o espacial e o social está mais exposta quando é citado que “...longe de ser um ‘dado’ objetivo, impessoal, físico, a ‘distância’ é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida...” (op. cit.: 19); a medida da distância varia de acordo com o nível social de cada indivíduo.

A mobilidade espacial é um fenômeno geográfico. Ela é uma característica da população de um dado espaço, existindo diferenças quanto a essa capacidade entre os vários grupos sociais. Ela engendra fluxos, que têm a propriedade de modificar tanto o espaço emissor quanto o receptor, espaços de trânsito ou passagem e ainda as relações entre estes espaços.

Assim, este tipo de mobilidade será muito definido pelas diferenças espaciais (nacionais, regionais) que instigam deslocamentos para locais mais atrativos. Dinâmico, uma

vez que o processo de deslocamento humano ocorra, este será grande potencializador de constantes recriações e mudanças no espaço. As diferenciações espaciais, objetos típicos da ciência geográfica, serão, então, causas e consequências, da mobilidade espacial humana.

O espaço geográfico abarca fenômenos biológicos, físicos, químicos, componentes do ambiente, e, articulados a estes, elementos de matriz política, econômica, técnica, relacionados às atividades humanas e suas dinâmicas. Santos (2002) escreve que o espaço geográfico “...é o conjunto de formas que [...] exprimem heranças de sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza [...] mais a vida que as anima...” (p.103). Para ele, o espaço tem caráter geográfico pela presença do ser humano, que insere no meio natural uma dinâmica social e se apropria do espaço para cumprir um objetivo.

Esta importância da figura humana na concepção de espaço geográfico de Milton Santos é muito evidenciada quando o autor cita o projeto da bomba de nêutrons que terminaria com a vida humana em um local, tornando um dado espaço geográfico apenas uma paisagem cristalizada (op. cit.), um conjunto de formas sem vida.

O mundo tem bases naturais, mas são as sociedades que o habitam que determinam valor, significado, às características ambientais ou mesmo humanas, previamente existentes, dos locais e paisagens. Muitos fenômenos espaciais ocorrem em função de tudo que pode ser atribuído a um espaço.

Se, para uma sociedade marítima, uma baía de águas calmas pode ser compreendida como um elemento espacial desejável para abrigar seus barcos antes de um desembarque em terra; para uma sociedade terrestre, ela pode representar um ponto defensivamente fraco, a partir de onde pode se começar uma invasão e a conseqüente perda do poder para um grupo inimigo. As ações de duas sociedades frente ao mesmo elemento podem ser completamente diferentes: a construção de um porto ou de um forte; o estímulo ou a proibição da ocupação do litoral<sup>11</sup>.

Também o fenômeno da mobilidade espacial depende dos valores de uma sociedade: definindo “se” e “como” será exercida. E, como há pouco indicado, as sociedades não estão isoladas umas das outras, seus interesses, muitas vezes, se chocam. O fato de haver grupos sociais diferentes, valorizando um mesmo espaço, pode, comumente, determinar uma disputa

---

<sup>11</sup> Outro exemplo da diferença de valores vinculada ao mar é percebido no atual mercado imobiliário da cidade do Rio de Janeiro, onde a condição litorânea é altamente valorizada como elemento de amenidade na paisagem, de forma que a proximidade do mar é vista como desejável: justificando impostos e alugueis mais altos. Antes, no entanto, o mesmo mar foi visto como algo impuro, dado seu caráter como local de rejeitos, onde muitas pessoas faleciam e ali eram sepultadas (em uma época em que o tráfego marítimo crescia).

por este<sup>12</sup>: tanto em uma escala como a continental, quanto em uma escala como um bairro ou rua. A maneira como tal embate pode se desenrolar varia desde vias econômicas, políticas ou mesmo militares.

Reitera-se aqui, a possibilidade de a prática da mobilidade espacial ser uma resposta a um contexto social: várias estruturas – materiais ou não, vários grupos humanos, com seus respectivos valores, criando um espaço geográfico complexo, diversificado e sob constante mudança. A imagem vista através um caleidoscópio é uma boa metáfora do contexto social cuja uma das expressões é a mobilidade espacial humana: “A cada nova ordem política mundial correspondeu uma nova ordem econômica com a emergência de novos fluxos demográficos” (BECKER, 1997: 319).

As diferenças e desigualdades no espaço geográfico podem ser de muitos tipos: geológicas, altimétricas, climáticas, florísticas, hidrológicas, ideológicas, políticas, econômicas, religiosas, alimentares... Existem vários exemplos de movimentos humanos desencadeados a partir delas: os huguenotes franceses que se deslocaram ao extremo sul da África devido à perseguição dos católicos, os capitalistas cubanos que fugiram para os Estados Unidos ao perderem o controle do Estado para os socialistas, a fuga dos índios do litoral do Brasil para o interior para fugir da escravização imposta pelos portugueses, a grande migração cruzada de hindus e muçulmanos entre o Paquistão e a Índia durante a Descolonização, a desertificação atual em áreas da África Subsaariana que leva a uma pressão demográfica sobre cidades próximas: o “...deslocamento populacional [a migração], reflete mudanças nas relações entre pessoas [...] e entre essas e o seu ambiente físico” (op. cit.: 323).

Becker (op. cit.) lista diversos tipos de mobilidade espacial: internacional, intranacional, intermunicipal, intramunicipal, rural-urbano, rural-rural, movimentos pendulares, movimentos intraurbanos; categorias que envolvem deslocamentos físicos de indivíduos entre posições no espaço em diferentes escalas geográficas.

No interior da ideia de mobilidade espacial estão diversas ações: desde as mais rotineiras, como o fluxo regular estabelecido entre a casa e o trabalho até a migração em escala internacional e em caráter definitivo; ou ainda, as migrações contínuas que ocorrem seguidamente de acordo com as necessidades e capacidades técnicas disponíveis de um grupo

---

<sup>12</sup> É importante destacar que dois ou mais grupos não precisam valorizar um espaço da mesma forma para que este seja alvo de disputa. Uma área vista como de importância econômica para um grupo social pode ser valorizada por outro grupo por um aspecto afetivo, histórico, religioso, de forma que motivos diferentes impulsionem os grupos para o conflito pelo mesmo espaço.

social no contexto do mundo atual globalizado e do meio técnico-científico-informacional tal como trata Santos (2002).

Neste trabalho sobre mobilidade espacial interessa a modalidade das migrações internacionais. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2006), a migração é o:

“movimento de população até o território de outro Estado ou dentro do mesmo que abarca todo o movimento de pessoas seja qual for seu tamanho, sua composição ou causas; inclui migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas excluídas, migrantes econômicos”<sup>13</sup> (p.41).

Esta definição aponta que todos os deslocamentos envolvendo a fixação de pessoas em um novo local, sejam por interesses próprios ou por forças alheias à sua vontade, são movimentos migratórios. Já os agentes em deslocamento podem ser tipificados de acordo com sua motivação: o “migrante”, aquele instigado por “...motivações de conveniência pessoal [...] com intenção de melhorar [...] condições sociais e materiais...”<sup>14</sup> (p.44), o típico “migrante econômico”; enquanto há também o “refugiado”, reconhecido como sendo aquele que, por temores de perseguição de cunho político, religioso, racial, entre outros, não deseja retornar à seu país de origem (op. cit.).

A noção de migração está ligada, costumeiramente, a uma ideia utilitarista de ferramenta para a subsistência ou ascensão social, não importando muito o tempo de duração do deslocamento; quer dizer, não é preciso um movimento definitivo ou mesmo com intenção de o ser para que tal agente seja considerado um migrante: trabalhadores de temporada, com data de chegada e saída previamente definidas, também são considerados migrantes (boias-frias, *braceros*, profissionais da extração de petróleo *off-shore*...).

Becker (1997) aponta algumas abordagens investigativas sobre o fenômeno migratório. Primeiramente, surge uma abordagem que seria classificada mais tarde como neoclássica: pioneira, descritiva, focada no local de origem, no local de destino e seus fatores de atração do migrante, neste último e suas características pessoais. Os pressupostos básicos dos neoclássicos foram desenvolvidos por Ernst Georg Ravenstein ainda em 1885.

---

<sup>13</sup> No original: “Movimiento de población hacia el territorio de otro Estado o dentro del mismo que abarca todo movimiento de personas sea cual fuere su tamaño, su composición o sus causas; incluye migración de refugiados, personas desplazadas, personas desarraigadas, migrantes económicos”.

<sup>14</sup> No original: “...razones de conveniencia personal’ [...] con miras a mejorar [...] condiciones sociales y materiales...”



Na década de 1960, os estudos neoclássicos são tomados por elementos da Geografia Quantitativa, buscando fazer relações entre a migração e a distância entre origem e destino, tentando formular leis sobre a migração e indicar onde era mais provável que ocorressem. Os neoclássicos eram imbuídos de ideias positivistas de progresso, otimistas, e viam a mobilidade como “...mecanismo gerador de equilíbrio [logo] a mobilidade era considerada [um] fluxo de ajustamento...” (p.331).

No enfoque neoclássico, as pessoas migram por maximização de possibilidades, como uma busca de oportunidades. Não há uma crítica a um contexto de desigualdade espacial e pressão econômica sobre algumas classes sociais e áreas deprimidas, hierarquicamente colocadas em posições inferiores no modo de produção. Além disso, não era dada atenção ao fato de que os deslocamentos podem ser desgastantes emocionalmente: há todo um afastamento de entes queridos, de círculos de relacionamentos e um local continente de lembranças as quais não se deseja abandonar<sup>15</sup>; tudo para que o aspecto racional, relacionado ao meio de vida, possa sair do plano das ideias para a prática.

A visão marxista emerge a partir de meados da década de 1970, sendo um contraponto à visão anterior. Segundo neomarxistas como Gaudemar (1977), a migração, em geral, é a expressão da mobilidade espacial humana forçada pelo capital; a compreensão dessa relação – de como o capital induz o movimento populacional – é apontada como o cerne de seu trabalho como pesquisador.

Becker (1997) escreve que “o capital pode escolher a força de trabalho onde melhor lhe convier e da forma que lhe for ainda mais rentável, pois crescem de forma assustadora os estoques de população excedente” (p.324). O trabalhador é detentor de uma única mercadoria – sua força de trabalho – da qual a acumulação capitalista não prescinde totalmente, assim, o operário é necessário, porém seu caráter deve ser adaptável e móvel – como o capital que o emprega.

Essa liberdade do capital, de escolher seus *locus* de produção, deixa o trabalhador – e eleitor – que ainda tem seu emprego em uma encruzilhada: a manutenção do emprego com uma qualidade de vida inferior e uma extração ainda maior de mais-valia; ou, por outro lado, permanecer rígido, com a conservação dos direitos adquiridos, pode significar dar adeus a empreendimentos capitalistas e seus postos de trabalho ou emprego.

---

<sup>15</sup> Para Durham (1984) a migração pode ser traumática, por seu caráter desenraizante. Ela pode representar “...a negação de velhos valores [e] a adoção de novos padrões de comportamento [de maneira que] o migrante vive e realiza de modo concentrado, modificações nos padrões de comportamento e nas relações sociais...” (p.8).

O capital se beneficia das novas tecnologias de transporte, comunicação e produção do mundo globalizado, mais que as próprias pessoas, e se desloca mundo afora em busca de melhores vantagens para sua atividade. Os locais tornam-se concorrentes na lógica da “guerra dos lugares” (SANTOS, 1999), distinguindo-se “...pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos” (SANTOS, 2002: 247). Iniciada a competição, haverá perdedores: alguns locais tornar-se-ão deprimidos e seus residentes serão induzidos a migrar para alimentar o sonho de uma vida melhor.

Vainer (1998) concorda com esse ponto de vista e é bastante claro ao escrever que “...as relações sociais de produção e propriedade [...] antecedem e sobredeterminam os processos migratórios”, o que justificaria todo um resgate do contexto econômico do local de origem dos migrantes, tanto internamente quanto externamente, ou seja, em suas dinâmicas com outros locais.

No mundo globalizado e veloz das empresas e mercados – de consumo e de trabalho, a tecnologia ainda influi em um outro ponto: a crescente automação dos processos produtivos. Assim, o exército industrial de reserva, também uma população excedente como nas já citadas palavras de Becker (1997), cresce ainda mais. A autora observa que: “...de um lado ocorre a reestruturação tecnológica e, de outro, o aprofundamento da exclusão social...” (op. cit.: 325).

Com condições de negociação ainda mais favoráveis ao capital, sobram aos trabalhadores menos empregos, mais exigências, menos direitos trabalhistas, mais dificuldade de manter sua reprodução social. Migrar e buscar uma oportunidade melhor, menos que “votar com os pés”, pode representar a última esperança de sobreviver, simplesmente.

O papel do capital – esse controlador dos postos de emprego na sociedade capitalista – para as migrações é tão importante para os neomarxistas, que, são considerados migrantes apenas “...aqueles indivíduos que seguem os movimentos do capital sob a condição de força de trabalho assalariada, ou potencialmente assalariada” (op. cit.: 342). Determina-se assim, uma maneira de diferenciar o movimento de migrantes – vinculado à venda da força de trabalho – daquele de outros atores que se deslocam no espaço, como turistas e refugiados.

Entretanto, essa definição neomarxista de migrante exclui, pelo menos, um exemplo de movimento populacional, geograficamente considerável e mesmo com caráter definitivo: o indivíduo fora do mercado de trabalho, geralmente idoso, que decide mudar seu local de residência apenas com o objetivo de melhorar seu bem-estar pessoal. Nesta “zona cinza” estaria um aposentado que torna sua segunda residência a primeira: algo comum quando a

distância entre a origem e o destino é relativamente pequena, geralmente uma grande cidade e outra urbe menor com um quê bucólico, como uma área rural ou um balneário.

O mesmo também ocorre em escala internacional, tal como apontam os textos de Jackiewicz e Craine (2014 [2010]) e Staton et al. (2014 [2012]) ao citarem facilidades oferecidas pelo governo do Panamá, atraindo novos residentes com a particular condição de serem aposentados. Eles receberiam um visto de residência próprio e muitos benefícios, tais como isenção fiscal de imóveis – por décadas, isenção fiscal sobre uma importação de até dez mil dólares e descontos em outros serviços. Escrevendo para leitores norte-americanos, Staton (op. cit.) ainda sugere outros destinos interessantes para o público em questão pensando uma possível mudança, tal qual o Equador ou a Costa Rica.

Na década de 1990 e anos 2000 fica evidenciado certo vácuo na capacidade de explicação das correntes teóricas citadas. Os primeiros, os neoclássicos, individualistas, percebiam a migração como algo muito pessoal, subjetivo, de acordo com a vontade de cada um, como uma ação decorrente do simples desejo de uma pessoa, sem grande contextualização social ou espacial.

Os últimos, neomarxistas, estruturalistas, focavam no macroeconômico e minimizavam as especificidades dos grupos, o que ignorando outros elementos importantes para os fenômenos migratórios, mas se apenas as estruturas fossem suficientes “...seria de esperar que as sociedades subdesenvolvidas periféricas emigrassem em massa” (MATOS, 1993: 18-19).

Estes enfoques tendem a uma certa simplificação das explicações, privilegiando um ou outro aspecto – ainda que importante, mas negligenciando outros: o enfoque neoclássico não contextualiza as relações sociais de produção; o neomarxista cria generalizações que necessitam de mais dados empíricos particulares de cada espaço (BECKER, 1997).

Brito (2009), então, propõe outras bases de discussão do fenômeno migratório e seus aspectos relacionados. Elementos de ambas as correntes podem e devem ser conjugados, na construção de um quadro mais fiel. O citado autor (op. cit.) reconhece a migração como um processo que vai muito além do mercado de trabalho, inserindo-se em uma mudança social, cultural, individual e coletiva. Segundo Becker (1997):

“...requerem que se leve em consideração o momento histórico-político e a diversidade das áreas em que o fenômeno ocorre, isto é, o padrão de acumulação e as relações sociais de produção nos diferentes níveis político-espaciais [...] relacionados às especificidades socioeconômicas, culturais e ambientais dos grupos envolvidos” (p.359).

Santos (2007) recupera a história dos estudos sobre redes, que dão seus primeiros passos ainda na década de 1920 e, trinta anos mais tarde, tornaram-se muito praticados pelos sociólogos da Escola de Chicago. Mas, como citado pela autora (op. cit.) e também por Brito (2009), é a partir dos anos de 1990 que a análise das redes sociais (ARS) começa a ganhar, realmente, maior destaque, com muitos trabalhos interessados pelo conceito.

Tanto Granovetter (1973) quanto Molina (2004) destacam como ponto positivo da ARS sua capacidade de melhor estudar as relações entre atores atuantes em microescala quanto em seus equivalentes macro: algo difícil de ser feito, apesar da percepção de sua importância, uma vez que muitos fenômenos sociais são definidos a partir da interação entre estes vários atores atuantes em escalas diversas.

Granovetter (1973), em sua defesa da importância que os laços fracos possuem em uma rede social, cita que estes laços menos intensos, menos íntimos e menos emocionais são os que têm maior capacidade de transmitir ao indivíduo novas informações, exatamente porque o ligam a círculos sociais diferentes, por onde passam conteúdos distintos do habitual.

Para o autor, “a ênfase nos laços fracos presta-se à discussão das relações entre grupos e à análise dos segmentos da estrutura social que não são facilmente definidos em termos de grupos primários” (op. cit.: 1360)<sup>16</sup>. Molina (2004), comparando com os laços fortes, cita a família como exemplo, onde as pessoas têm relações mais intensas, porém redundantes – todos se conhecem, logo, a difusão de algo nesta rede é limitada.

Esses laços fracos funcionam como pontes e são responsáveis tanto por fazer um fenômeno que começa em microescala (como na família) tornar-se macroescalar (cidade, país...), quanto o oposto: fazer com que um fenômeno de grande extensão chegue até aquela família mais distante ou periférica na rede social.

Há uma intenção de resgate dos elementos mais próximos dos indivíduos e comunidade local na ARS, sem ignorar, de forma alguma, a situação social ou econômica mais ampla na qual se inserem. O modo de produção em que se colocam os migrantes é importante, mas a vontade de fazer algo também o é e os atores sociais mais próximos têm grande papel no moldar dos desejos de potenciais migrantes.

O desenvolvimento dos planos sobre a operação da viagem ganha atenção nas investigações sobre a migração. Mesmo antes de tornar-se concreto, o fenômeno migratório (o deslocamento e o estabelecimento do indivíduo) já é influenciado por atores macroescalares como o Estado, organizações supranacionais e suas ações políticas ou econômicas,

---

<sup>16</sup> No original: “Emphasis on weak ties lends itself to discussion of relations between groups and to analysis of segments of social structure not easily defined in terms of primary groups”.

incentivadoras ou repressoras, mas também por atores microescalares como a família, amigos e conhecidos, que terão suas posições e ações favoráveis ou desfavoráveis para a efetivação da migração.

Os filiados à ARS também concedem especial atenção às ferramentas e métodos usados durante a ação dos migrantes. Seus *modi operandi* irão variar enormemente em função de seus contatos, logo, das redes que possuem e de seus conhecimentos, que terão papel fundamental no processo: como falar o idioma local ou ter nível de escolaridade desejado de acordo com o que deseja o governo local.

Para Ramella (1995), inclusive, este é objetivo mais frequente do uso da rede social nos estudos migratórios: “...ver os imigrantes como atores racionais que perseguem objetivos e mobilizam para tais fins os recursos que tem à disposição” (op. cit.: 9).

De acordo com Brito (2009), “a população precisa ser mobilizada socialmente para que seja atraída pela sociedade moderna...” (p.10), e o que faz essa mobilização, essa tomada de atitude, é a comunicação: seja ela através da mídia de massa ou através da interação social mais imediata do indivíduo<sup>17</sup>. Este é o ponto central destacado pelo autor: a percepção do papel destas redes e sua estrutura de contatos (relações pessoais e/ou institucionais).

Existem contextos socioeconômicos que podem tornar uma área interessante ou desprezada para a instalação de uma pessoa – a investigação dessa conjuntura seria o cerne da linha neomarxista; mas existem também os sonhos, os interesses pessoais do indivíduo, que o impelem a sair ou o prendem em seu local de origem – estas seriam preocupações mais típicas da abordagem neoclássica.

O que se propõe é reconhecer que essas percepções individuais podem ser construídas por um arcabouço ideológico de duas origens: a. midiático, capaz de promover um discurso de massa originário de escalas “superiores” e; b. pessoal, vinculado à família e à comunidade mais imediata em que se vive. Tem-se aqui, talvez em um primeiro momento, uma separação muito definida, entre o conteúdo da macroescala e da microescala. No entanto, essas relações escalares não se encerram hermeticamente em cada tipo de discurso citado ao qual um indivíduo está sujeito.

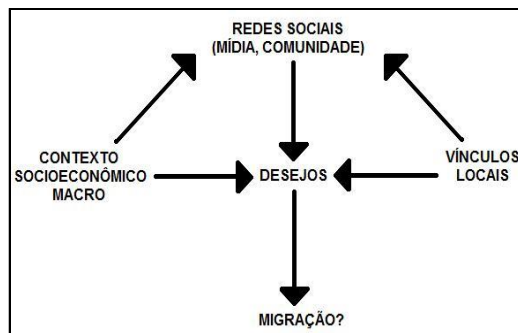
Ambos os arcabouços podem transmitir mensagens de ambas as escalas: tanto desigualdades espaciais criadas a partir de uma conjuntura econômica ampla, como também

---

<sup>17</sup> Granovetter (1973) compreende que o poder da comunicação em massa é mais o de apresentar uma ideia que, no entanto, ficaria latente, não movendo as pessoas diretamente. Esta forma de comunicação transmitiria uma informação, mas seriam os laços pessoais mais próximos – de pessoas sujeitas às mesmas mensagens – que fariam com tal conteúdo fosse seriamente considerado. As relações pessoais passam confiança, trazendo credibilidade à informação dada.

elementos locais dos quais se tem grande apreço. Tais fontes de discursos – a mídia e a as relações pessoais – podem agir tanto de forma convergente quanto divergente na decisão sobre a migração.

Figura 1 - Síntese de influências à migração a partir de Brito (2009)



Organização: Marcelo Rodrigues

A figura anterior (1) tenta sintetizar as influências que envolvem o movimento migratório segundo Brito (op. cit.), pois, para o autor:

“...a migração, ainda que resultante da decisão individual, é um processo social inerente à própria sociedade onde se insere [...] o indivíduo não migra sozinho, mas associado [...] e articulado dentro de uma rede de interações sociais que facilita sua integração...” (p.11).

Um indivíduo pode, por exemplo, tornar-se mais propenso à migração através da veiculação midiática de imagens acerca de um local que é considerado melhor em termos de oportunidades e cuja imagem será reforçada com eventuais relatos positivos de migrantes já estabelecidos. Esse conjunto de discursos pode levar muitas pessoas à percepção de que o exercício da mobilidade espacial é a única ou mais viável forma de alcançar a desejada mobilidade social.

Uma vez que o deslocamento ocorra de fato (isto sendo apenas a primeira parte do processo), novamente, as redes sociais têm um papel muito importante no estabelecimento do migrante no novo local em que se instala. As ligações mais próximas que um indivíduo tem, geralmente formadas no âmbito local, a partir de um contato regular e *in loco*, possuem papel fundamental no desenvolvimento de muitas histórias migratórias. Santos (2007) conclui que:

“...os laços sociais, herdados de certa organização social [apresentam-se] como recursos e estratégias para operacionalizar a migração [destacando que] a rede social da migração formou-se a partir de redes pessoais que existiam antes da ação migratória” (p.54).

Pedone (2002) também reconhece a família – nuclear, estendida ou círculos de amizade – como muito importante para um movimento migratório, capaz de iniciar de toda uma cadeia migratória pela “...transferência de informação e apoios materiais [oferecidos] aos potenciais migrantes...” (p.224).

Tais “...cadeias facilitam o processo de saída e chegada, podem financiar em parte a viagem [ou] encaminhar documentação ou emprego e conseguir moradia...” (op. cit.: 224). As cadeias migratórias seriam parte de uma estrutura maior, com conexões externas à sociedade de destino, formando redes migratórias.

Brito (2009), remetendo-se ao trabalho de Durham (1984), que estudou a migração rural nordestina para a cidade de São Paulo, também reforçará tal compreensão sobre as redes sociais mais familiares, ao afirmar que é este:

“...grupo de relações primárias que acumula as informações necessárias para reduzir os riscos inerentes à migração [pois] é fundamental que a sociedade agrária-tradicional [personificada na forma do migrante] tenha alguma forma de inclusão na ‘economia competitiva’. Somente assim, a necessidade de melhorar de vida pode levar ao abandono do universo da sociedade tradicional, dentro do qual não há alternativa para a ascensão social...” (op. cit.: 11).

Apenas nos chamados casos pioneiros, que envolvem os primeiros migrantes de um grupo social qualquer, é possível dizer que o elemento familiar ou de amizade não terá repercussão tão importante no suporte local da pessoa recém-chegada. Nestes casos, as redes sociais mais atuantes devem envolver agentes institucionais ou sem proximidade afetiva – caracterizando os laços fracos citados por Granovetter (1973): tal qual uma agência de emprego, uma companhia de migração ou um aliciador informal (SASSEN, 2010)<sup>18</sup>.

A rede social é tão importante que, seja qual for o tipo de relação, embora existam locais onde as vantagens econômicas tenham diminuído consideravelmente quando comparado a momentos anteriores, ainda assim, certos fluxos migratórios persistem, muito em função de um grupo previamente instalado (PEDONE, 2002).

---

<sup>18</sup> Nas palavras da autora: “Em primeiro lugar, as migrações foram iniciadas pelo recrutamento direto por empresas, governos, contratos de trabalho ou traficantes. [...] uma vez que uma comunidade de imigrantes se forma, a operação da rede de imigrantes tende a substituir o recrutamento externo, e a migração em cadeia tende a se estabelecer” (SASSEN, 2010: 115).

O período atual da História, caracterizado por uma globalização direcionada pelo sistema capitalista, traz muitas contradições, porque os distintos países do globo (e seus cidadãos e empresas) não se encontram em um mesmo nível técnico e financeiro; constituindo-se uma desigualdade motivadora de fluxos migratórios.

Chama a atenção que o mesmo sistema político-econômico-institucional, no tocante às demandas materiais do indivíduo, tanto instiga as pessoas a migrarem (pois criam áreas deprimidas economicamente), como também veda a realização destes mesmos fluxos (por conta de um mercado de trabalho saturado ou de uma condição de desqualificação profissional relativa).

Entre o cidadão comum – no sistema capitalista, detentor do papel de mera engrenagem no processo produtivo – e a empresa – uma figura criada para obter vantagens econômicas para seu proprietário – está o Estado. Contudo, ultimamente a influência das grandes corporações tem sido cada vez maior na esfera pública, refletindo em toda política estatal – legal e/ou ilegal<sup>19</sup> – em detrimento dos trabalhadores<sup>20</sup>.

A partir de mudanças técnicas nas próprias empresas ou no âmbito legal com o aval dos governos, são adotadas estratégias de cunho neoliberal, que contém palavras-chave tais como “flexibilização”, “terceirização”, “externalização de custos”, “modernização”, disfarçando outros termos menos simpáticos como “desregulamentação”, “precarização”, “subcontratação”, “desemprego”. Podem ser estratégias demasiadamente boas para os grandes empresários e acionistas na busca do local ótimo para a acumulação; para os empregados, não<sup>21</sup>.

Para estes últimos, parece se conformar uma situação de derrota inevitável. Muitos perdem seus empregos, dado o caráter volúvel do capital, que lida com limites institucionais dos Estados cada vez mais porosos, permissivos (vide a já citada “guerra dos lugares”). Aqueles que permanecem empregados neste novo contexto, são potencialmente mais

---

<sup>19</sup> Haja vista a forte influência dos *lobbies* banalizados feitos por certos setores econômicos e as descobertas cada vez mais corriqueiras de episódios em que políticos tomam decisões mediante pagamento de propinas.

<sup>20</sup> Diriam alguns representantes da classe patronal que a função do Estado é até de apenas “não atrapalhar” (argumento dito apenas em momentos econômicos favoráveis, ressalta-se), simplesmente agindo para deixar o ambiente favorável à acumulação.

<sup>21</sup> Castells (1999) trata desse mundo globalizado, onde a aproximação dos indivíduos pode ocorrer enquanto expressão corpórea ou virtual, porém, sem que isso represente um aumento da empatia ou da solidariedade entre as pessoas: a ideia da “aldeia global” não se concretizou. O que se vê é um declínio dos movimentos trabalhistas e uma ascensão do individualismo: a pressão e a competitividade são cada vez maiores em um mercado de trabalho globalmente integrado.



explorados e convivem com mais instabilidade no trabalho em comparação com gerações anteriores não tão distantes: o proletariado estaria dando lugar ao “precariado”<sup>22</sup>.

Todavia existem outras instâncias a serem administradas por esta mesma figura estatal, com as quais as sociedades se importam e que não podem ser completamente negligenciadas. Valores democráticos, autênticos ou não, merecem atenção de chefes de governo e legisladores, para, ao menos, se manterem no jogo político. Se as divergências entre classes sociais e grupos humanos são vistas como algo bastante comum no interior de um sistema capitalista e, mais especificamente, liberal, a fluidez e a velocidade atual do mundo têm a capacidade de tornar tais oposições ainda mais radicalizadas: locais que atraem migrantes podem ser bons exemplos disto.

Souza (2013) escreve que a materialidade é usada por muitas redes. Assim, também os movimentos migratórios – inclusive aqueles considerados indesejados – usam a mesma infraestrutura de transporte de insumos e mercadorias desenvolvida para servir interesses de uma classe dirigente política ou econômica. O efeito colateral disto é que mais grupos sociais podem “se esbarrar” em um mesmo espaço. Grandes diferenças em reduzidos espaços podem gerar atritos por motivações étnicas, culturais, históricas, econômicas.

A Alemanha parece ser um bom exemplo desses choques de interesses. Mesmo tendo passado por uma transição demográfica bem acentuada, aumentando a necessidade de uma força de trabalho estrangeira, ainda assim há camadas conservadoras da população bastante insatisfeitas com a presença de populações de origem médio-oriental, como os turcos, cuja origem remonta ao plano governamental alemão dos “trabalhadores convidados”, das décadas de 60 e 70 do século XX.

Tem-se aí uma situação intrigante, paradoxal. O Estado tem uma gestão capitalista a fazer, para a acumulação acontecer: associa-se a ele uma posição de grande defensor dos interesses nacionais e o crescimento da economia é algo facilmente identificado como tal. Para isto, necessita exatamente de indivíduos vistos como estranhos, externos, alienígenas àquele lugar: os migrantes indesejados.

---

<sup>22</sup> Um bom exemplo desta mobilidade do capital (e dos postos de emprego) pode ser reconhecido através do relato de Pinheiro-Machado (2009). O produto conhecido hoje como “*made in China*”, era, no passado, “*made in Taiwan*”, indicando a mudança do local de produção, da ilha para o continente, dadas as conveniências oferecidas pelo governo da República Popular da China pós-reabertura, mesmo para sua “província rebelde”. Anteriormente, Williams (2003), citando dados de 2001, já informava que 50 mil empresas de Formosa investiram no continente, gerando empregos do outro lado do estreito; cerca de 60% das exportações chinesas de produtos de TI (tecnologia da informação) eram de empresas procedentes da ilha. Ainda segundo o autor, à época, menos da metade dos produtos de TI das empresas formosanas eram produzidos localmente.

Discursos nacionalistas e homogeneizantes, comumente usados pelo Estado, servem para criar uma ideia de unidade entre as pessoas a ponto de gerar orgulho de empreendimentos capitalistas privados, como se estes fossem de toda a população, adquirindo uma aparência de nacionais. Porém, este mesmo discurso, apropriado pelos conservadores, dificulta a aceitação de elementos estrangeiros, potencializando atritos entre os estabelecidos e os de fora, os indesejados (os *outsiders*), tratados por Elias e Scotson (2000).

A chegada de um grande ou contínuo grupo de pessoas distintas, exóticas, frente a uma realidade cultural já posta, pode ser bem incômoda, principalmente se os novos moradores estiverem carregados de algum estereótipo negativo (inferioridade, atraso, criminalidade). A chegada dos “forasteiros” está bem longe de ser unanimidade, mesmo quando necessária.

Becker (1997) menciona a reação às novas possibilidades que o meio técnico-científico-informacional permite: a globalização também tem a capacidade de acirrar a construção de muros físicos e institucionais aos migrantes, além de agravar movimentos racistas alimentados por perigosos discursos de ódio. Brito (2009) chega a apontar que, na realidade atual, a mobilidade espacial dos indesejados, supérfluos, vai a uma categoria de “atividade de risco”.

Migrantes econômicos deslocam-se motivados por diferenças entre áreas: umas deprimidas, outras dinâmicas. Se não há interesse por parte de Estados nacionais, organizações internacionais e corporações de equilibrar a balança do desenvolvimento e bem-estar existente entre estes espaços, migrar deve continuar a ser uma alternativa cabível para milhões de pessoas.

As redes podem ser valorizadas como ferramentas importantes para viabilizar esta mobilidade espacial, tão desejada por sua capacidade de converter-se também em mobilidade social. Podem atuar para diminuir a fricção que envolve distâncias físicas, instituições guiadas por ideologias/objetivos distintos e limitações de infraestrutura, permitindo que o deslocamento e o estabelecimento destes indivíduos aconteçam.

Mesmo porque existem outras redes constituídas exatamente para evitar que o fenômeno migratório aconteça: legisladores, controladores de fronteira firmes, além de pessoas comuns que formam organizações xenofóbicas. Para superar tais adversidades, o migrante precisa ter uma rede de apoio igualmente estabelecida, que lhe apresente melhores condições de fixação, adaptação e, quem sabe, uma futura integração em uma nova sociedade.

Em um sentido amplo, a partir de Requena Santos (1989), Santos (2002) e Molina (2004), podemos compreender “rede” como um conjunto de pontos no espaço que detém relações comuns entre si, criando uma interdependência. Assim sendo, qualquer fato pode desencadear consequências em outros locais desde que estes sejam partes de um mesmo arranjo relacional. A rede pode ser material como são as estradas e os sistemas de transmissão elétrica, mas isto não é imprescindível, pois a rede é, antes de tudo, uma abstração, percebida pela identificação de uma relação espacialmente dispersa.

Com as redes materiais, mercadorias são levadas a tempo de serem consumidas do outro lado do planeta e informações são transmitidas aos vários locais de forma praticamente instantânea. Estas redes contatam locais geograficamente distantes, mas nem sempre com poucos vínculos entre si. Atualmente, a realidade de um ponto qualquer no espaço mundial não pode ser bem apreendida a partir de análises de características próprias, ligadas apenas à escala local: no mundo globalizado, fenômenos na “escala mundo” atuam sobre locais distantes, de forma simultânea e, a princípio, sem coisa alguma em comum (MACHADO, 1998).

Como exemplo de redes imateriais, temos as redes sociais. Estas, em um primeiro olhar, são invisíveis, mas têm tamanha importância que mobilizaram a humanidade na construção de redes materiais, como os sistemas de telecomunicações que se espalham pelo mundo (estando até fora dele), para que essas tais redes invisíveis se tornassem ainda mais intensas.

As redes sociais, esse conjunto de relações que atores sociais (indivíduos ou instituições) possuem entre si, têm um impacto constante sobre a vida, nos seus aspectos mais banais. Podem nos ser úteis, por exemplo, para conhecer a situação de um amigo estimado, conquistar um emprego ou um interesse amoroso. Contatos mais exclusivos sempre puderam significar algum tipo de informação privilegiada.

Retornando ao contexto das migrações, as redes sociais também terão um efeito importante na ação de um indivíduo ou grupo migrante, relacionado a fatos de importância nacional ou mesmo global, como os movimentos internacionais. O futuro migrante precisa de uma série de bens, informações e habilidades que as redes sociais podem fornecer. Estes elementos funcionam para que seu plano não seja malsucedido ou abreviado. Ao migrante, por exemplo, é requerido:

- obter o dinheiro para o transporte;
- passar por uma burocracia consular;
- saber quanto a locais de moradia e trabalho;
- aprender idioma e costumes novos;
- prevenir-se contra a fiscalização, em caso de irregularidade.

Cabe citar, contudo, que as redes sociais – mesmo aquelas que agem na sobreposição de certos obstáculos ao fim desejado pelo migrante – nem sempre tem o caráter altruísta de redes de solidariedade; existindo também redes de interesse e mesmo exploração. Estas podem envolver pessoas nativas dos países receptores que se aproveitam de alguma condição de fragilidade do recém-chegado ou, até mesmo, migrantes mais antigos, que tomam parte em estruturas nebulosas para lucrar à custa de compatriotas desavisados (SANTOS, 2007).

Santos (2002) destaca esta dimensão imaterial das redes: “A rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens e valores que as frequentam” (p.262). A partir de Requena Santos (1989) pode-se compreender as redes sociais como arranjos relacionais, um campo social, formado pelos vínculos existentes entre os membros da sociedade (havendo contato constante e material ou não).

Uma rede social, voltada para o exercício da mobilidade espacial de um indivíduo, pode ser composta por membros da família, amigos, pessoal do governo, agentes aliciadores ou facilitadores da migração, empresas de comunicação social: quanto maior for a rede social que um migrante tiver acesso, maior deverá ser a capacidade deste de se preparar para uma jornada migratória bem-sucedida.

Fazito (2002) indica que uma boa qualidade de informações e um bom ambiente de acolhimento a esse migrante funcionam como “...laços ou conexões sólidas que poderiam explicar a origem, o desenvolvimento e o recrudescimento de tais fluxos [migratórios]” (op. cit.: 1), estimulando um contínuo transbordo de novos conterrâneos dando origem a um fluxo migratório duradouro, tal como destacou Durham (1984) e Pedone (2002).

A rede, cuja ideia remete a um espalhamento de unidades, pontos, assim como uma existência de trocas entre estes, aumenta as possibilidades de reprodução de uma dada ação, pois os agentes integrantes desta podem conhecer um leque maior de oportunidades/facilidades – locais de fixação, vagas de trabalho, outras chances de negócios.

Vieira (2013), ao tratar dos equatorianos originários de Otavalo que viviam na cidade do Rio de Janeiro, aponta para a força das redes sociais como impulsionadora e mantenedora

de fluxos migratórios: “...tendo sido representada pela indicação de amigos e familiares para escolher um lugar para morar e trabalhar na cidade...” (p.125). Mais de 75% dos migrantes relataram tanto a presença de parentes seus na cidade, quanto o questionamento prévio a estes sobre que condições que encontrariam caso migrassem<sup>23</sup>.

Aproximando-se do grupo a ser estudado, pode-se citar os escritos de Liang e Ye (2011), ao mencionarem que formosanos distribuídos em vários continentes podem agir em diferentes posições geográficas, como nós de redes sociais chinesas, ampliando as possibilidades de deslocamento, os trajetos adotados, para potenciais imigrantes atingirem os locais de destino desejados.

Relacionando-se, particularmente, a redes clandestinas de migração, Zhou (2005) escreve que a “...América Latina, particularmente o México, tem servido como estágio para a entrada ilegal [de chineses] nos Estados Unidos” (p.15). Também Benavides (2002), afirma que o Peru, onde está a maior comunidade chinesa da América Latina, é ponto de passagem para migrantes que visam o mesmo destino final.

Segundo Zhou (2005), organizações ilegais responsáveis por esse trânsito de chineses têm conseguido operar com eficiência tanto na China como nas comunidades chinesas dispersas pelo mundo, principalmente se os países tiverem controles de fronteira frágeis, como são os casos dos Estados latino-americanos há pouco mencionados, detentores de grandes territórios a serem patrulhados e com extensas áreas de ocupação esparsa, como o deserto e a floresta equatorial<sup>24</sup>.

A partir da possibilidade técnica de transmitir informações de forma quase instantânea e em pontos difusos, o espaço pode adquirir um caráter reticular. Características de uma organização espacial “clássica”, como a existência de hierarquia rígida, linear, entre espaços e uma relação entre polaridade e proximidade física, agora coexistem com uma complexidade crescente.

Os fluxos e interações das mais variadas naturezas, aos estarem mais livres do atrito da distância geográfica, permitem o surgimento de redes de espaços descontínuos e longínquos. Castells (1999) e Haesbaert (2002) são enfáticos, inclusive, ao compreenderem que esta

---

<sup>23</sup> A autora informa que muitos já tinham experiências prévias em outros países ou cidades, assim como havia um grande número de entrevistados interessados em migrar novamente (mais da metade deles). Destes, alguns planejavam ir para outros países, outros pensavam em retornar ao Equador para encontrar os familiares (elementos importantes da rede social) – porém já aventavam a possibilidade de tornarem a migrar, assim que suas necessidades afetivas estivessem satisfeitas.

<sup>24</sup> Como grandes empresas, as redes de contrabando de migrantes têm muito poder. Destaca-se como ilustração o caso de corrupção de altos membros do governo de Belize – incluindo seu ministro de relações exteriores – que facilitavam o transporte de imigrantes ilegais, como citado por Bolz (1995), colocando o pequeno país centro-americano como mais um ponto de passagem na busca de chineses pelo “sonho americano”.

organização se configura como predominante nos processos e funções da sociedade ocidental atual.

Veltz (1999) reconhece uma dispersão da produção com uma concentração de sua gestão em algumas poucas cidades. Castles (2005) destaca o “...papel determinante que as principais cidades desempenham no desenvolvimento de novas formas globais de produção e distribuição [agindo como] nódulos onde os diversos tipos de redes se interceptam” (op. cit.: 86-87), incluindo as redes sociais migratórias.

A análise das redes sociais dá maior ênfase ao papel de cada pessoa no interior da sociedade e das relações que possui com esta última. O migrante não é um ente puramente econômico e carrega consigo outros aspectos importantes para sua decisão: suas relações de amizade, filiações religiosas, histórias de vida, seus objetivos de vida, sua condição de gênero; diferenças que podem gerar choques econômicos, políticos e culturais no local de destino.

Além de tudo que foi descrito no momento anterior, dá-se, obviamente, destaque especial à família e à possível interdependência entre esta e o potencial migrante: tudo isto pode influenciar grandemente na tomada de uma decisão importantíssima, pois pode mudar por completo a vida de um indivíduo e seu núcleo familiar (RAMELLA, 1995; PEDONE, 2002).

São muitos pontos a avaliar, de forma que, hoje, pesquisadores buscam uma reflexão “...que considere os imigrantes como sujeitos capazes de criar e levar adiante estratégias migratórias para se mover entre contextos micro e macroestruturais...” (PEDONE, 2002: 223), estes podendo serem entendidos como a unidade familiar, a vizinhança, o mundo.

Requena Santos (1989) faz um jogo de palavras que clarifica bem o valor da ARS nos estudos dos fenômenos sociais. O autor, na parte final de seu texto, em vez de chamar tal prática investigativa de “ARS” ou “análise das redes sociais” a denomina como “análise social por meio do conceito de redes”, destacando o instrumento analítico da rede e seu potencial de nos dizer algo sobre a sociedade.

Uma vez que um indivíduo ou grupo social se desloca para um novo local, buscando exercer sua mobilidade espacial (e, reforçando, social); vai, através dos meios que dispõe, sua rede social, viabilizar seu estabelecimento em meio a uma sociedade receptora. Todo esse processo, ao fim, pode levar à definição de um território para este novo grupo social.

Segundo Mesquita (1995), o termo território “...implica uma divisão [espacial] de força política” (p.77). Os locais eram definidos como territórios diferentes a partir da

existência de diferentes fontes de poder sobre cada um deles. Essa concepção não deixou de existir e é uma possibilidade de observação, sendo a visão mais tradicional do conceito, amplamente utilizada no senso comum das pessoas: o território nacional, da tribo, da matilha, da organização criminosa etc.

Essa ideia de poder também é observada na definição de território de Souza (1995), segundo o qual tal conceito seria caracterizado como “...um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (p.78). Contudo, o autor nos apresenta ainda uma outra informação importante quando o define como um “campo de forças” (op. cit.): a percepção de que em um território existe uma multiplicidade de atores além daquele visto como detentor último daquele espaço<sup>25</sup>.

À guisa de exemplificação, ao pensar no território da cidade, ainda que haja um ator que detenha mais poder, há muitos outros, convergentes e divergentes: a Prefeitura, associações de moradores, a polícia, organizações não governamentais (ONGs), grupos religiosos, grupos criminosos, associações de classe.

Tudo isto nos leva a perceber o território como um espaço de conflitos e com uma natureza bastante mutável. Nas sociedades humanas, com interesses diversos, por vezes conflitantes, pode o poder sempre implicar resistência e “...os grupos subalternos ou ‘dominados’ na verdade estão sempre também (re)construindo suas territorialidades...” (HAESBAERT, 2014: 44)<sup>26</sup>.

As relações de poder entre os grupos humanos atuantes em um dado espaço têm a capacidade de mudar muito rapidamente, a partir de conjunturas políticas, econômicas, ideológicas, ambientais. Muita gente fica completamente alheia às discussões, ainda que sejam diretamente impactadas pelo que é decidido: isto somente tornará as possibilidades de mudança ainda mais fáceis para aqueles que estiverem envolvidos ativamente com a política.

Grupos sociais que hoje estão no poder podem não estar mais logo em seguida. Isto pode ocorrer de formas mais democráticas ou republicanas, ou ainda por uma revolução, guerra civil, ou a partir de um grande fenômeno ambiental como um terremoto ou um furacão.

---

<sup>25</sup> Haesbaert (2014) também aponta a importância do poder, resumindo ainda o próprio uso dos conceitos em geral, como ferramentas de análise de uma realidade: “Algumas problemáticas constituem o ‘foco’ central do conceito [...] deixando outras [questões] em segundo plano [ainda que] reconhecendo sua presença [...] ‘espaço’ coloca seu foco no caráter da coexistência [...] dos fenômenos [...] ‘território’ discute a problemática do poder em sua relação indissociável com a produção do espaço” (p.29).

<sup>26</sup> Podemos entender territorialidade como a expressão das relações entre o ser humano ou um grupo social e um território. Segundo Haesbaert (2014) ela “...está ‘intimamente’ ligada ao modo de como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como dão significado ao lugar” (p.59).

Ambos os casos podem significar um caos social e uma reviravolta na organização preestabelecida e, aparentemente, consolidada<sup>27</sup>.

Avançando, há quem reconheça outras possibilidades de concepção de um território, indo além da dimensão material que visa controle. Raffestin (1993) entende que um agente determina um território “ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação)” (p.143). Assim, não seria necessária uma posse material daquele espaço.

A partir da identificação de um indivíduo ou grupo com um determinado espaço, tomado para si, apropriado, também pode-se conceber o surgimento de um território. Ao adquirir uma proporção simbólica, outras possibilidades nos são permitidas: um mesmo espaço pode acondicionar múltiplos territórios de vários grupos e, mesmo, simultaneamente.

Haesbaert (2001) cita algumas linhas conceituais de território: jurídico-política, culturalista e econômica, e intenta encontrar uma ligação entre estas vertentes, uma concepção integralizante de território, para comungar com a concepção de que o território “...é uma espécie de ‘experiência total’ do espaço” (CHIVALLON, 1999 apud HAESBAERT, op. cit.: 1773). Sendo mais minucioso, define que:

“O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...], uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, [...] e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar...” (HAESBAERT, 1996 apud HAESBAERT, 2001: 1770)<sup>28</sup>.

O território, além da discussão sobre sua natureza concreta, abstrata ou ambas, também fomenta discussões sobre suas formas possíveis no espaço geográfico. Partindo das ideias clássicas e do senso comum, existe uma facilidade em reconhecer o aspecto contíguo dos territórios. Isto é muito ligado às mesmas noções de domínio, controle e um poder instituído sobre um determinado espaço.

---

<sup>27</sup> Sobre mudanças no território, penso ser possível tomar como exemplos bastante adequados os casos da França e da Rússia após suas maiores revoluções. Abro a possibilidade de pensar, também, em locais cuja ordem pode ter sido completamente afetada – de forma temporária ou definitiva – por alguns fatos históricos recentes, alguns deles ocorrendo de forma bastante súbita.

Por exemplo, mudanças territoriais muito significativas ocorreram – algumas são bastante claras – em locais como a cidade de Nova Orleães, pós-furacão Katrina; ou a Crimeia, pós-anexação russa. Alguns outros locais, de certa forma, tornaram-se, praticamente, “não territórios” dado seu caráter de evacuação: como a cidade de Prypyat, pós-explosão na usina de Chernobyl; ou a vila de Bento Rodrigues, pós-rompimento da barragem da mineradora Samarco no município de Mariana, estado de Minas Gerais.

<sup>28</sup> Em outro texto, o mesmo autor segue defendendo este ponto de vista ao afirmar que: “Ele [o território] diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação” (HAESBAERT, 2014: 57).



Estes territórios bem delimitados, claramente localizados e identificados no espaço, dotados de uma coesão espacial e uma lógica horizontal, seriam os “territórios-zona” conforme Veltz (1999). Tal noção de território é tão consagrada que o próprio termo é usado como nome para unidades político-administrativas de muitos países no mundo, tais quais o Canadá, os Estados Unidos e o Brasil.

Assim, os educados a partir de uma visão eurocêntrica do mundo, acostumaram-se por muito tempo, com imagem do mapa-múndi e seus “retalhos” coloridos, um ao lado do outro, de forma muito ordenada: cada cor, um território, na sua devida posição geográfica. Para os pequenos fãs de mapas, ver o Alasca como parte dos EUA, porém desconectado do mesmo (ao não formar uma área contínua) poderia ser algo até um pouco incômodo.

Para observação de novas formas de território possíveis, parece ser importante destacar o caráter de espaço social de um território. Souza (1995) indica que o território como conceito em Geografia serve para identificação de “...relações sociais projetadas no espaço...” (p.87) de tal forma que “...eles só existem enquanto durarem [essas] relações sociais...” (SOUZA, 2013: 89).

Então, uma vez que a sociedade pode se organizar em rede, como citado por Castells (1999), esse caráter reticular dá margem à conformação de novos tipos de território tal como cita Haesbaert (2002) e Souza (2013), se aproximando também de Veltz (1999) e seus “territórios-rede”, dotados de uma lógica verticalizada, onde pontos não contíguos relacionam-se, interagem, com uma grande circulação de fluxos entre si<sup>29</sup>.

Quando um novo grupo se instala em um local, novas possibilidades de relações sociais são abertas; também novas possibilidades de relações territoriais surgem. Um grupo como os migrantes precisam se relacionar com a sociedade que os abriga e com esse novo espaço e suas formas e regulações diferenciadas. É possível então, questionar, sobre que tipo de controle ou apropriação se dará na sequência.

A partir da experiência dos migrantes pode-se observar processos contínuos de territorialização e desterritorialização, sendo um a antítese do outro; no entanto, estes podem

---

<sup>29</sup> Haesbaert (2004) advoga que os territórios-rede não seriam novidades do momento atual. O autor considera como um exemplo notável a medieval República de Veneza e seu território mediterrâneo descontínuo formado por áreas como a Ístria, a Dalmácia, Creta, o Dodecaneso e Chipre. Pela mesma lógica os impérios coloniais poderiam ser considerados territórios-rede do mesmo modo, ligados de forma verticalizada através da metrópole. No entanto, talvez tal concepção possa ser um pouco exagerada. Anteriormente, só a proximidade física e a contiguidade permitiam um controle e vivência intensivos e simultâneos de um espaço. No caso de Veneza, por exemplo, o tempo para o contato entre as porções do suposto território-rede era muito lento. Entendo que somente com sua aceleração – a compressão espaço-tempo – é possível deter um domínio territorial instantâneo e disperso, de forma a se apoderar, se apropriar, de um espaço que, ainda fragmentado, está sujeito a uma lógica una.

acontecer de forma simultânea sobre o espaço ou não: a territorialização de um grupo, principalmente sobre uma ótica cultural, nem sempre representa a desterritorialização de outro – lembrando os múltiplos e sobrepostos territórios possíveis. Neste sentido, talvez o melhor exemplo seja a cidade de Jerusalém, considerada sagrada para três grupos religiosos distintos (judeus, cristãos e muçulmanos) ao mesmo tempo<sup>30</sup>.

A partir de Raffestin (1993) é cabível compreender o ato de construção de um território por parte de um grupo, seja de forma material ou imaterial, como um processo de territorialização. Havendo os migrantes passados por um ou mais deslocamentos, deixando locais onde estavam estabelecidos para desembarcarem em uma nova realidade espacial local, compreende-se que é bastante plausível que este grupo passe por processos de territorialização e desterritorialização.

Sair de seu local de origem, às vezes de forma abrupta – como no caso dos refugiados, mais recentemente, ou dos tomados como escravos, no passado – configura-se grande possibilidade de um processo de desterritorialização. É emblemático o uso da palavra inglesa “*uprooted*” – retirar a raiz, arrancar – para expressar o ocorrido com pessoas que passam por tão súbita – e possivelmente traumática – transformação (HANDLIN, 2002).

Da mesma forma como são desterritorializados, eles se (re)territorializam quando assimilam o modo de vida local, incorporando hábitos e familiarizando-se com os nativos ou quando encontrar outros migrantes, formando uma comunidade étnica, onde reproduzem, em uma microescala, seu local de origem, cujo exemplo das “*chinatowns*” não poderia exemplificar tal situação de maneira mais evidente.

---

<sup>30</sup> A religião parece ser rica em exemplos de territórios múltiplos sobrepostos. No Brasil, a elevação onde se localiza a igreja de Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador, se adequa ao fenômeno geográfico citado na medida que, além do templo católico, a colina também recebe anualmente a Lavagem do Bonfim, feita por candomblecistas.

### **3. CONTEXTOS: OS CHINESES, O BRASIL E O RIO DE JANEIRO**

Este capítulo traz um retrospecto da migração chinesa. Aponta suas raízes muito antigas denotando um caráter quase cultural, uma tradição que marcou a forma como os espaços se relacionam, criando uma certa comunidade sínica pelo mundo. O capítulo foi organizado por critérios cronológicos e escalares, de forma a anunciar como o processo migratório chinês se desenvolveu e se expandiu, primeiro para as áreas limdeiras (como o Sudeste Asiático), chegando até a América – e ao Brasil, mais especificamente – e, finalmente, à cidade do Rio de Janeiro, esta metrópole que é quase uma antípoda das terras chinesas, ou seja, um dos locais mais distantes no planeta a partir daquela parte do mundo.

#### **3.1. Das primeiras migrações chinesas à diáspora**

A história dos grupos que dão origem aos atuais chineses vem de, pelo menos, dezesseis séculos antes de Cristo (período Shang): a época estimada da confecção dos mais antigos achados arqueológicos, escritos em ideogramas típicos da língua chinesa padrão usados até hoje. Desde então, outros fatos ajudaram a compor a cultura chinesa que se tem notícia, como a propagação dos ensinamentos de Confúcio (Kong Zi) e os princípios taoistas (período Zhou). A data tradicional da fundação de um Estado chinês unificado pela primeira vez é o ano de 221 a.C., quando as forças militares de Qin Shi Huang terminam com um período de guerras entre vários Estados menores e o líder torna-se o único soberano entre muitos reinos: é o período Qin<sup>31</sup> (TREVISAN, 2012).

O período Qin perdura apenas pela vida do primeiro imperador e é sucedido pelo período Han, em 206 a.C.. A partir de então, os chineses se dirigem ao Sul, ocupando terras até próximas da Indochina (op. cit.). Esta expansão irá continuar com as dinastias Tang (618-907) e Song (960-1279), quando o comércio marítimo se desenvolveu, assim como no período de dominação mongol dos Yuan (1271-1368), quando as ligações com árabes e persas se intensificaram através das Rotas da Seda (ZHOU, 2005). Durante o período imperial, o ápice do comércio chinês com o resto do mundo ocorreu durante a dinastia Ming (1368-1644) quando se deram as grandes navegações chinesas lideradas por Zheng He que passaram pelo Mar do Sul da China, o Sudeste Asiático, o Subcontinente Indiano, a península Arábica e a costa oriental da África.

---

<sup>31</sup> O prefixo “chin” que compõe o nome moderno do povo e do país em vários idiomas teria vindo do nome do próprio imperador: “Qin”.

De acordo com Zhou (op. cit.), quando os europeus chegaram ao Sudeste Asiático no século XVII, os chineses controlavam o comércio de seda e porcelana, e viajavam regularmente de um entreposto a outro; a migração circular entre essas áreas e o Império Chinês também era comum. Quando portugueses, espanhóis, holandeses, franceses e ingleses ali aportaram, encontraram grandes comunidades chinesas em localidades como Brunei, Malaca, Jacarta, Manila e Phnom Penh.

Havendo necessidade de mão de obra, os comerciantes chineses usavam a força de trabalho de parentes ou conhecidos de seus próprios vilarejos de origem. Os pontos onde se estabeleciam transformavam-se em mercados agitados e assim “...eles plantaram as sementes do subsequente comércio e emigração chineses”<sup>32</sup> (p.165).

As populações de origem chinesa se desenvolveram ali há tanto tempo e de forma tão importante, que a Tailândia, e as ilhas de Java e Bornéu (estas duas das maiores do arquipélago indonésio) tinham uma população chinesa que variava entre 45% e 65% do total de habitantes, na década de 1920 do século XIX. Hoje, Cingapura, exatamente no centro dessa área (controlando o Estreito de Malaca, tão importante para o comércio mundial) apresenta 74% de sua população identificada etnicamente como chinesa (SINGAPORE DEPARTMENT OF STATISTICS, 2014). Podemos determinar que a migração sínica se iniciou através da conquista de áreas e passagem de sua cultura para povos estrangeiros e, depois, através do comércio e criação de uma rede de estabelecimentos chineses instituídos por mercadores<sup>33</sup>.

Mais adiante, ainda na dinastia Ming, o Império decide mudar radicalmente sua política externa, fechando-se aos países estrangeiros, o que continuou pelo período Qing (1644-1911). O isolacionismo foi tamanho que a condenação para a saída ou o estabelecimento de residência fora do país podia ser a pena de morte.

Os deslocamentos não deixaram de ocorrer por completo, mas só voltaram a ser ampliados no século XIX, quando as potências coloniais europeias e o Japão obrigaram a China a abrir portos para que pudessem vender seus produtos a grande população chinesa<sup>34</sup>. Com o fim da escravidão em várias colônias, o uso de trabalhadores orientais contratados tornou-se comum, e estes se dispersaram pelo Sudeste Asiático e também pela América

---

<sup>32</sup> No original: “...they planted the seeds for subsequent Chinese trade and emigration”.

<sup>33</sup> Zhou (2005) define este grupo como “*huashang*”.

<sup>34</sup> Durante muitos anos, o único porto chinês que fazia trocas comerciais com o Ocidente era o porto de Cantão (*Guangzhou*). O interesse britânico em vender ópio aos chineses e em mais locais desencadeou as Guerras do Ópio e uma série dos chamados “tratados desiguais”, permitindo maior acesso à China. (AQUINO et al., 1997).

(notadamente pela bacia do Mar do Caribe): eram os trabalhadores que ficaram conhecidos na historiografia ocidental como “*coolies*” (ZHOU, 2005)<sup>35</sup>.

Aproximando-se do momento atual, a migração internacional chinesa apresenta-se com crescente fluidez e complexidade: há migrantes que não fazem mais um simples caminho de “mão única” ou de ida e volta (migração de retorno):

“As migrações contemporâneas se inscrevem no quadro da diáspora que se iniciou a partir do final do século XIX. São interpolares, vão de um país de instalação até outro [...] e multipolares, dirigindo-se, a partir da China, para diferentes países onde a diáspora se estabeleceu” (MA MUNG, 2009: 312).

O termo “diáspora”, de origem grega, carrega, basicamente, o significado de “dispersão”, podendo, de forma bastante simples, ser atribuído aos chineses, pela existência de comunidades tão amplamente espalhadas pelo mundo.

Todavia, há visões mais restritivas que compreendem não somente uma ampla pulverização de pontos pelo globo terrestre, mas também uma rede de comunidades que se relacionam. Estas interações em escala global seriam fundamentais para que o fenômeno seja reconhecido menos como algo estanque, mas como algo dinâmico. Segundo Haesbaert (2001) o conceito de diáspora existe no:

“...bojo da intensificação dos processos migratórios e do (re)fortalecimento dos laços identitários e de solidariedade [promovendo] laços muito intensos de relacionamento [...] tanto com a área de origem como entre as áreas de migração em diferentes pontos do globo [e] repercute numa rica vida associativa interna...” (p.1773).

Os deslocamentos demográficos mais recentes se beneficiam das inovações técnicas nas comunicações e nos transportes que induzem a um acirramento da globalização e proporcionam um maior tráfego de informações, dinheiro, mercadorias e pessoas, em menor tempo, mundo afora (BAUMAN, 1999; HARVEY, 2005).

O espaço global contemporâneo é cada vez mais caracterizado como o meio técnico-científico-informacional descrito por Santos (2002): onde redes se espalham, infraestruturas conectam, transmitem, e as pessoas utilizam as novas técnicas de forma a conhecer suas (novas) opções e operacionalizar estratégias, às vezes complexas, para um fim, no entanto, bem simples: viver, com uma qualidade superior.

---

<sup>35</sup> A autora usa o termo “*huagong*” (op. cit.).

A diáspora chinesa, alimentada pelas novas gerações e pela continuidade de movimentos migratórios, corresponde a uma das comunidades étnicas mais ativas do mundo e é provável que continue a crescer, pois, se a República Popular da China apresenta um grande crescimento econômico, este ainda é pouco para dar conta de uma mão de obra disponível tão grande:

“Mesmo quando a economia cresce 9% ou 10%, ela fracassa por uma margem de milhões na criação dos 24 milhões de empregos necessários todos os anos. Desse modo, enquanto o resto do mundo pensa que a China está gozando de uma espantosa prosperidade [há] uma infundável crise de empregos [...] Se a taxa de crescimento caísse dramaticamente, essas convulsões certamente iriam se intensificar” (KYNGE, 2007).

O mesmo autor (op. cit.), falando sobre a situação em 2006, cita que a urbanização na China ainda estava “na infância” e outros dados mais recentes apontam que a assertiva era verdadeira. Segundo Zhu (2014), naquele ano, a população rural ainda correspondia a 47% do total dos habitantes do país, sendo este estrato demográfico o que mais sofreu com o acirramento das desigualdades sociais. Para a grande massa da população chinesa, a emigração pode representar uma opção na busca de melhor condição de vida.

A sociedade chinesa, notadamente na RPC, vem mudando muito. Depois de um grave período de fome (período do projeto do “Grande Salto Adiante”), passou por uma abertura econômica e vê alguns de seus integrantes enriquecendo velozmente. Assim, o movimento de chineses em direção ao exterior também pode ser estimulado pela percepção de “privação relativa” (LIANG e YE, 2011), uma visão que as pessoas têm de sua condição socioeconômica, não por suas próprias posses, mas pelas posses dos outros.

Algumas pessoas se sentiriam em condições inferiores por comparação, não pela falta de condições de atender a uma demanda específica:

“A crescente desigualdade na China faz as pessoas nas camadas sociais mais baixas sentirem um senso de privação relativa e desesperadas para encontrar formas de fazer dinheiro e ficar ricas. [De maneira que, deixar o país] pelo meio legal ou ilegal, é um caminho alternativo de ficar rico, elas pensam”<sup>36</sup> (op. cit.: 214).

---

<sup>36</sup> No original: “The increased inequality in China makes people at the bottom feel a sense of relative deprivation and desperate to find ways to make money and become rich [...] through either legal or illegal channels, is an alternative way of getting rich, they think”.

A diáspora chinesa é um fenômeno global responsável pela dispersão de um povo através de distintos eventos e locais: na construção de estradas de ferro e exploração de minas no oeste norte-americano; na criação de um Estado de maioria chinesa em um local que nunca foi controlado pelo Império Chinês (Cingapura); na construção de infraestrutura e estádios em diversos países africanos como Angola, Moçambique, Mali e Zâmbia; no surgimento daquilo que se tornou o sinônimo de bairro étnico no mundo, a *chinatown*, que existe nas cidades mais variadas: de Londres a Vladivostok; de Dubai a São Francisco; de Bancoc a Lima (BENAVIDES, 2002; ZHOU, 2005; MA MUNG, 2009, 2009b; WILL, 2013).

Pinheiro-Machado (2006), percebendo seu caráter vivo, diaspórico, no sentido citado por Haesbaert (2001), que há em muitas das redes migratórias chinesas, escreve que, se dificuldades aparecem, “...haverá sempre contatos noutra país para que possibilite um novo processo migratório” (p.25).

### 3.2. Os chineses e o Brasil

Resgatando os vínculos mais remotos entre a China e o Brasil, Leite (1999) cita que os primeiros contatos entre os dois povos devem ter ocorrido a partir do século XVI, pois havia chineses no interior dos navios europeus da época, como tripulação ou como escravos. Desses contatos iniciais, teriam sido adquiridos pelos brasileiros alguns objetos e hábitos como o uso de leques, guarda-sóis, fogos de artifício.

Leite (op. cit.), Shu (2009) e também Stenberg (2012) apontam o ano de 1812 como o momento inaugural da migração chinesa para o Brasil, quando chegam trezentos imigrantes provenientes da província interiorana de Hubei para um projeto de Dom João VI de desenvolvimento da cultura do chá no Rio de Janeiro, no atual Jardim Botânico<sup>37</sup>. No entanto, o projeto não é bem sucedido: os chineses queixam-se de maus tratos<sup>38</sup>; brasileiros pensam que há uma proteção do conhecimento da atividade agrícola e por fim, os imigrantes acabam fugindo (SHU, 2009).

---

<sup>37</sup> A imigração chinesa é uma das mais antigas do país; posterior, obviamente, aos deslocamentos forçados de negros africanos e da vinda de portugueses. Por outro lado, a chegada dos chineses é anterior, por exemplo, ao desembarque de suíços-franceses em Nova Friburgo/RJ (final da década de 10 do século XIX), a chegada dos alemães em São Leopoldo/RS (década de 20 do mesmo século); ou dos japoneses, que aportaram em Santos/SP somente em 1908.

<sup>38</sup> Castilho (2010) cita entre abusos sofridos pelos *coolies* chineses no Brasil: má alimentação, castigos corporais e redução de salários. De acordo com Shu (2009), praticamente à totalidade dos chineses foi imposto um nome português, logo, perfazendo o mesmo costume que os fazendeiros tinham para os escravos africanos.

Castilho (2010) relata outras experiências de uso de mão de obra chinesa em anos posteriores, sempre chegando ao Rio de Janeiro: em 1854, desembarcam cerca de outros trezentos chineses, mas a produção também não progrediu, supostamente pela duração curta dos contratos e porque nem todos os imigrantes tinham, de fato, habilidade com a lavoura; em 1856, nova tentativa com 368 pessoas, havendo reclamações tanto dos empregados, como dos empregadores; e em 1866, quando o governo brasileiro trouxe 312 chineses que foram alocados em obras públicas em vez do trabalho agrícola onde o Estado desejava os empregar.

Em 1882, foi fundada a Companhia de Comércio e Imigração Chinesa, contando com o apoio do governo brasileiro para trazer ao país 21 mil trabalhadores. Mil chineses desembarcaram no Rio de Janeiro e foram enviados a São João del Rey (MG) para trabalhar na mina de Morro Velho: mais da metade dos imigrantes recusou-se a pôr os pés na mina, e os que aceitaram, fugiram pouco tempo depois (SHU, 2009). Foram tentativas pontuais, decorrentes do pouco sucesso de cada uma delas. Segundo Stenberg (2012), ao fim de todo o século XIX, chegaram ao país, em números oficiais, apenas três mil chineses, um número bem aquém do planejado.

Esses projetos de imigração – cujo fundo ideológico era relacionado a ideias eugenistas e eurocêntricas, que usavam como pretexto uma suposta falta de mão de obra no país – poderiam ter sido mais bem sucedidos se o governo brasileiro não estivesse dividido entre aqueles que desejavam e os que rejeitavam a imigração chinesa: os agentes governamentais buscavam uma diminuição do elemento de origem africana na composição da população nacional e, nesse contexto, os chineses eram vistos como uma força de trabalho de menor custo que o trabalhador europeu; por outro lado, também pairava sobre os orientais uma má fama: seriam indolentes, fisicamente fracos e dependentes de ópio (CASTILHO, 2010). Segundo Shu (2009) a maioria destes chineses chegados ao Brasil era cantonesa<sup>39</sup>, logo, originários do sul da China, exatamente a área que mais manteve contato com o exterior, desde, pelo menos, meados do século XIX.

As migrações sempre foram muito afetadas pelas condições econômicas e/ou sociais e assim ocorreu no início do século XX, quando a China passou a ser agitada por uma série de mudanças políticas drásticas em sequência: a começar em 1911, com o fim do regime imperial da dinastia Qing e a proclamação da república. A partir daí, segundo Shu (op. cit.),

---

<sup>39</sup> O termo “cantonês” tem diferentes sentidos: pode ser uma forma simples de definir o habitante da província sulista de Guangdong (cuja capital é Cantão); pode também indicar o falante do dialeto *yue* ou cantonês (uma das expressões orais do chinês), usado na maior parte da província já citada; na porção leste de sua vizinha, Guangxi; e nas regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau. (DAVID, 2009).



chegam ao Rio de Janeiro novos imigrantes chineses, com características distintas do grupo anterior: são originários da província de Zhejiang, mais precisamente da localidade de Qingtian e vieram se estabelecer no comércio.

Além deste comércio de artigos importados, muitos dos chineses no Rio de Janeiro, já no início do século XX, trabalhavam no ramo da alimentação (restaurantes e pastelarias), um setor que também não demanda escolaridade e cujo conhecimento do idioma dos locais pode ser apenas básico. Em 1919, é fundado o primeiro clube social da comunidade no Rio de Janeiro, o Centro Social Chinês. Em 1921, a agremiação tinha perto de trezentos associados, sendo 82,4% deles cantoneses (op. cit.).

De acordo com Benavides (2002), a migração chinesa para o Brasil foi muito pequena durante a primeira metade do século XX – havia apenas 10 mil chineses no país ao fim do período. Era um momento histórico muito agitado em que a China continuava envolvida em situações de grande caos social: uma invasão japonesa, a II Guerra Mundial e a revolução de 1949 – que representou uma mudança radical na política do país.

O fim da revolução é determinado pela vitória dos socialistas, liderados por Mao Zedong – fundadores da nova República Popular da China – acontecendo na sequência uma fuga dos chineses de orientação capitalista para a ilha de Formosa, onde estabelecem um outro Estado independente do continente, a República da China. De acordo com Zhou (2005) foram mais de dois milhões de soldados apoiadores do *Kuomintang* a buscar refúgio na ilha.

O regime da República Popular nunca reconheceu a independência de Formosa, mantendo o receio constante de que alguma ação de recuperação desse território pudesse acontecer a qualquer momento, tornando o ambiente incerto para o restabelecimento de uma rotina diária: a possibilidade de emigrar também da ilha seria uma alternativa considerada, como será visto mais adiante.

Os chineses do primeiro momento migratório pós-revolução – iniciado ainda em meio a esta última, seguindo pelos anos seguintes à consolidação da República Popular da China até a Revolução Cultural – que chegaram ao Brasil, eram empresários da província de Shandong e da cidade de Xangai (CHEN, SHYU e MENEZES JR., 2009), locais que, de acordo com Benavides (2002), eram bases do *Kuomintang*. Este modelo de fases é proposto por Stenberg (2012) e adotado neste trabalho com algumas contribuições de Ma (2003) e Shu (2009) e teria como exemplos de migrantes da primeira etapa:

- Christine Yufon, modelo e artista plástica, nascida em Pequim em 1923. Morou em Xangai até 1948, quando deixou a China Continental, via Hong Kong, e foi para a França. Chega ao Brasil em 1952, com 29 anos (BUSCH, 2014 [2002]; ANIC, 2009);
- Lawrence Pih, proprietário do Moinho Pacífico. Nascido em Xangai em 1942, chegou ao Brasil em 1950, com 8 anos de idade, a partir de Hong Kong, onde se fixou por um momento. Seu pai, um industrial, não via o então território britânico como um local seguro para se restabelecer dada a proximidade com a RPC e de lá decidiu sair (LANDIM, 2014 [2010]; BATISTA, 2014);
- Paul Liu, presidente honorário da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico. Nascido em Qingdao, Shandong, em 1950, chegou ao Brasil em 1960, após passar um período em Hong Kong (UOL NOTÍCIAS, 2014 [2004]; DUARTE, 2014 [2009]).

As breves descrições retratadas, dizem respeito a migrantes que deixaram a China durante a revolução ou poucos anos após a mesma: todos eles se instalaram na cidade de São Paulo. A mudança de governo e ideologia da China continental poderia ser arriscada para muitos deles: Yufon era filha de um cônsul do governo do *Kuomintang*, Pih era filho de um industrial de Xangai e o pai de Liu era um comerciante de seda. Seja por razões econômicas, seja por razões políticas, a nova China não se colocava como um bom local para pessoas de famílias com tais perfis<sup>40</sup>.

No Rio de Janeiro existem histórias de migrantes como as que seguem:

“Era 1949, ano em que a revolução comunista foi vitoriosa na China [...] Ele, de 38 anos, general do Exército de Chiang Kai-shek – do regime derrotado –, fugia do país e ajudava outras pessoas, como aquela moça, de 18, a escapar da guerra civil e se refugiar em Hong Kong, então um enclave colonial. Da paixão dos fugitivos nasceu, dois anos depois, Hsui Chean Yok. Em 1955, a família decidiu cruzar o globo e tentar a sorte no Brasil [...] conta ‘Chean’, como ficou conhecida aqui, hoje empresária bem-sucedida, especialista em iluminação” (CERQUEIRA, 2008).

“De Guangdong, província no sul, veio o empresário Chan Leh Chi [...] filho de agricultores, que desembarcou em 1958, aos 13 anos. [...] Chan foi trabalhar em uma pastelaria. Hoje tem seis casas.” (op. cit.).

---

<sup>40</sup> De acordo com Chen, Shyu e Menezes Jr. (2009) e Stenberg (2012), alguns industriais chegaram ao Brasil mesmo com fábricas inteiras desmontadas.

Nos anos seguintes à revolução, o governo de Mao Zedong confiscou sumariamente propriedades, perseguiu, prendeu e executou pessoas (como na sequência do Movimento das Cem Flores). Mais tarde aconteceriam outros dois fatos de grande importância histórica para a China: o plano fracassado do Grande Salto Adiante (1958-1961) que levou o país a um período de fome generalizada devido à perda de colheitas inteiras (BIANCO, 2009) e a Revolução Cultural (1966-1976) caracterizada pela perseguição política radical de qualquer pessoa que sequer aparentasse defender uma matriz ideológica diferente da oficial e uma perda do controle governamental sobre os responsáveis pela suposta “reeducação” dos “revisionistas”, “contrarrevolucionários” ou “burgueses” levando a enormes crueldades (KYNIGE, 2007; XINRAN, 2007, 2008; KREISSLER, 2009).

Esses primeiros relatos apontam a importância inicial de Hong Kong para a migração, pois se configurava como uma verdadeira porta de saída da China e de entrada para o Ocidente. A cidade era um ponto tradicional de embarque de emigrantes para a América: uma cidade portuária que, controlada pelos britânicos, localizava-se fora do alcance dos maoistas (ZHOU, 2005).

A revolução foi declarada em 1949, mas eventuais focos de resistência fiéis aos ideais do *Kuomintang* ainda existiam dispersos em alguns pontos, o que requereu atenção dos maoistas. Alguns anos mais tarde, quando estes detiveram total poder sobre o continente, os controles fronteiriços foram recompostos e sair da República Popular da China passou a exigir uma burocracia, antes inexistente, e pouco simpática a autorizar a saída de seus nacionais (SHU, 2009).

O gradual aumento do controle migratório pode ser observado pelo relato deste mesmo autor quando cita que um chinês saiu do país em 1953 “com tranquilidade” porque “o exame não era rigoroso”. No entanto, o mesmo movimento feito por outra pessoa em 1957 foi bem mais demorado, pois a autorização passou por cinco estâncias diferentes antes que este pudesse chegar até Macau (op. cit.)<sup>41</sup>.

Os anos de 1960 marcam o começo da Revolução Cultural na RPC (1966), que representou um momento extremo na história do país, caracterizado por expressões tais como “caos social”, “perseguições” e “histeria”, sendo considerado um dos períodos mais sombrios da longa história chinesa (XINRAN, 2007, 2008; SHU, 2009, TREVISAN, 2013). Isso

---

<sup>41</sup> Mesmo depois de deixar a República Popular da China, emigrar para o Brasil ainda podia demandar muito tempo e energia, pois além de ter que ir para Macau, para conseguir um passaporte da República da China (Formosa), o então Estado chinês reconhecido pelo governo do Brasil, era preciso ainda ir a Hong Kong para conseguir o visto brasileiro de entrada (op. cit.).

repercutiu enormemente nas possibilidades de deixar o país: algo que era visto como um gravíssimo crime de traição à pátria e à revolução proletária (SHU, 2009).

De acordo com Zhou (2005):

“A migração para e a partir da China foi estritamente proibida pelo Estado. Cruzar os limites do país ilegalmente tornou-se um crime e qualquer ligação extraterritorial era condenada como espionagem e traição sujeitas à punição em campos de trabalho forçado, prisão [ou morte]”<sup>42</sup> (p.178).

Mesmo o fato de ter parentes no exterior poderia ser motivo para algum tipo de punição por parte dos descontrolados agentes da “revolução”, tais quais os Guardas Vermelhos, que protagonizaram atos de verdadeira barbárie, em irracionais suspeitas de relações entre pessoas comuns com poderes estrangeiros. Todos que pudessem ser minimamente ligados a alguma intervenção internacional estava sujeito às mais severas punições (XINRAN, 2007, 2008; SHU, 2009).

A partir dos anos de 1960, chega a São Paulo uma classe média da ilha e um menor número de pessoas vindas de Hong Kong (STENBERG, 2012). Infere-se assim que padrões nascidos no continente e radicados em Formosa, seus filhos, além de pessoas cujas origens já estavam na própria ilha, compuseram uma nova leva de migrantes para o Brasil, assim como para outros locais. Esta seria uma nova onda migratória marcada por uma mudança no local de origem dos imigrantes: formosanos e honcongueses, receosos quanto a possíveis ações militares de reconquista por parte da China continental seriam os novos protagonistas da emigração (ZHOU, 2005).

Benavides (2002) usa, inclusive, o relativo destaque da população formosana entre os imigrantes chineses que chegaram a São Paulo, como um grande diferencial entre a capital paulista e a capital peruana, Lima, onde a pesquisadora estabeleceu residência<sup>43</sup>.

Na metrópole fluminense, ilustra esta segunda fase migratória, a história de Chang Chi Chai, cuja obra inteiramente baseada no Brasil é descrita por Ricci (2014) e também é citada por Cerqueira (2008):

---

<sup>42</sup> No original: “Migration to and from China was strictly prohibited by the state. Illegal border crossing became a crime and overseas connections were condemned as espionage and treason subject to punishment in camp labor or jail...”

Shu (2009) cita a história de dez moradores de Qingtian, Zhejiang, que tentando chegar a Macau, foram detidos, mandados de volta e executados.

<sup>43</sup> No caso peruano, onde migrantes do continente e seus descendentes seriam o grupo chinês mais expressivo, o caráter histórico intenso da imigração sínica para o Peru é percebido através de estudos que apontam para a chegada de cerca de cem mil *coolies* chineses no porto peruano de Callao (vizinho da capital) ainda durante o século XIX (op. cit.).

“[a artista plástica] aqui desde 1976, [...] nasceu em Taiwan [em 1963], após seus pais, o militar Chang Ta [...] e a professora Wu Chin Chai [...] terem fugido da China continental. Durante vinte anos, o casal manteve um restaurante em Niterói...” (op. cit.).

No final da década de 1960, também se dirigem para o Brasil, chineses que antes estavam vivendo na Indonésia, muitos fugindo da ditadura de Hadji Suharto (CHEN, SHYU e MENEZES JR., 2009) – um dos próprios autores do artigo citado, o professor da Universidade de São Paulo, David J. Y. Shyu, é sino-indonésio de origem, vindo para o Brasil no início dos anos 1970 (DIAS, 2014 [2004])<sup>44</sup>.

A corrida persecutória da Revolução Cultural foi amenizando a partir de 1969 e seu fim em 1976, que foi praticamente seguido da morte de Mao Zedong no mesmo ano (KREISSLER, 2009). Nos seis anos finais da Revolução Cultural muito aconteceu na direção de um apaziguamento dos atritos internacionais da RPC com outros atores do mundo: os Estados Unidos e a China continental iniciaram um processo de restabelecimento de relações diplomáticas que se iniciou em 1971<sup>45</sup>, houve uma viagem do presidente norte-americano Richard Nixon à República Popular da China em 1972, o reconhecimento do regime maoista pelos norte-americanos e a expulsão de Formosa da Organização das Nações Unidas (ONU).

No que se refere ao Brasil, este refez a diplomacia com a China continental em 1974, voltando a ter representação oficial em Pequim (SHU, 2009). Em 1978, depois de todos os graves problemas que o país durante os cerca de trinta anos de regime maoista, um grupo considerado moderado do Partido Comunista torna-se dominante no cenário político chinês: era a emergência da nova liderança de Deng Xiaoping, que iniciou um longo período de reformas econômicas e, no ano seguinte, relaxou certas restrições impostas aos chineses do continente, concedendo maior liberdade de entrar e sair do país, determinando o fim desta segunda fase (CABESTAN, 2009; SHU, 2009).

A emigração para o Brasil, agora em condições bem mais favoráveis – tanto no que diz respeito à situação político-institucional quanto sob os aspectos técnicos dos meios de transporte e comunicação – tomou novo fôlego no início dos anos de 1990, sendo estes migrantes, novamente, do continente, de províncias como Zhejiang e Guangdong, áreas com grande tradição emigratória já apontada<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Ma (2003) também resume o período a partir dos anos de 1960 como de maior diversidade de polos emissores de populações chinesas para outras partes do mundo. Dentre os novos locais de origem destacados pelo autor estão Hong Kong, Formosa e o Sudeste Asiático.

<sup>45</sup> O processo foi concluído em 1978.

<sup>46</sup> Estas províncias meridionais da China além de estarem próximas dos principais pontos de embarque (Cantão, Macau, Hong Kong, por exemplo), tem mesmo uma cultura de migração instigada também pelas condições

Stenberg (2012) identifica a existência de uma “cadeia migratória”<sup>47</sup>, levando ao reagrupamento familiar/afetivo, que ocorre quando os novos migrantes seguem os passos de familiares ou conhecidos já estabelecidos (PEDONE, 2002), as vezes sendo até mesmo convidados por estes últimos a virem. Esta terceira fase estaria em andamento até o presente momento.

Sobre o período atual, os números oficiais divergem bastante das estimativas feitas por organizações relacionadas à população chinesa. Por exemplo, em 2010, a Embaixada da República Popular da China estimava a presença de 250 mil chineses no Brasil, sendo destes, 200 mil vivendo na cidade de São Paulo (BEDINELLI e VELEDA, 2010), ou seja, somente a capital paulista teria 80% de toda a população sínica do país.

Mas para a Polícia Federal (PF) haveria quantidades bem menores do que aquelas apontadas pelas autoridades chinesas. Segundo este órgão brasileiro, em 2009, haveria 28.526 chineses regularizados no país; número que teria aumentado para, pelo menos, 35.444 (aqueles com registro permanente) no ano de 2015 (RODRIGUES, 2012; NITAHARA, 2015).

Os valores obtidos pela instituição de pesquisa por excelência no país para fins demográficos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são exatamente os que possuem menor expressão. De acordo com o último Censo Demográfico (2010), foram identificados apenas 19.397 chineses no país (IBGE, 2013 [2012]).

Cabe lembrar que os números do IBGE representam apenas pessoas que informaram sua naturalidade como “chinesa”; pessoas que nasceram em outros locais, mesmo possuindo origem chinesa não fazem parte deste total, não importando sua herança cultural. De qualquer modo, destaca-se aqui a grande diferença entre a informação dada pelos órgãos dos dois países: comparando os dados da PF (2009) e do IBGE (2013) e embaixada (2010), os números da Polícia Federal corresponderiam a somente 11% daqueles apresentados pelo governo da China continental e os do IBGE representariam ainda menos: apenas 8% do total dos valores fornecidos por aquele país.

Caso os valores fornecidos por ambos os países correspondam a uma proximidade com a realidade, então teríamos duas possibilidades: a primeira delas é que haveria um pequeno grupo de chineses no país de fato nascidos na China e uma grande maioria de pessoas de origem sínica nascida no Brasil (descendentes) ou vindas de outras comunidades

---

socioambientais tais como a pressão demográfica e relevo acidentado conduzindo a uma falta de terras e conflitos internos (LIVE, 2009).

<sup>47</sup> No original: “*chain-migration*”.

chinesas do mundo. Tomando tal premissa como verdadeira, a partir dos dados citados, o número de residentes no Brasil de origem chinesa – sem nunca terem tido a cidadania ancestral – poderia chegar a, pelo menos, 220 mil pessoas.

A segunda possibilidade percebida é que esta grande disparidade entre fontes pode indicar uma condição ilegal de muitos dos que aqui estão; e aí os relatos midiáticos de crimes relacionados à superexploração do trabalho de imigrantes chineses podem reforçar essa tese, pois são muito vinculados a dois aspectos:

1. são explorados devido ao estado de clandestinidade no qual se encontram (nisto reside o receio da saída compulsória do país): mais notificações de crimes de exploração laboral excessiva de pessoas vulneráveis podem denotar uma maior quantidade de pessoas em condições irregulares<sup>48</sup>. Estas pessoas, por se inserirem informalmente no mercado de trabalho através de redes sociais internas à comunidade chinesa, não precisam do status legal no país para trabalhar.
2. muitos dos locais onde foram encontrados imigrantes em condições de trabalho escravo são especificamente de um setor econômico muito farto nas cidades brasileiras: são estabelecimentos que empregam um número relativamente grande de pessoas em comparação ao tamanho do imóvel, este, às vezes, diminuto, e que necessitam de força de trabalho intensiva em ação constante (produção de alimentos). Trabalhadores com pouca educação formal tornam-se improváveis candidatos a outros trabalhos que fujam de um caráter mais braçal. A multiplicação de estabelecimentos como estes se deve aos baixos preços praticados, atingindo uma clientela que procura tanto uma alimentação de baixo custo quanto rápida.

Tanto o IBGE quanto outros pesquisadores apontam para um papel bastante destacado do estado de São Paulo como principal área de concentração da população chinesa no Brasil. No entanto, são verificadas novas divergências ao perceber que, enquanto o IBGE (2013 [2012]) aponta a unidade federativa paulista a deter 64% do total de chineses (cidadãos) no Brasil, Shu (2009) e Araújo (2010), tratando de toda a comunidade, apontam que massivos 90% dela estão em São Paulo.

---

<sup>48</sup> Desde 2013, mais de 20 trabalhadores chineses já foram encontrados em condições confirmadas ou suspeitas de trabalho escravo somente no Estado do Rio de Janeiro, quase sempre em pastelarias; de maneira que a superintendência regional do Ministério do Trabalho e Emprego planeja lançar uma cartilha em mandarim para informar os trabalhadores chineses sobre tal modalidade criminosa e sobre os direitos trabalhistas no Brasil (LISBOA, 2015; LOBATO e BORGES, 2015; NITAHARA, 2015; COELHO e BOECKEL, 2016).

A condição de segundo lugar em número de população chinesa dentre os estados do Brasil já não é tão clara. O IBGE (2013 [2012]) determina o estado do Rio de Janeiro como o ocupante de tal posição, cabendo ao território fluminense cerca de 2 mil naturais chineses, o que é o equivalente a 10% do total levantado pelo instituto.

Contudo, ao atentar para as estimativas – mais amplas – acerca de toda a comunidade, encontramos Antonelli (2013) que, a partir de informações obtidas na Associação Cultural Chinesa do Paraná, indica a existência de 10 mil chineses no estado sulista. Já as estimativas para o Rio de Janeiro, variam entre 7 e 15 mil pessoas de origem chinesa (SHU, 2009; ARAÚJO, 2010).

No âmbito dos municípios, escala que este trabalho pretende priorizar, o IBGE também oferece seus dados. De acordo com o órgão, aquele que detém o maior número de naturais chineses no Brasil é a capital paulista, seguida exatamente pela capital fluminense. As municipalidades de Curitiba e Foz do Iguaçu são, de forma respectiva, a terceira e quarta colocadas (IBGE, 2013 [2012]) o que reforça o relativo destaque do estado do Paraná quanto ao grupo étnico estudado<sup>49</sup>.

Os dados do IBGE, apesar de retratarem números muito baixos se comparados com as demais estimativas apresentadas, ainda assim podem indicar um crescimento recente da população de origem chinesa no Brasil. De acordo com o instituto, em 1991, havia 11.056 chineses no país; quando da realização do Censo Demográfico 2010, este número havia chegado a 19.397 chineses: a diferença entre os valores no período aponta para um crescimento de 75,4% desta população no país (op. cit.).

### **3.3. Os chineses e a cidade do Rio de Janeiro**

No cenário brasileiro, a cidade do Rio de Janeiro teve grande destaque como local de imigração, pois foi, durante muito tempo, o maior centro político e econômico do país. Esteve muito associada à chegada de imigrantes internacionais europeus, principalmente aqueles de

---

<sup>49</sup> Durante um período, principalmente aquele quando Mao Zedong foi o líder político da República Popular da China (1949-1976), o país se fechou e a emigração a partir dele tornou-se muito difícil. Assim, o maior fluxo de migrantes chineses era originário da República da China (Formosa), cujos residentes conviviam com um forte receio de que a ilha fosse retomada em algum momento pelo governo da China continental. A partir de 1971, Formosa perde o reconhecimento da ONU e da maior parte de seus Estados-membros. Um dos poucos Estados que continua a manter relações diplomáticas com o governo da ilha é a República do Paraguai. O destaque do estado do Paraná quanto ao número de chineses pode ser muito atribuído à sua localização fronteiriça junto a este país platino que se torna então muito importante na expansão dos negócios dos chineses e no deslocamento dos mesmos, da Cidade do Leste para Foz do Iguaçu e Curitiba (PINHEIRO-MACHADO, 2006, 2009).



origem lusitana, pois foi posto avançado do poder metropolitano português a partir de 1763, passando ainda pela *sui generis* experiência de ser sede da corte de um império colonial entre 1808 e 1821.

Depois, como capital de um país independente e maior território lusófono do mundo, em um contexto de um Portugal rural e relegado à periferia europeia, a cidade era uma escolha bastante cabível para um eventual migrante português, o que, de fato, ocorreu até meados do século XX quando seu poder de atração diminuiu.

Considera-se que a partir da década de 1960, o país como um todo deixou sua condição de área de imigração internacional (BASSANEZI, 1995). Os movimentos internacionais de pessoas com direção ao Brasil tornaram-se incomuns, e a partir da década de 1980, o Brasil teria se tornado, inclusive, um país de emigração, para áreas como os Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão (BRITO, 1995; PATARRA, 2012). Mesmo no âmbito interno, o Rio de Janeiro perdia a condição de maior polo atrativo do país, à medida que a cidade de São Paulo tomava a primazia econômica.

No entanto, de acordo com dados mais atuais do Censo Demográfico 2010, quanto ao local de residência dos migrantes existentes na cidade à data fixa de 31/7/2005, observa-se a ocorrência de mudanças que estariam posicionando a cidade novamente em uma condição atrativa de migrantes. A primeira década do século XXI foi aquela caracterizada por um crescimento econômico do Brasil, durante os anos Lula, ao passo que partes do mundo iniciavam seu acidentado percurso em meio à crise econômica de 2007-2008. Com isso, o número de brasileiros retornados começou a crescer, apontando uma nova tendência no período (IBGE, 2012 [2013])<sup>50</sup>.

E se o número de imigrantes tradicionais para a cidade continuava pequeno frente a outros momentos, pois, por exemplo, dos 36.835 portugueses que viviam na cidade, somente 3% tinham chegado nos últimos dez anos; por outro lado, novos grupos começavam a se tornar mais comuns (op. cit.). Dentre os angolanos que viviam na cidade (2.042 pessoas), mais de 50% deles (1.049) haviam chegado nos últimos dez anos, apontando para um aumento do fenômeno migratório originário no litoral oposto do Atlântico Sul. Dentre os colombianos (872 pessoas), cerca de 70% deles haviam chegado apenas nos últimos dez anos (op. cit.).

---

<sup>50</sup> O país líder em emissão de migrantes para o Brasil eram os EUA e 75% dos que vinham de lá eram brasileiros retornados. Portugal era o maior emissor a seguir e cerca de 70% dos que voltavam de terras lusitanas eram também brasileiros (op. cit.).

Estes dados apontam para uma maior variedade de origens dos migrantes que chegam à cidade do Rio de Janeiro. Surgem novos fluxos que podem representar, a partir de seus nacionais, novas áreas conectadas ao contexto migratório carioca e fluminense. No mundo atual, onde alguns países comumente chamados “emergentes” tentam se tornar mais autônomos dos tradicionais centros de poder, é possível que, com uma manutenção do crescimento econômico destes, mais fluxos ocorram em direção a estes países e entre estes países, de forma que movimentos migratórios sul-sul sejam cada vez mais comuns, tais como os que já envolvem os países latino-americanos na escala regional.

No período atual da globalização, caracterizado por um avanço das técnicas, que teve como consequência a maior facilidade de deslocamento das pessoas, mais possibilidades de encontro com as várias alteridades existentes no mundo, personificadas na forma de migrantes internacionais mais diversificados, como os chineses, podem ser esperadas.

Ao tomar os dados para o município do Rio de Janeiro, pode-se inferir que, de fato, a preferência dos chineses pela cidade tem sido menor em comparação com a metrópole paulistana, que é o grande espaço polarizador da população chinesa no país. Mesmo assim, conforme a tabela 1 abaixo, a mudança dos números no período 1991-2010, de 1.047 para 1.407 chineses, indica um aumento de 34,4% dos chineses na cidade – enfatizando ser este número referente apenas a naturais da RPC encontrados pelo Censo Demográfico, sendo que este grupo pode representar somente uma pequena parcela da comunidade étnica em questão.

Tabela 1 - Número de pessoas de naturalidade chinesa no país, estado e município (1991-2010)

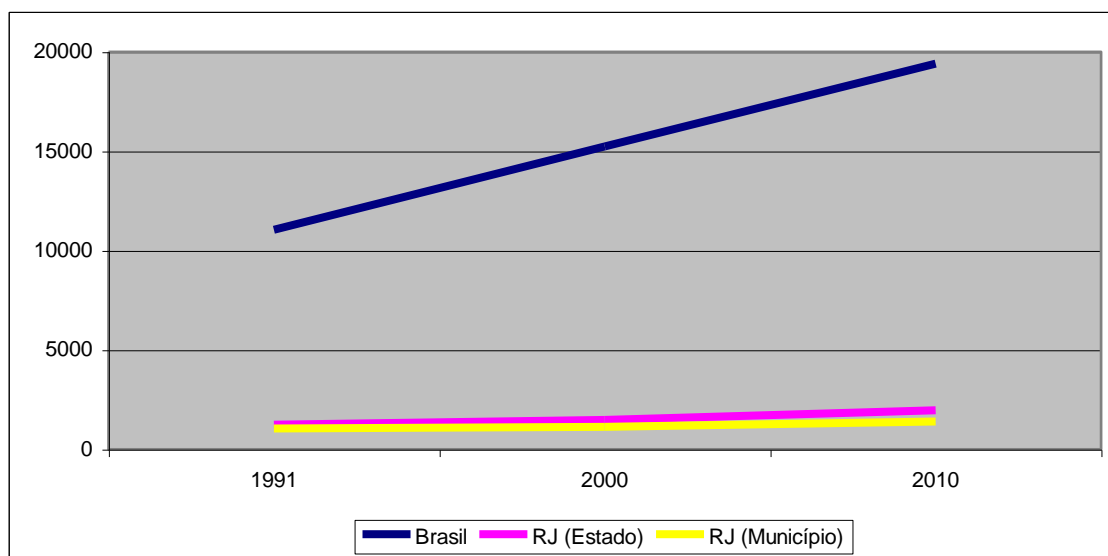
Área	Anos		
	1991	2000	2010
Brasil	11.056	15.241	19.397
Estado do Rio de Janeiro	1.234	1.481	1.951
Município do Rio de Janeiro	1.047	1.130	1.407

Fonte: IBGE (2013 [2012])

Esmiuçando os dados fornecidos pelo órgão e atentando também para o ponto médio da série histórica, representado pelo ano 2000 (ano da execução de outro Censo Demográfico), é possível verificar que, se o interesse pelo município do Rio de Janeiro era pequeno, ele vem se tornando mais significativo, tal qual mostra o gráfico 1, na página seguinte. Entre 1991 e 2000, a média de crescimento anual da população natural chinesa na

capital fluminense era de 0,85%; já entre 2000 e 2010, passa a 2,22% – aproximando-se da média anual para todo o Brasil que, nesta última década referida, era de 2,44%<sup>51</sup>.

Gráfico 1 - Evolução dos naturais chineses no Brasil, Estado do Rio de Janeiro e Município do Rio de Janeiro (1991-2010)



Fonte: IBGE (2013 [2012])  
Organização: Marcelo Rodrigues

No que se refere especificamente ao Estado do Rio de Janeiro, a tabela 1 e o gráfico 1 mostram a concentração do grupo em questão na capital: a pequena diferença entre as linhas do estado e município indicam como a maioria dos chineses habitantes do Estado residem na capital. Em 2010, segundo o IBGE (2013), mais de 70% do total dos naturais chineses da unidade federativa estava na grande urbe carioca. Esta preferência condiz com a grande polarização que o município do Rio de Janeiro exerce sobre o próprio estado, tanto no aspecto demográfico quanto no econômico, pois representa cerca de 40% da população e do PIB estadual<sup>52</sup>, sendo o grande mercado consumidor do estado e espaço que produz mais valor, o

<sup>51</sup> Essa tendência de aumento da população chinesa no país pode ter sido afetada negativamente na medida que a economia brasileira também passou a sofrer de forma mais intensa com a crise econômica global que se iniciou entre 2007 e 2008. No período 2011-2014, o Produto Interno Bruto brasileiro experimentou taxas mais modestas de crescimento anual, notadamente 2012 (+1,9% frente ao ano anterior) e 2014 (+0,1% frente ao ano anterior), segundo dados do Banco Central do Brasil – BCB (2016). Para 2015, os números não haviam sido determinados até o fechamento deste trabalho, no entanto, apontavam para um provável ano de recessão (-3,71%), de acordo com o jornalista Alexandre Martello (2016).

<sup>52</sup> Se levarmos em conta toda a Região Metropolitana do Rio do Janeiro, conforme compreende o governo do Estado, a concentração populacional passa de 74% dos habitantes do estado, e seu PIB representa 61% dos valores para todo o espaço fluminense (IBGE, op. cit.; CEPERJ, 2015).

que favorece a consolidação do município também como área onde há mais dinheiro circulante na forma de salários<sup>53</sup>.

O IBGE (op. cit) via seu Banco Multidimensional de Estatísticas (BME) permite encontrar a distribuição destes chineses por bairros. A compilação dos dados referentes ao ano de 2010, permitiu a definição da tabela 2, mostrando a distribuição de chineses pela cidade da seguinte forma:

Tabela 2 - Chineses identificados no município do Rio de Janeiro por bairros (2010)

Bairro	Número
Tijuca	308
Barra da Tijuca	196
Vila Isabel	167
Todos Os Santos	96
São Cristóvão e Vasco da Gama	69
Lagoa	59
Andaraí	51
Laranjeiras	49
Oswaldo Cruz e Campinho	49
Leme	40
Recreio dos Bandeirantes	37
Quintino Bocaiúva	36
Centro	35
Copacabana	34
Tijuca e Alto da Boa Vista	34
Santa Cruz	25
Botafogo	24
Flamengo	22
Pitangueiras, Cacuia, Praia da Bandeira, Cocotá, Ribeira e Zumbi	22
Portuguesa e Moneró	22
Bangu	16
Jardim Botânico e Gávea	16

Fonte: IBGE (2013 [2012])

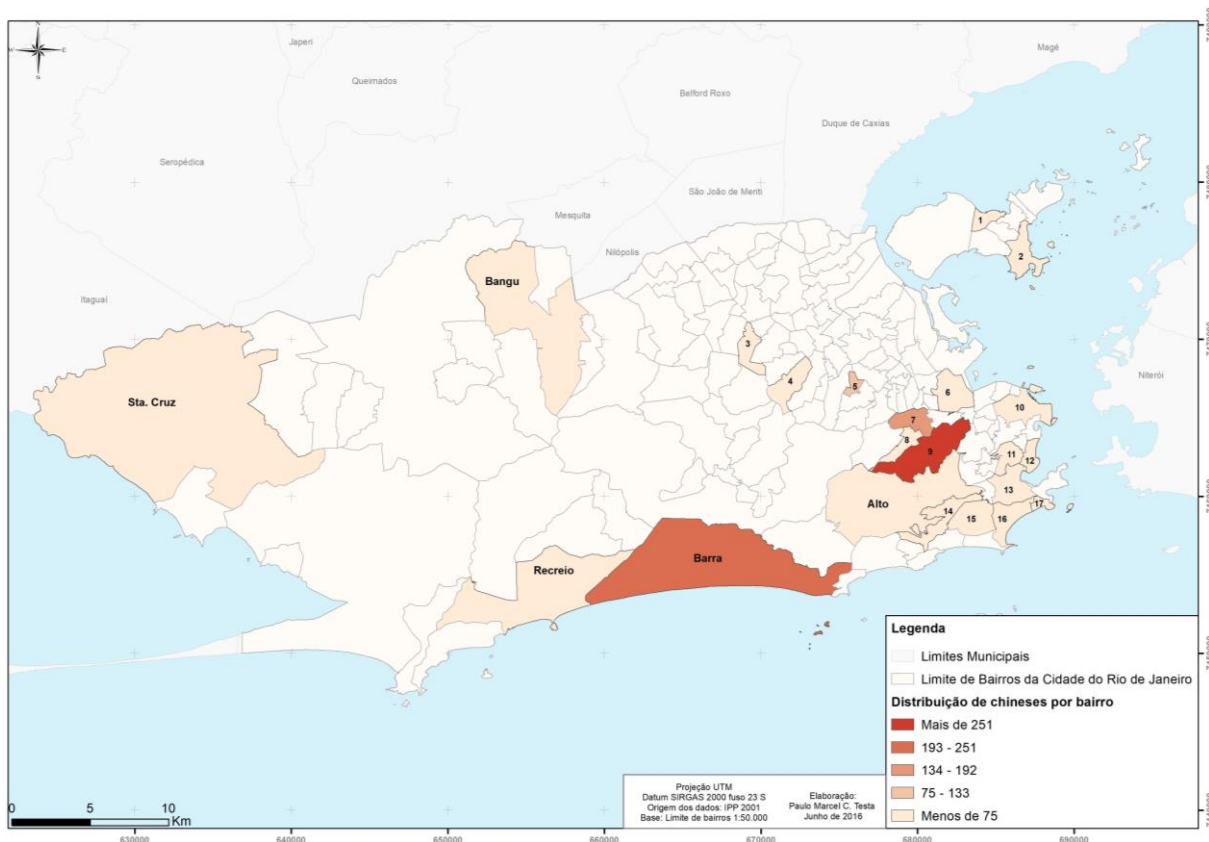
Foram identificados grupos de chineses por toda a cidade, no entanto, chama atenção a liderança da Tijuca, que apresentava mais de 20% do total apresentado na tabela 2 (excluindo ainda uma possível parte de moradores do bairro que possa constar no fragmento denominado “Tijuca e Alto da Boa Vista”). O município do Rio de Janeiro é composto por mais de 150

<sup>53</sup> A cidade do Rio de Janeiro, segunda maior do país em número de habitantes, ainda tem a favorecer a percepção de área preferencial para o estabelecimento de um migrante, a peculiar característica de possuir uma grande quantidade de funcionários públicos federais mesmo não sendo a capital do país: são três agências reguladoras, seis hospitais federais, duas universidades federais, a Petrobrás, o BNDES, Eletrobrás e Casa da Moeda, todos com sede na cidade (LOBATO e SOARES, 2015).

Também o contingente militar no Estado e na capital, em particular, é muito expressivo. Em 2011, 23% dos integrantes ativos do Exército estava no estado (há inclusive todo um bairro militar na capital); 1/3 dos membros da Aeronáutica estava no estado (na cidade existem duas bases aéreas diferentes: Galeão e Santa Cruz); 71% do efetivo da Marinha estava no estado – no município de Niterói, vizinho à capital, está a Base Naval do Rio de Janeiro, sede da esquadra brasileira (RODRIGUES e GIELLOW, 2015).

bairros, de forma que um único bairro agregar 1/5 dessa população representa algo bastante significativo.

Mapa 1 - Distribuição dos chineses na cidade do Rio de Janeiro por bairro (2010)



Observação: Alguns bairros tiveram seus dados agrupados.

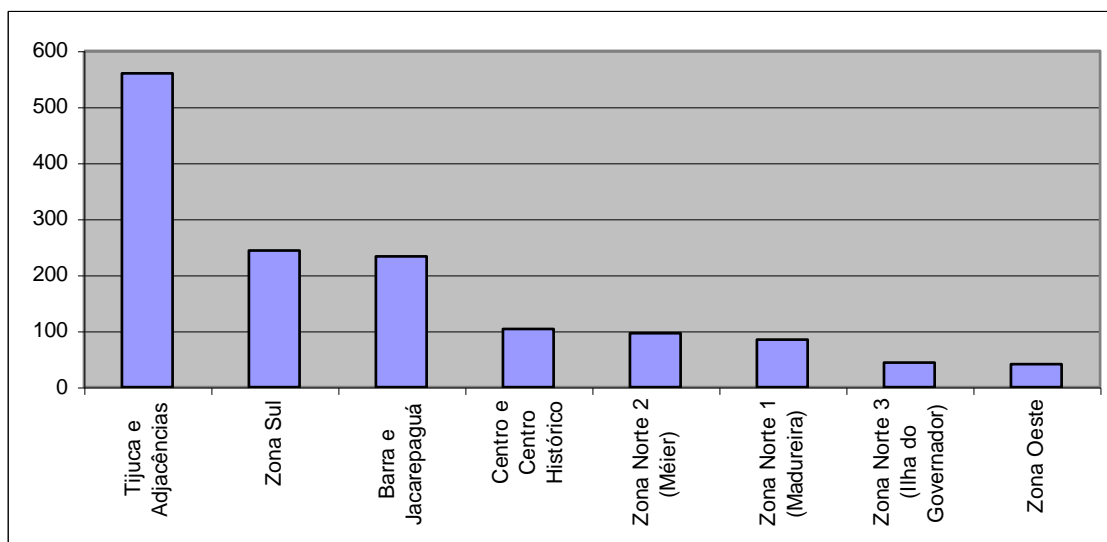
Os números representam: 1. Moneró e Portuguesa; 2. Cacuia, Cocotá, Pitangueiras, Praia da Bandeira, Ribeira e Zumbi; 3. Campinho e Osvaldo Cruz; 4. Quintino Bocaiúva; 5. Todos Os Santos; 6. São Cristóvão e Vasco da Gama; 7. Vila Isabel; 8. Andaraí; 9. Tijuca; 10. Centro; 11. Catete; 12. Flamengo; 13. Botafogo; 14. Gávea e Jardim Botânico; 15. Lagoa; 16. Copacabana; 17. Leme.

Fonte: IBGE (2013 [2012])  
Organização: Marcelo Rodrigues

O mapa 1 nos permite perceber que a concentração demográfica ainda é mais marcante quando se observa que alguns dos outros bairros de números mais significativos são vizinhos da própria Tijuca (Vila Isabel, Alto da Boa Vista, Andaraí).

Utilizando a divisão da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro em unidades espaciais maiores denominadas subprefeituras temos que apenas aquela correspondente à Tijuca e bairros adjacentes, ao apresentar 560 chineses, correspondia a praticamente 40% de todas as pessoas daquela nacionalidade no município: uma concentração importante visto que a cidade tem um total de oito subprefeituras (ver gráfico 2).

Gráfico 2 - Distribuição da população chinesa por subprefeituras no município do Rio de Janeiro (2010)

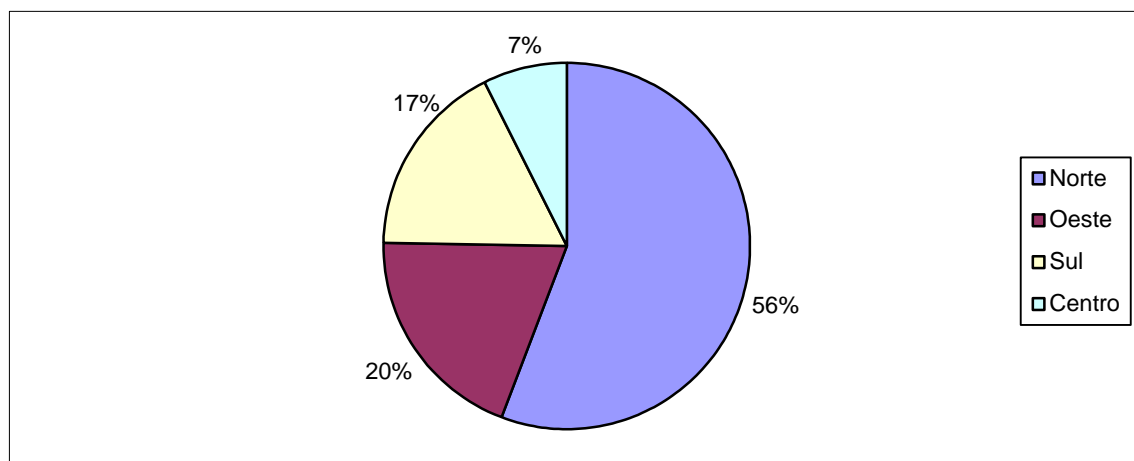


Fonte: IBGE (2013 [2012])  
Organização: Marcelo Rodrigues

A partir do Instituto Pereira Passos – IPP (2015), da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, reconhece-se que a subprefeitura da Tijuca é composta também pelos bairros: Alto da Boa Vista, Andaraí, Grajaú, Maracanã, Praça da Bandeira e Vila Isabel, conformando uma área de 5.516,6 hectares ou aproximadamente 55,2 quilômetros quadrados (Km<sup>2</sup>) o que equivale a apenas 4,5% da área territorial do município (1.224,56 Km<sup>2</sup>). A área onde é permitido residir nesta subprefeitura é ainda menor, visto que boa parte dela é ocupada pelo Parque Nacional da Floresta da Tijuca. Compreende-se assim que é uma concentração de aparência bastante relevante em uma área relativamente pequena se comparada às dimensões da cidade.

Tomando como referência a tradicional divisão da cidade em quatro grandes zonas urbanas, teríamos a primazia da Zona Norte como parcela do território municipal com maior número de populações de origem chinesa, tomando o relativo destaque das subprefeituras do Méier e Madureira (partes igualmente integrantes desta zona da cidade): mais da metade dos chineses encontrados na pesquisa do IBGE (2013 [2012]) viviam nesta região (gráfico 3), que é também a mais populosa de todo o município (IPP, 2015).

Gráfico 3 - Distribuição dos chineses pelas zonas urbanas tradicionais do município do Rio de Janeiro (2010)



Fonte: IBGE (2013 [2012])  
Organização: Marcelo Rodrigues

Se, historicamente, as migrações para o Rio de Janeiro foram de europeus, com avassalador predomínio de portugueses; nos últimos anos, novos grupos aparecem na condição de residentes cariocas: isto é observado entre 1991 e 2010 nas tabelas 3, 4 e 5, a seguir. Concordamos então com Costa (2013) ao compreender que o fenômeno migratório no município do Rio de Janeiro passa por mudanças importantes, algumas, sem comparação com movimentos demográficos anteriores.

Tabela 3 - Pessoas naturais do exterior, no município do Rio de Janeiro (1991)

Origem	Habitantes	%
Portugal	80.966	65,15
Itália	7.755	6,24
Espanha	7.004	5,64
Argentina	3.101	2,50
Alemanha	2.329	1,87
Polônia	2.217	1,78
França	1.769	1,42
EUA	1.414	1,14
Japão	1.268	1,02
Chile	1.180	0,95
Outros	15.280	12,29

Fonte: IBGE (2013 [2012])

Tabela 4 - Pessoas naturais do exterior, no município do Rio de Janeiro (2000)

Origem	Habitantes	%
Portugal	61.843	62,88
Itália	5.988	6,09
Espanha	5.738	5,83
Argentina	2.403	2,44
EUA	1.960	1,99
Alemanha	1.519	1,54
França	1.476	1,50
Angola	1.464	1,49
Polônia	1.174	1,19
Japão	1.083	1,10
Outros	13.696	13,93

Fonte: IBGE (2013 [2012])

Tabela 5 - Pessoas naturais do exterior, no município do Rio de Janeiro (2010)

Origem	Habitantes	%
Portugal	36.835	53,15
Itália	4.559	6,58
Espanha	4.198	6,06
Argentina	2.336	3,37
EUA	2.303	3,32
Angola	2.042	2,95
França	1.880	2,71
China	1.407	2,03
Alemanha	1.212	1,75
Colômbia	872	1,26
Outros	11.656	16,82

Fonte: IBGE (2013 [2012])

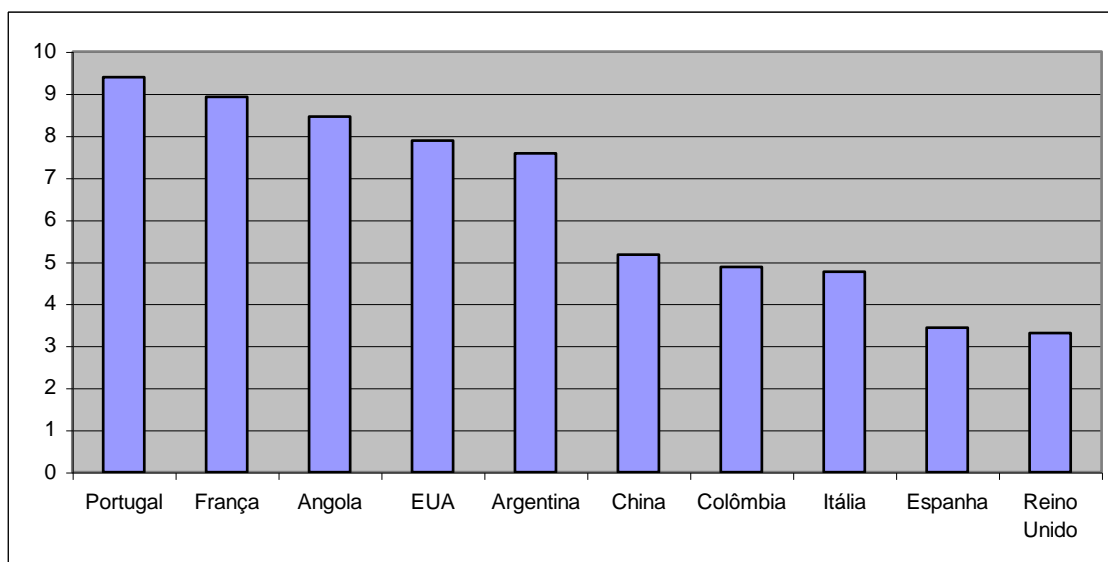
Embora os números absolutos de pessoas nascidas no exterior venham caindo no município do Rio de Janeiro desde 1991, o que pode estar relacionado com um envelhecimento dos migrantes provenientes dos locais emissores mais tradicionais para a urbe carioca, nota-se um aparecimento de nacionais de “novos países” no município, como

Angola, China e Colômbia, corroborando com a análise de Costa (2013). Também o aumento percentual daqueles referentes a “outros países” aponta para uma relativa diversificação do contingente migrante internacional existente na cidade.

De acordo com o Censo Demográfico 2010, os chineses perfariam o oitavo grupo estrangeiro do município, tendo à sua frente os mesmos lusos, além de italianos, espanhóis, argentinos, estadunidenses, angolanos e franceses (IBGE, 2013 [2012]); destacando que na série histórica mencionada é primeira vez que este grupo de nacionais aparece na listagem dos mais representativos.

O fenômeno migratório chinês para a cidade do Rio de Janeiro torna-se ainda mais significativo, quando é feita a comparação entre grupos étnicos quanto ao seu estabelecimento recente na cidade. Os dados do Censo Demográfico 2010 (IBGE, op. cit.), mostram que quando tomados somente aqueles com menos de dez anos de estadia no município, os chineses alcançavam a sexta posição geral (sendo esta apenas a primeira vez em que se colocavam entre os dez grupos mais frequentes da cidade), ultrapassando conjuntos de nacionais cuja presença é histórica na cidade, como os italianos e os espanhóis (gráfico 4).

Gráfico 4 - Percentual dos grupos mais representativos de pessoas naturais do exterior estabelecidas no município do Rio de Janeiro em tempo inferior a 10 anos (2010)



Fonte: IBGE (2013 [2012])  
Organização: Marcelo Rodrigues

Reafirmando a existência de um movimento recente de chineses para o município do Rio de Janeiro, é interessante frisar que das cerca de 1.400 pessoas identificadas pela pesquisa do Censo Demográfico 2010 do IBGE (op. cit.), aproximadamente 46% tinham se



estabelecido na cidade no período 2001-2010, ou seja, durante um lapso de tempo bastante curto e recente, quase metade daquela população total havia se fixado no município (tabela 6).

Tabela 6 - Número de naturais da China por tempo de estadia no município do Rio de Janeiro (2010)

Números absolutos		Percentuais	
10 anos ou mais	Menos de 10 anos	10 anos ou mais	Menos de 10 anos
767	641	54,47	45,53

Fonte: IBGE (2013 [2012])

## **4. RESULTADOS DA PESQUISA DIRETA**

A comunidade chinesa na cidade do Rio de Janeiro não é homogênea: existem distintos grupos na sua composição. Os vários atores envolvidos trazem a riqueza de suas experiências, decorrentes dos locais de onde vieram (e seus processos históricos), dos trabalhos que desempenham, das interações sociais que têm.

### **4.1. Os comerciantes**

Existem chineses em diferentes localidades da cidade. No entanto, há locais onde aparecem de forma mais concentrada e, portanto, mais visível, como observado na área organizada pela SAARA (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega) no centro da cidade e em mercados populares no bairro de Madureira, tais quais o “Mercadão” e o adjacente Madureira New Center.

Os chineses encontrados nestes locais foram aqueles cuja abordagem obteve os melhores resultados absolutos, de maneira que estes se tornaram o grupo de referência da pesquisa. Tomando o exemplo do Saara, foram identificadas 162 lojas de chineses na área delimitada pela associação (mapa 2), onde foi possível preencher 45 questionários. Oito destes formulários foram preenchidos em pares por loja, significando que, na prática, houve sucesso na aplicação do questionário em apenas 41 estabelecimentos, representando um aproveitamento pouco superior aos 25%: um número bastante baixo, apontando a dificuldade experimentada na execução do trabalho de pesquisa.

Mapa 2 - Distribuição dos estabelecimentos com presença de chineses na área do Saara (2016)



Organização: Marcelo Rodrigues

No bairro de Madureira, em ambos os centros comerciais já citados, foram visitadas 18 lojas, sendo possível a aplicação de questionários em 6 delas, perfazendo um aproveitamento aproximado apenas um pouco melhor, de 33%, frente à primeira área. Os motivos mais alegados para as recusas às entrevistas já eram conhecidos: dificuldade de compreensão e, principalmente, falta de tempo disponível para participar; mas houve situações em que nenhuma explicação para a negativa à participação foi dada, sendo informado apenas o desinteresse em participar; nesses casos comumente de uma forma taxativa e indiferente.

Podem ser feitas algumas inferências para justificar condutas pouco cooperativas por parte de muitos integrantes do grupo estudado, como o simples fato de serem estrangeiros em uma terra distante e culturalmente diversa, trabalharem com produtos importados que podem não ter toda a documentação requerida ou que são cópias de produtos de marcas registradas.

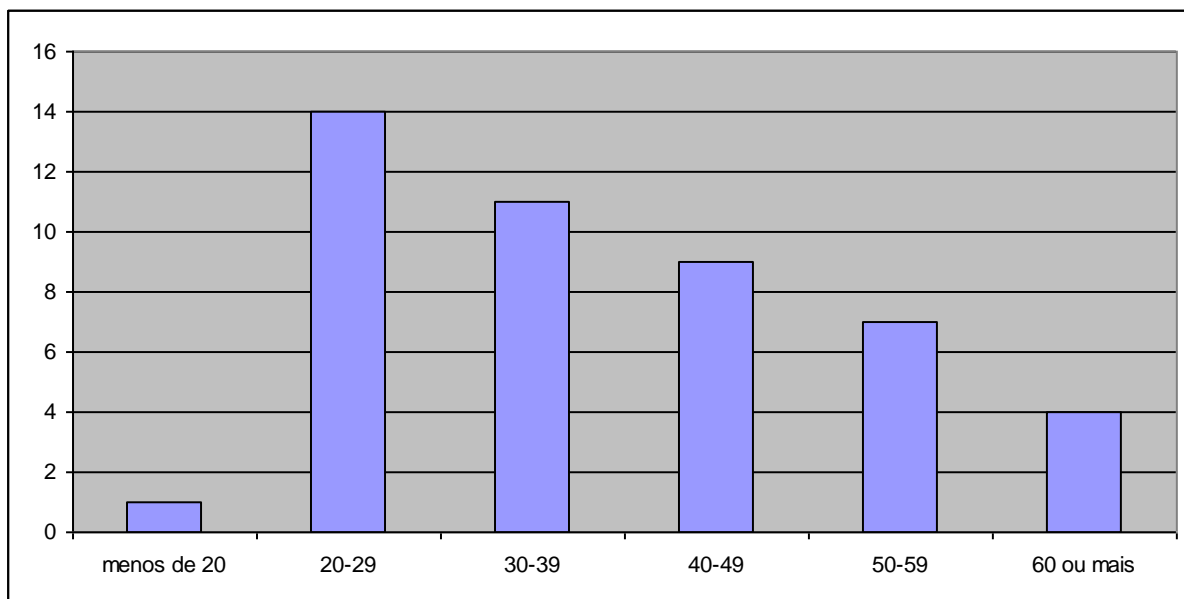
Outras explicações podem remeter ainda ao passado do país, onde a Revolução Cultural maoista (1966-1976), transformou a República Popular da China em um Estado supervigilante e violento, palco para amplas perseguições ideológicas. O tecido social em todo o país (mesmo no nível familiar) foi muito esgarçado e as iniciativas de expressão das

ideias e vontades eram desestimuladas (XINRAN, 2007, 2008; TREVISAN, 2012). Talvez isto ajude explicar também a reserva que muitos tiveram com a pesquisa<sup>54</sup>.

Outras reações à pesquisa incluíram um sarcasmo ao indicarem que o único momento disponível para responder à pesquisa seria aos domingos, quando estariam em casa e, por isso, também não poderiam responde-la. Outras pessoas informaram ter outra nacionalidade para não se colocarem como público-alvo da pesquisa. Houve, ainda, casos em que pessoas dialogavam bastante bem com clientes, mas quando questionadas sobre uma participação na pesquisa, havia uma enorme mudança da expressão facial do inquirido e a suposta informação de um desconhecimento da língua portuguesa.

Entre as pessoas identificadas como comerciantes, as idades variavam entre 18 e 74 anos, uma grande amplitude de faixas etárias, como apresentado no gráfico 5. Houve uma percepção de que muitos, se não a maioria, destes pequenos negócios são, essencialmente, empreendimentos familiares. Isto porque era possível encontrar pessoas mais velhas, que abriram os negócios; os filhos, que administravam a loja; e os netos, que ajudavam em horas livres ou que eram pequenos demais para ficarem sozinhos. Em, pelo menos, uma loja, foram encontradas três gerações da família ao mesmo tempo no estabelecimento.

Gráfico 5 - Comerciantes entrevistados por faixa etária (2016)



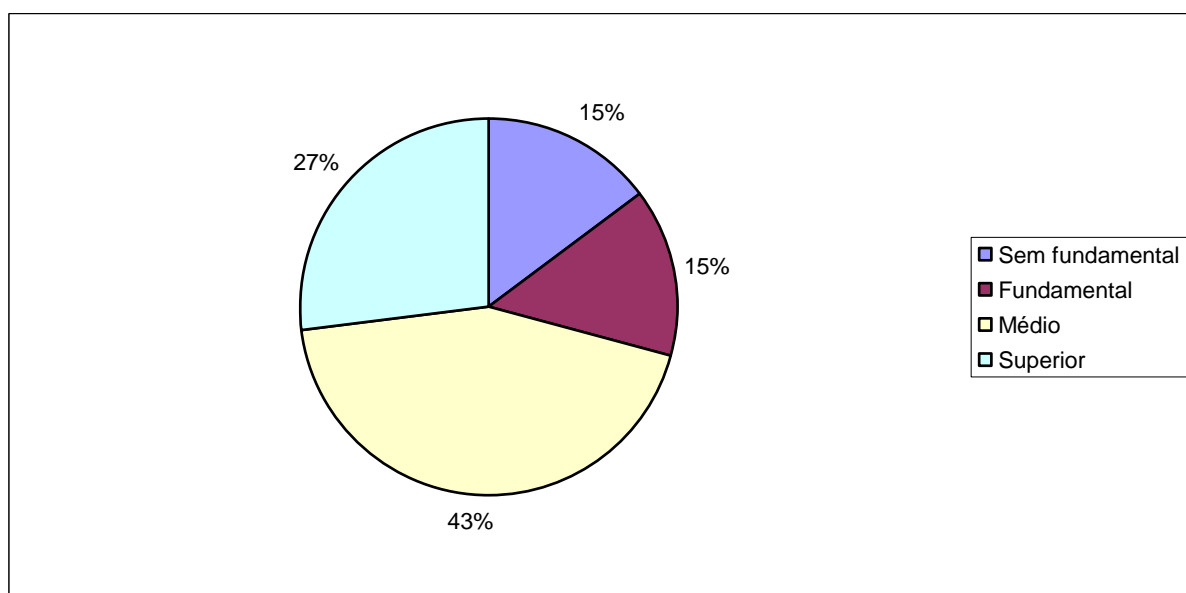
Organização: Marcelo Rodrigues

<sup>54</sup> Os chineses de Formosa também não se livraram de autoritarismo. Williams (2003) e Tan (2009) tratam de como os dissidentes do continente impuseram uma “mandarização” forçada aos autóctones da ilha, que foram muito discriminados por décadas após a Revolução Comunista de 1949. Formosa esteve sob lei marcial até 1987 e somente na década de 1990 a ilha teve sua primeira eleição presidencial direta.

Sobre o estado civil dos entrevistados, a maioria dos comerciantes apontou estar casada ou em uma união estável (60%). Mas este número era bem menor entre aqueles com menos de 30 anos de idade: apenas 35%. Isto pode se relacionar com a preferência das gerações mais jovens (e talvez o desejo dos próprios pais) por uma formação profissional mais elevada e a expectativa de uma colocação superior no mercado de trabalho, antes de um eventual matrimônio e criação de filhos.

Dentre os comerciantes entrevistados com menos de 30 anos, 47% deles havia chegado ao Ensino Superior (um deles não concluiu o curso e uma pessoa era pós-graduada) e apenas um deles era casado. Quanto ao grau de escolaridade do grupo em questão, o gráfico 6 apresenta os resultados acerca da etapa máxima do processo de educação formal alcançada pelos entrevistados.

Gráfico 6 - Grau de escolaridade dos comerciantes entrevistados (2016)



Organização: Marcelo Rodrigues

Além da clara preponderância das pessoas de formação média no contexto do grupo inquerido, destaca-se também a porcentagem de indivíduos que detém um diploma de Ensino Superior. Entre estes, quase a metade deles estava na faixa abaixo dos 30 anos. Isto indica uma tendência de aumento da escolarização à medida que novas gerações surgem e se beneficiam das condições materiais adquiridas pelas gerações anteriores.

Uma entrevistada apontou que o número de chineses residentes na cidade com formação além da graduação seria muito maior, exatamente entre os mais jovens, os quais, em grande parte, não seriam encontrados nestes estabelecimentos comerciais, varejistas e

populares. Corroborando com isto, temos a afirmação de Araújo (2010) que, excetuando os trabalhadores de lanchonetes, os chineses do Rio de Janeiro têm alta escolaridade e normalmente estão matriculados em universidades públicas.

No que diz respeito ao local de origem dos comerciantes não naturais do Brasil que migraram para o Rio de Janeiro, destaca-se a larga superioridade numérica que detinha a província de Zhejiang, no litoral chinês: os nativos daquela área representavam quase 65% dos comerciantes inqueridos pela pesquisa e mais da metade deles vinha de somente duas localidades: Wenzhou e Qingtian.

Particularmente, o condado de Qingtian chama a atenção, porque dele vieram chineses que se estabeleceram na cidade do Rio de Janeiro ainda no início do século XX e como Shu (2009) aponta, desde aquela época, já desenvolviam atividades comerciais, de forma que estas se tornaram uma tradição de longa data na cidade.

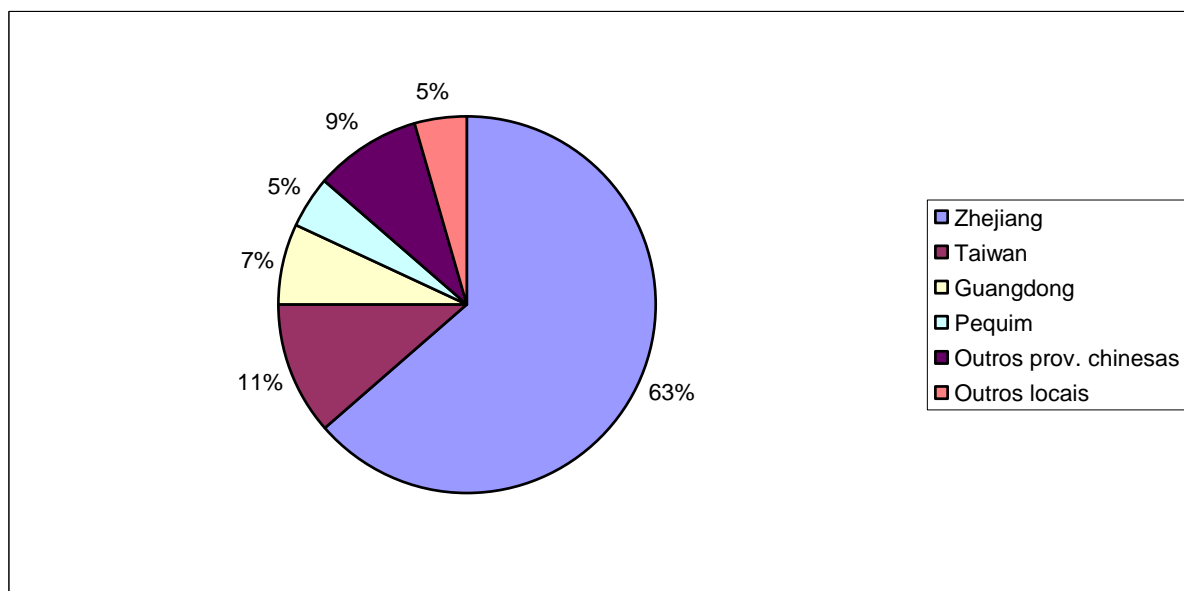
A segunda área mais representativa quanto à origem daqueles não naturais do Rio de Janeiro foi Formosa: apenas 11% daqueles comerciantes (gráfico 7). Apesar das informações destas pessoas serem poucas (dois chegaram na década de 1970 e dois não antes dos anos de 1980), infere-se que o movimento originário da ilha é algo pertencente ao passado<sup>55</sup>. Se há um aumento da população de origem formosana na cidade, este é, possivelmente, devido a um crescimento vegetativo da população, que já tem componentes de uma terceira geração presentes.

O quadro dos comerciantes entrevistados constava então de um pequeno número de insulares encontrados, somado ao fato de que os demais chegados a partir de 1979 eram do continente em, praticamente, sua totalidade (havia uma pessoa nascida na Espanha e outra em São Paulo), aponta para a preponderância clara de originários da RPC, que contribuiu com novos indivíduos para o movimento em todas as décadas subsequentes.

---

<sup>55</sup> A década de 1970 marcou um dos períodos de maior tensão em Formosa, pois representou sua expulsão da ONU e o reconhecimento internacional mais amplo da RPC, aumentando o temor de uma retomada da ilha pelos continentais. Pinheiro-Machado (2006) cita que essa época foi determinante para a chegada dos chineses à Cidade do Leste, no Paraguai, onde, exatamente pelas relações diplomáticas com Formosa, os migrantes originários da ilha seriam, inclusive, a maioria da comunidade chinesa local.

Gráfico 7 - Locais de origem dos comerciantes entrevistados (2016)



Organização: Marcelo Rodrigues

O mapa 3 nos convida a visualizar que, embora a RPC seja um país de dimensões continentais, a origem dos migrantes para o destino carioca é bem mais restrita, pois foram poucas as províncias emissoras verificadas na pesquisa de campo. A presença de uma pessoa natural de Jilin, nordeste do país, se apresenta como uma exceção, pois em termos migratórios aquela área teria maior relação com migrações para a Rússia ou Europa Ocidental, a partir da primeira.

A China Oriental – faixa entre Hebei (ao norte, quase circundando Pequim) até a ilha de Hainan (ao sul de Guangdong), mais a própria capital nacional – é a maior área emissora de migrantes para o Rio de Janeiro<sup>56</sup>. A presença de pequineses pode estar ligada à centralidade de sua cidade de origem como capital, em uma posição de contato mais frequente com outras partes do mundo através de sua importância política.

No entanto, as áreas da China Oriental não contribuem de forma homogênea para o processo migratório carioca. É principalmente mais ao sul, em duas das chamadas “províncias marítimas”<sup>57</sup>, mais historicamente relacionadas à migração (SKELDON, 2003; LIVE, 2009; LIVE, 2009b; MA MUNG, 2009b;), que estaria a origem da maioria dos que chegaram à capital fluminense. Quanto aos comerciantes, essencialmente, é a província de Zhejiang a

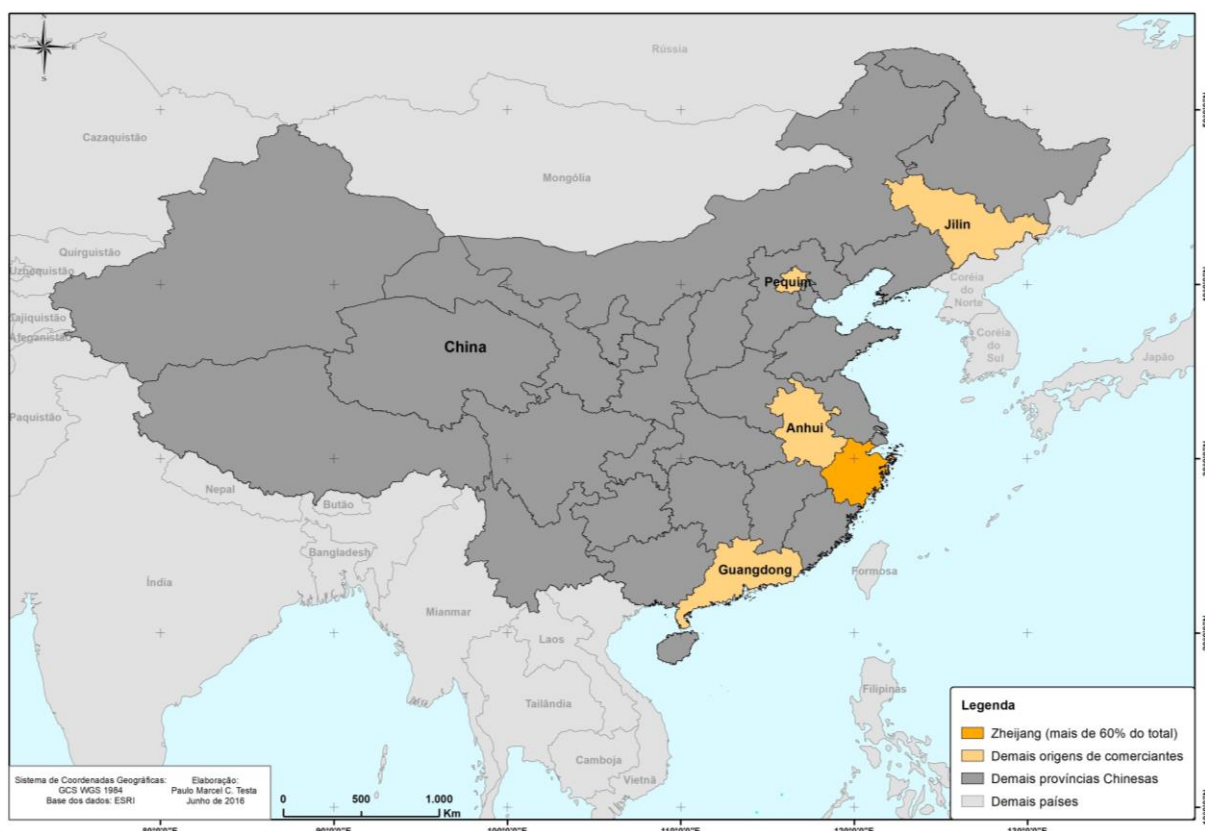
<sup>56</sup> A divisão regional aqui citada foi extraída de Jing (2011), que, ao tratar da economia do país, cita quatro grandes áreas: o Nordeste, a China Ocidental, a China Central e a China Oriental (esta última formada pelas municipalidades de Pequim, Tianjin e Xangai e as províncias de Hainan, Hebei, Jiangsu, Shandong e as “províncias marítimas”).

<sup>57</sup> São elas: Fujian, Guangdong e Zhejiang.

maior emissora de pessoas para a cidade segundo a pesquisa de campo executada: lá é onde estão as municipalidades de Wenzhou e Qingtian, e a grande cidade-feira de Yiwu.

Em menor grau aparece a província de Guangdong, bastante vinculada aos pasteleiros (o outro grupo bem representativo dos chineses na cidade), talvez a parte da RPC mais integrada ao restante do mundo: onde surgiram quatro das cinco primeiras Zonas Econômicas Especiais do país (que representaram o início da adoção de práticas capitalistas), a província mais urbanizada e com o maior PIB dentre todas as unidades componentes da RPC (SANJUAN, 2009b; NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA, 2016).

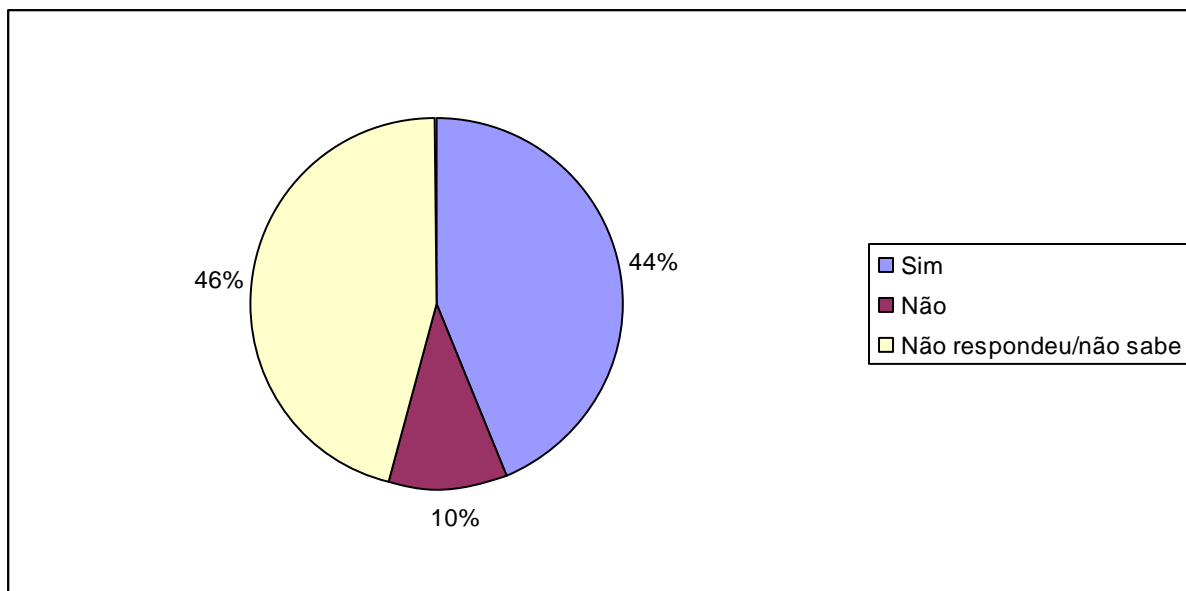
Mapa 3 - Localização das origens dos comerciantes na RPC (2016)



Foi questionado também aos comerciantes não naturais da capital fluminense se houve alguém que os teria ajudado no seu estabelecimento na cidade (gráfico 8). O índice de aproveitamento desta pergunta não foi alto, mas, ainda assim, aponta para uma importância das redes sociais no contexto migratório de populações chinesas.



Gráfico 8 - Porcentagem de comerciantes que teriam recebido ajuda de terceiros em seu estabelecimento na cidade (2016)



Organização: Marcelo Rodrigues

O alto número de pessoas que não respondeu à questão deve-se a eventuais desistências durante a aplicação do formulário ou de uma manifestada pressa em respondê-lo, o que fez com que fossem selecionadas certas questões vistas, naquele momento, como mais importantes ou mais fáceis de serem respondidas (também por eventuais dificuldades de compreensão de certos termos em português).

A aplicação de questionários em meio ao ambiente laboral provou-se bastante difícil. Algumas entrevistas tornaram-se bastante longas em função das interrupções constantes devido ao fluxo de clientes: em certos momentos, tinha-se realmente a impressão de estar criando um incômodo ao entrevistado.

De qualquer forma, um valor próximo da metade de todos os comerciantes entrevistados teria precisado de ajuda na chegada à cidade, denotando a importância de uma rede preestabelecida para a migração. Praticamente todos os que responderam positivamente à pergunta apontaram a presença de algum parente seu já fixado antes de seu desembarque. Muitos relacionaram este fato à escolha da cidade na hora de migrar.

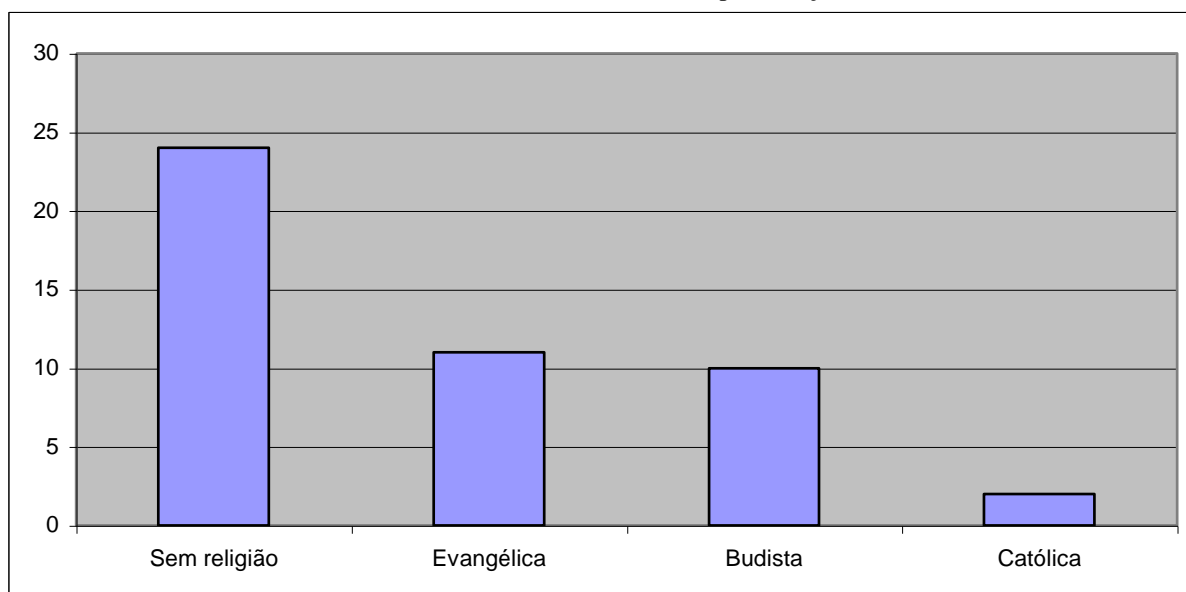
Shu (2009) relata a migração de um cidadão chinês de Zhejiang ainda nos anos de 1950 que chegou com a ajuda de um tio que migrou trinta anos antes – e em uma época quando as comunicações eram bem mais precárias. Tal fato remete a ideia das redes fracas tratadas por Granovetter (1973), sua manutenção, resistência e eficiência, que, no contexto

atual, com a popularização da internet, da telefonia celular e de tecnologias de voz sobre *IP*, parece ainda mais fácil.

Sobre o local de moradia dos comerciantes é marcante a importância do bairro da Tijuca para esta população: entre os comerciantes do Saara, mais da metade respondeu ser morador do bairro. A preferência pela área seria devido à proximidade com o Centro da cidade, sua ligação facilitada com o metrô, a percepção de uma relação custo-benefício favorável e a existência de lojas de artigos alimentícios orientais. Além disso, boa parte daqueles que não moravam na Tijuca no momento da pesquisa, relataram que lá viveram em algum momento anterior de suas vidas<sup>58</sup>.

No que diz respeito à crença dos comerciantes, mais da metade informou não possuir religião (gráfico 9), o que poderia ir de acordo com o fato de que a maioria veio do continente, onde houve uma repressão bastante violenta das crenças religiosas e uma promoção do ateísmo (POCESKI, 2013)<sup>59</sup>. Dois entrevistados, de forma muito espontânea, acabaram reproduzindo uma mesma expressão que denota um enorme distanciamento de qualquer crença metafísica: “Minha religião é o dinheiro”.

Gráfico 9 - Comerciantes entrevistados por crença (2016)



Fonte: Marcelo Rodrigues

A observação do gráfico aponta um número importante de evangélicos entre os comerciantes, que surpreende, já que o Cristianismo não é – normalmente – associado às

<sup>58</sup> Também foram encontrados moradores da Tijuca trabalhando no bairro de Madureira.

<sup>59</sup> Piza (2012) traz informação semelhante, reconhecendo que a maioria dos chineses que chegam a São Paulo não professam religião alguma, havendo pessoas que adotam uma crença já no Brasil.

populações chinesas. Dos onze cristãos protestantes identificados, cinco se converteram no Brasil e quatro eram originários de Wenzhou, famosa por ser um grande centro cristão na RPC, conhecida nacionalmente como “Jerusalém da China”.

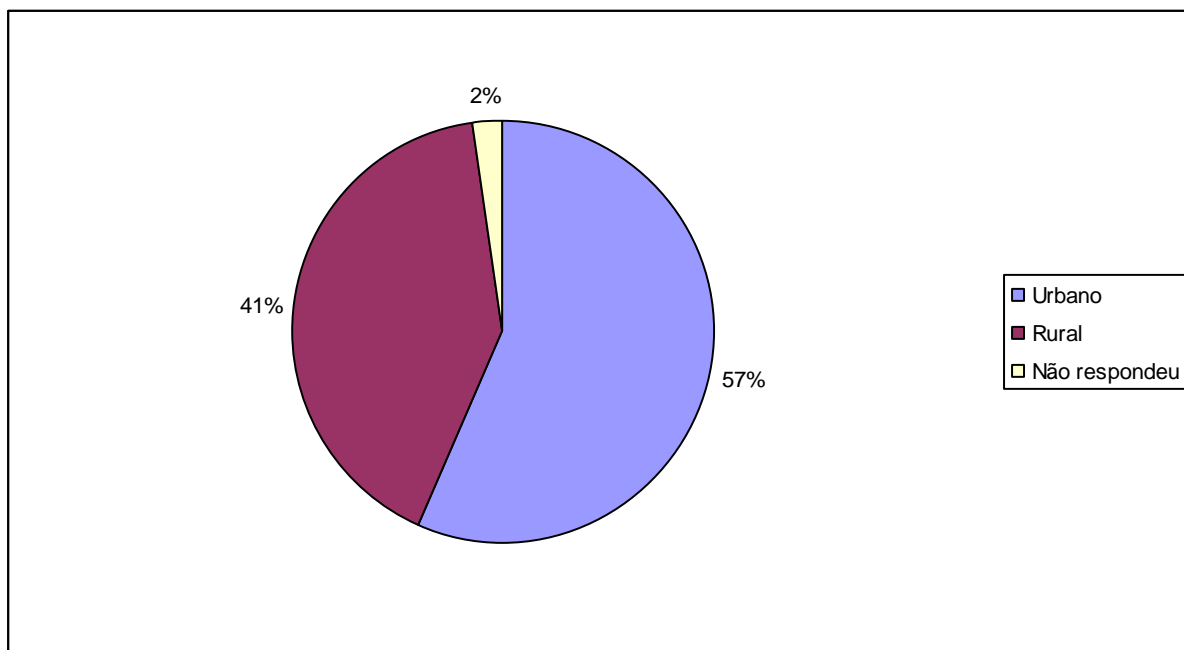
Tomando os anos de saída do país natal e de chegada ao Rio desses migrantes, só é possível ter uma ideia da população remanescente: aqueles que permaneceram no país após todos esses anos. Como era de se esperar, os mais idosos seriam mais dificilmente encontrados. De fato, encontrei apenas uma senhora que saiu do continente ainda em 1958 (se dirigindo primeiramente para Hong Kong), cuja história de vida está relatada neste mesmo texto e que seria correspondente na tipologia das fases baseada em Ma (2003), Shu (2009) e Stenberg (2012) ao primeiro momento.

Duas pessoas seriam relacionadas à segunda fase do movimento migratório, caracterizada pela influência da Revolução Cultural como grande limitadora de fluxos. Esta relação pode ser feita porque estes migrantes não eram do continente e sim da ilha de Formosa, que não passava pelas mesmas restrições de movimento na época. Skeldon (2003), por exemplo, tem uma visão bastante restritiva: para ele, a emigração a partir da RPC virtualmente deixou de existir naquele período.

Cerca de 80% dos comerciantes chineses entrevistados, não naturais da cidade do Rio de Janeiro, saíram de seu país natal a partir da abertura econômica (1979), vindos do continente, sendo os mais numerosos e contando como parte do terceiro momento do processo migratório.

De acordo com a pesquisa feita, 57% dos entrevistados apontaram que seu local de origem era uma área urbana, no entanto, é bastante significativa a proporção de pessoas de origem rural que também chegou até a cidade do Rio de Janeiro, tal como mostra o gráfico 10.

Gráfico 10 - Condição de domicílio de origem dos comerciantes entrevistados (2016)

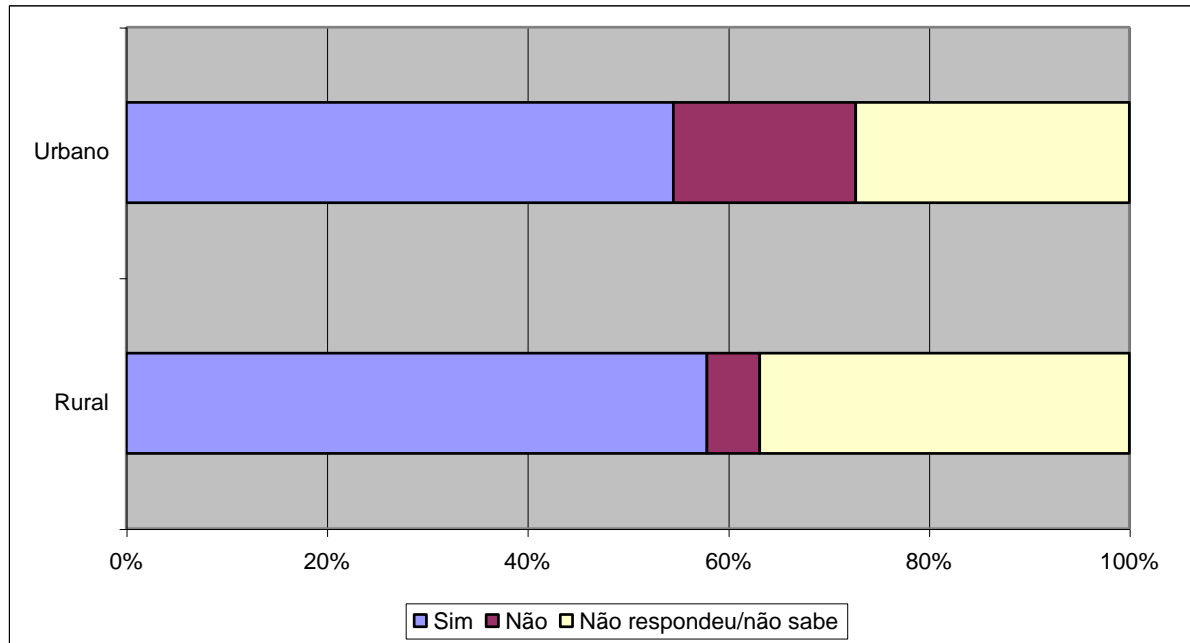


Organização: Marcelo Rodrigues

Surpreendeu que dentre as dezessete pessoas que vieram especificamente de áreas rurais, 65% declararam que migraram diretamente para a cidade do Rio de Janeiro. Compreende-se uma indicação da importância dos contatos preexistentes, viabilizando a vinda dessas pessoas, levando informações até locais distantes, de onde saem movimentos com destinos “certeiros”. Somente uma pessoa de origem rural disse não ter tido ajuda de pessoa alguma na cidade.

Entre os de origem urbana e não naturais do Rio de Janeiro (26 pessoas), apenas quatro responderam não ter recebido ajuda no destino carioca, representando 15% deste universo. Como demonstra o gráfico 11, a quantidade de pessoas que apontou precisar de algum tipo de apoio é, no mínimo, de mais da metade dos entrevistados.

Gráfico 11 - Proporção de respostas quanto ao recebimento de ajuda no local de destino de acordo com condição de domicílio de origem (2016)



Organização: Marcelo Rodrigues

Entre todos os comerciantes que deram informações mais precisas sobre sua trajetória migratória, temos 42 pessoas. Destas, cerca de 40% estiveram em outros locais antes de chegar à capital fluminense. Estes locais foram outras cidades brasileiras como São Paulo, Vitória ou Belo Horizonte ou mesmo outros países como a Espanha (citada quatro vezes), Portugal, Estados Unidos e Venezuela.

Algumas pessoas são bastante móveis e aparentam um enorme pragmatismo na busca de seus objetivos ou da satisfação de suas visões de mundo. Uma entrevistada viveu em diferentes locais de Portugal (Lisboa, Porto, Aveiro, Portimão), primeiramente como empregada e depois como dona de negócio, antes de chegar ao Rio. Como via que os negócios aqui iam mal manifestou interesse de retornar à Europa.

Outro entrevistado nasceu na Comunidade Autónoma de Madri, ainda criança foi para a Província de Zhejiang, depois veio para o Estado do Rio de Janeiro, morou um tempo no Estado de Nova York, em seguida retornando ao território fluminense. Foi relatado que é bastante natural – e foram encontradas pessoas que viveram tal experiência – que filhos sejam enviados ao Oriente para terem uma educação chinesa<sup>60</sup>.

Além deste último, um jovem carioca entrevistado, filho de uma comerciante, passou quase dez anos da vida na China, vivendo com os avós. Foi dito que, muitas vezes, espera-se

<sup>60</sup> Pinheiro-Machado (2006) e Figueira, Sudano e Galvão (2013) descrevem esta prática como algo bastante corriqueiro entre os chineses.

que a criança aprenda a língua do país de acolhida e depois seja enviada à terra natal dos pais para aprender bem o mandarim e/ou língua regional. No retorno deste jovem, ele demonstrava uma expressão muito grave, que poderia remeter à criação mais conservadora que teve<sup>61</sup>.

Foi perguntado também onde os entrevistados possuíam parentes e quase todos responderam a esta pergunta como se imaginava: “China”, “Zhejiang” ou “Taiwan” foram as respostas mais comuns. O que chamou a atenção foi o fato de que 25% dos que responderam, apontaram para a existência de parentes na Europa Ocidental, destacando as menções à Espanha e a Itália<sup>62</sup>.

Todos os que citaram a Europa Ocidental tanto como lugar de moradia anterior como local de residência de familiares tinham como origem direta ou familiar a província de Zhejiang. Infere-se a existência de uma rede entre os dois locais, no entanto, não é possível precisar sua intensidade: houve quem afirmasse e quem negasse ter contato com parentes na Europa (através de visitas, contatos telefônicos ou internet), mas o número de pessoas que não respondeu a este questionamento foi muito grande.

Skeldon (2003) é categórico:

“as origens regionais da migração a partir da China foram há tempos reconhecidas [e] a vasta maioria dos migrantes [...] vem de apenas três províncias no sul do país, Guangdong, Fujian e Zhejiang, e de um pequeno número de áreas no interior dessas províncias...” (p.57)<sup>63</sup>.

Este autor cita ainda que “...migrantes de Zhejiang, particularmente de Qingtian e Wenzhou, foram primariamente para destinos na Europa” (op. cit.: 59)<sup>64</sup>. Um entrevistado relatou que parte dos chineses da cidade do Rio de Janeiro, derivaria de um grupo que, primeiro, teria ido à Itália<sup>65</sup>. No entanto, não foi encontrado ninguém com passagem pregressa por aquele país.

---

<sup>61</sup> Sua entrevista teve como fato a destacar o momento em que foi perguntado se havia intenção de trazer alguém do país de origem para o Rio de Janeiro. Isto pareceu um insulto ao jovem, que bradou algo como: “Tá pensando que a gente é traficante de pessoas?!”. Um momento tenso que precisou de uma explicação para desfazer o mal-entendido.

<sup>62</sup> Houve menções a outros países europeus como Portugal, França, Holanda; também aos Estados Unidos e à Nova Zelândia. Figueira, Sudano e Galvão (2013) também citam uma chinesa procedente da Itália que, a princípio apenas em visita, decide ficar para ajudar um parente no Rio, em dificuldades.

<sup>63</sup> No original: “The regional origins of migration from China have long been recognized [...] The vast majority of migrants from China come from just three provinces in the south of the country, Guangdong, Fujian and Zhejiang, and from a small number of areas within those provinces...”

<sup>64</sup> No original: “...migrants from Zhejiang, particularly from Qingtian and Wenzhou, went primarily to destinations in Europe”. Também Cartier (2003) afirma o mesmo.

<sup>65</sup> Como exemplo, citamos a cidade de Prato, nos arredores de Florença, que tem a segunda maior população chinesa da Itália e 90% deles seriam de Zhejiang. A cidade tem menos de 200 mil habitantes, mas, em 2015, possuía mais de quatro mil empresas de chineses (CAMERA DI COMMERCIO PRATO, 2016).

Quanto às ligações internas no próprio país de acolhida, uma quantidade idêntica de entrevistados, também aproximadamente 25% dos que responderam, disse ter parentes em São Paulo, a cidade brasileira com a qual os comerciantes chineses locais mais tem ligações. Foram encontradas também pessoas que moraram em São Paulo antes de vir para a cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o fato de a capital paulista ter a maior concentração de chineses do país, a proximidade geográfica com metrópole carioca, a facilidade logística e o fato de ter as áreas e estabelecimentos comerciais que mais movimentam mercadorias e valores – inclusive dos produtos mais comumente vendidos pelos chineses do Rio – devem ser elementos que favorecem essas ligações mais estreitas.

Sobre a atividade desses comerciantes, a mesma pode ser caracterizada pela palavra “bazar”, ou seja, locais onde se vendem objetos muito diversificados (WEISZFLOG, 2004)<sup>66</sup>. Quando de seu surgimento, as casas comerciais chinesas na cidade do Rio de Janeiro ganharam o apelido de “lojas de 1,99”, remetendo aos preços muito baixos praticados nesses empreendimentos e não aos tipos dos produtos que nelas se encontravam.

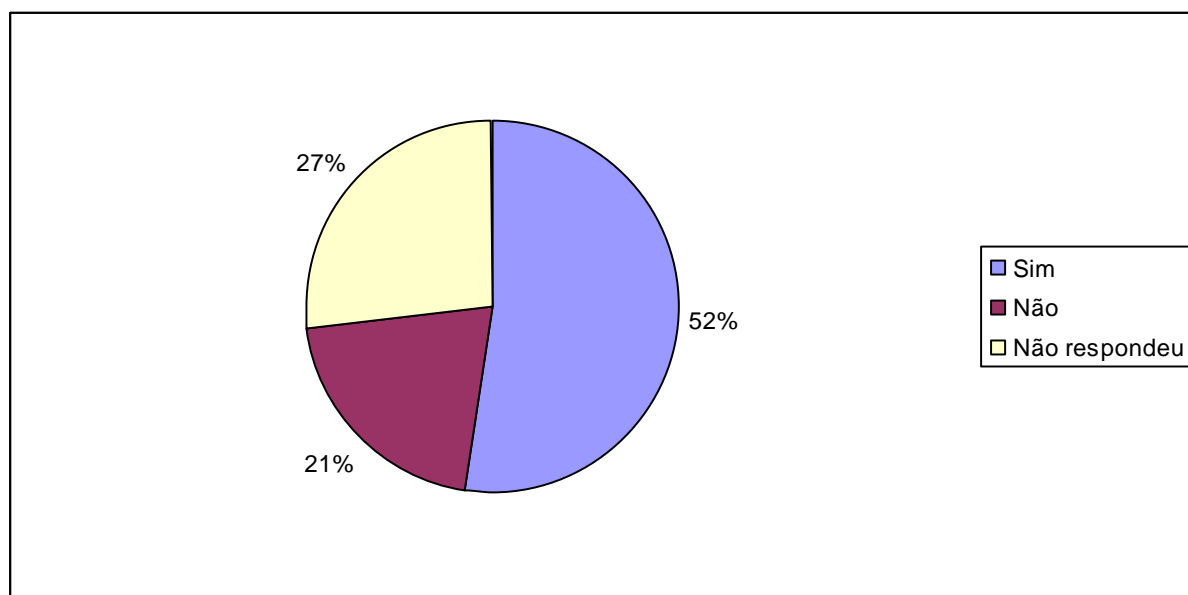
Existem diferenças entre os estabelecimentos comerciais encontrados. Algumas lojas são especializadas em certos produtos (óculos, bolsas, roupas), mas, em geral, elas apresentam certa variedade de produtos, muitas vezes sem nenhuma relação direta entre si. Além dos dois tipos já citados, encontram-se nesses locais: produtos para festa, decoração, papelaria, bijuterias, chapéus e eletrônicos.

Pouco mais da metade dos comerciantes inqueridos respondeu ser dono do próprio negócio, como mostra o gráfico 12, no entanto, ficou uma forte impressão de que a informação negativa dada por muitos não tenha sido a mais verdadeira. Pode ter ocorrido o receio de dar uma informação considerada sensível: dados quanto ao patrimônio, a possibilidade de ser identificado como um pequeno empresário e se colocar em uma posição vulnerável a partir de uma conversa incauta com um desconhecido. No que se refere a isto, uma das entrevistadas chamou bastante a atenção, pois ela, brasileira de origem chinesa, trabalhava em uma loja que tinha o seu nome, porém ela não seria a proprietária segundo seu relato; o que pareceu mais uma tentativa preocupada de não se colocar como dona do negócio.

---

<sup>66</sup> São os “pequenos objetos” de Pliez (2015): “O termo é vago o suficiente para reunir bijuterias, artigos de decoração, pequenas utilidades domésticas, artigos de papelaria, eletrônicos – itens cuja venda efetua-se em todo o planeta segundo padrões bastante formatados” (p.206).

Gráfico 12 - Percentual de respostas quanto à propriedade do negócio visitado (2016)



Organização: Marcelo Rodrigues

Muitas lojas têm base familiar, de forma que todos trabalham no mesmo estabelecimento de forma simultânea ou alternada. Como citado, foram encontradas crianças em muitas dessas lojas, de forma que o ambiente de trabalho não é nada estranho para elas. Uma senhora formosana citou que, em geral, os chineses não gostam que seus filhos fiquem com outras pessoas que não sejam seus próprios familiares quando não estão na escola, estão em casa a sós ou com os avós ou com os pais no trabalho. Pinheiro-Machado (2006) se refere também a isto quando fala do pequeno comércio “...onde as esferas da casa, do lazer e da loja se confundem” (p.6).

De acordo com um diretor comercial de uma empresa de importação, o trabalho dos comerciantes chineses permite a eles que tenham sua própria casa e seu automóvel (SUVs seriam os modelos mais populares entre os comerciantes da comunidade), mas não tornaria suas rendas extremamente elevadas. Sobre isto, custos de manutenção do negócio – como altos valores de aluguel – associados a lucros aquém dos desejados devem contribuir para tal situação<sup>67</sup>.

Lausent-Herrera (2011), tratando dos chineses de Lima, afirma que os projetos pessoais de chineses chegados dependem de algum tipo de ajuda que vem da própria família ou de alguma estrutura mafiosa. A autora aponta para um predomínio de cantoneses na *chinatown* peruana, grupo cuja origem, no Rio de Janeiro, não é associada aos comerciantes,

<sup>67</sup> Apenas oito entrevistados informaram rendas mensais. Destes, um informou receber algo entre cinco e dez salários mínimos (os valores mais altos mencionados), sendo este proprietário. Três pessoas receberiam entre três e cinco salários mínimos, os valores que mais apareceram; dois deles seriam empregados e um, proprietário.



mas às pastelarias e que ganharam um estigma ligado a flagrantes de ações ilegais que vão do uso da carne de animais de rua, má conservação de alimentos e exploração de trabalho escravo.

Os comerciantes entrevistados não mencionaram a existência de alguma estrutura ilegal e coercitiva formada por compatriotas, porém a grande quantidade de negativas quanto à participação na pesquisa torna o tema algo um tanto quanto nebuloso. Em algumas entrevistas ocorreram situações tais como o pedido para não responder certas perguntas, às vezes com certo sorriso constrangido ou com o interlocutor tentando levar o diálogo para outros assuntos, como quem tentasse evitá-los.

A evolução econômica dos comerciantes, segundo eles mesmos, está muito associada a uma ética de trabalho pesado e à economia de recursos para uma condição mais confortável adiante. Foram reportadas algumas histórias de pessoas que começaram como vendedores ambulantes antes de se estabelecerem como donos de negócios próprios de forma semelhante ao relatado por outros autores acerca de casos brasileiros (VERAS, 2008; SHU, 2009; ARAÚJO, 2010; STENBERG, 2012). Houve ainda quem tivesse trabalhado em fábrica ou lojas de compatriotas antes de se tornar proprietário.

Entre aqueles que apontaram que não eram donos das lojas (sete pessoas), o fato de serem alguns dos que chegaram há menos tempo na cidade talvez explique a condição ainda ligada a um patrão. Destes, cinco teriam chegado ainda na corrente década, de forma que podem não ter alcançado ainda a autonomia econômica desejada para abertura de seu próprio empreendimento<sup>68</sup>.

O meio de transporte citado para chegada ao Brasil foi o avião. A pergunta não foi lançada para todas as pessoas e chegou a ser ridicularizada quando um entrevistado pareceu entender como óbvia a resposta. Apenas uma entrevistada, que chegou há mais tempo, veio por meio marítimo: sua a embarcação deixou Hong Kong e passou por Cingapura e África do Sul, antes que ela chegasse ao porto de Santos. Brasileiros natos ou chineses que viviam em outras cidades brasileiras citaram o uso do automóvel ou do ônibus para chegar à capital fluminense.

Infere-se aqui algumas possibilidades de regularização dessas pessoas, chegando ao Brasil: aqueles que chegam com visto de turista podem pedir permanência no país em virtude do nascimento de um filho brasileiro nato ou quando da ocorrência da concessão de anistia; há também aqueles que vieram com fins de reunião familiar e outros que detêm visto de

---

<sup>68</sup> Lausent-Herrera (2011), para o caso limenho, aponta que, em média, os chineses de lá levam de três a quatro anos para conseguir a independência financeira.

trabalho, que pode ser concedido pelo parente já estabelecido quando este é proprietário de algum negócio próprio (PIEKE, 2004; LIN, 2014).

Entre as 29 pessoas que informaram motivações para a saída do local anterior de moradia, dezesseis delas citaram razões econômicas como fomentadoras do movimento. Treze pessoas informaram motivações de ordem familiar para a mudança: indo ao encontro de pais ou outros parentes já fixados no Rio de Janeiro ou acompanhando os mesmos no momento da migração.

Sabendo que a maioria dos comerciantes chineses é do terceiro momento migratório, a partir da tipologia já relatada, logo, originária do continente, destaca-se a ausência das motivações políticas para a transferência de residência. As únicas pessoas que citaram tais preocupações eram justamente as que vieram de Formosa (sendo que, uma delas, veio ainda criança, junto com o pai).

A prática do tráfico de pessoas não parece ser algo comum no meio dos pequenos comerciantes encontrados no Rio de Janeiro. As chegadas por via aérea, a maior facilidade para vir ao Brasil (menos restritivo a entrada de chineses) e um comum reforço da ideia de que a escolha pelo país se deu pela presença de familiares/conhecidos já instalados denotariam isso.

Pinheiro-Machado (2006), por exemplo, trata da importância dessas relações pessoais que os migrantes tanto valorizam, quando menciona que se aproximou de uma comerciante chinesa na fronteira Brasil/Paraguai a um ponto que esta última passou a considerar a ida para a cidade de residência da pesquisadora por considerá-la um contato confiável. Nas palavras da autora:

“...o meio através do qual ela [a migrante] optava por se mudar não era baseado num cálculo racional de lucros e danos ou condições de vida, mas na relação pessoal que ela detinha. E isso sim é o maior capital que os imigrantes possuem [...] O capital social é, assim, o suporte das decisões, dos novos rumos e estratégias de vida.” (p.26).

Muitos outros autores, tratando da população chinesa e dos fenômenos migratórios a ela relacionados, também falam da importância dessas relações pessoais, de forma que parece ser difícil fazer uma pesquisa sobre migração chinesa sem se deparar com uma expressão que tipifica esses contatos, no idioma oficial do país dos migrantes em questão: “*guanxi*” (KYNIGE, 2007; SILVA, 2008; BAO, 2009; PINHEIRO-MACHADO, 2009; TAN, 2009; SHAMBOUGH, 2013).

O *guanxi* é cultivado através dos favores que são feitos às pessoas. Na cultura chinesa, quando alguém faz algo positivo para o outro, aquele que se beneficiou deve estar preparado para, em algum momento, retribuir o favor. Quanto mais amplo for o *guanxi*, maior é a influência que uma pessoa possui (mas também a crescente necessidade de fazer favores maiores).

Na verdade, traços do *guanxi* podem ser encontrados nas condutas de muitos brasileiros sem ascendência chinesa alguma, porém, nesta sociedade afro-latina, esses favores feitos como investimentos, são considerados censuráveis: aquele que tem “segundas intenções” é visto como alguém em quem não se pode confiar, ardiloso. Já na cultura chinesa, é algo visto como completamente trivial e aceito como regra social comum: as pessoas constroem “saldos devedores” umas com as outras e isto é, simplesmente, banal<sup>69</sup>.

Ma (2003) oferece uma rica definição e exaltação do conceito geográfico de lugar para justificar o porquê dessas migrações serem baseadas em relações pessoais, como são formadas e como redes sociais tão poderosas são construídas para fomentar o processo migratório. Desta forma, o autor compreende o lugar como:

“...a localidade da experiência, significados e sentimentos, constituído historicamente das ações sociais [...] um repositório de sentido [...] para os residentes, onde famílias põem raízes e às quais os indivíduos são emocionalmente ligados. [...] O lugar é o incubador social que contém os ingredientes básicos para a formação das redes...” (p.10)<sup>70</sup>.

Desta forma, o local de origem como lugar é o palco da construção das primeiras redes sociais dos migrantes que, de acordo com o autor, terão algo especial pelo seu papel durante os anos formativos do indivíduo. O compartilhamento de experiências entre indivíduos seria responsável pelo surgimento de uma confiança mútua e noções de camaradagem e solidariedade (op. cit).

Veras (2008) e Stenberg (2012) também enfatizam a importância dessas relações sociais, principalmente aquelas de amizade e parentesco, para aumentar o movimento de pessoas para o Brasil. O primeiro autor, inclusive, não apenas afirma, mas enfatiza que: “na

---

<sup>69</sup> O *guanxi* pode gerar uma cadeia de favores e, como trata Pinheiro-Machado (2009), o limite que separa o favor da corrupção pode ser muito tênue. Mesmo assim, tal sequência de retribuições, muitas vezes, será mantida porque, a imagem – a representação que os demais têm do indivíduo – é algo muito prezado pelos chineses e quem que não honra seus compromissos não tem boa imagem, não tem capital social e não desenvolve *guanxi*.

<sup>70</sup> No original: “...a locality of experience, meanings and feelings, constituted historically from social actions [...] a repository of meaning [...] for residents, where families strike roots and to which individuals are emotionally attached. [...] A place is a social incubator that contains the basic ingredients of networking...”.

sociedade chinesa, uma boa rede de relacionamento é imprescindível para o sucesso profissional” (VERAS, 2008: 18).

Piza (2012), ao trabalhar com os chineses comerciantes do entorno da rua 25 de Março, em São Paulo, destaca que a maioria de seus entrevistados teriam chegado há menos de vinte anos, sendo, portanto, do terceiro momento migratório, e que, os migrantes pioneiros seriam fundamentais para que o movimento atual ocorresse: no caso paulistano, configurariam os atuais proprietários de galerias ou importadores.

Estes agentes, promovendo o comércio entre a RPC e o Brasil, estariam diretamente relacionados à continuidade do movimento migratório. É possível que a assiduidade dos importadores na China continental, onde são feitas as compras dos produtos, represente, para elementos da população local, a explicitação da existência de um mercado consumidor em terras brasileiras, logo, uma oportunidade de crescimento econômico para aqueles que por aí enveredem<sup>71</sup>. Como o autor cita que a migração também favorece o comércio dos produtos orientais: “uma parte [dos chineses] emigrou e distribui a produção do ateliê do mundo que se tornou a China” (MA MUNG, 2009 apud PIZA, 2012: 127), entende-se que há uma retroalimentação entre ambos processos.

Eventuais visitas dos pequenos comerciantes a seus locais de origem também podem transmitir aos que lá vivem ideias de sucesso e riqueza, colocados em uma condição de turistas e consumidores desejada pelos que ficaram. No entanto, como as entrevistas com os comerciantes sino-cariocas foram feitas em um momento quando dominava a visão geral de uma crise econômica estabelecida no país, foi amplamente dito que não havia planos para trazer alguém de outro local para viver no país e que, praticamente, ninguém queria deixar a China para viver no Rio de Janeiro ou no país: “lá está melhor que aqui”, ouvi de alguns comerciantes. O Brasil tornou-se menos atrativo, ao menos, temporariamente.

A maioria dos entrevistados manifestou a intenção de permanecer na cidade (65%). Os que relataram a ideia de deixá-la eram, quase todos, alguns dos que chegaram há menos tempo (essencialmente já no século XXI), não tendo criado raízes profundas. Sobre isto chamou a atenção a chinesa procedente de Portugal já citada: demonstrando a existência de indivíduos bastante móveis, pautou seus deslocamentos em uma pragmática busca pelo dinheiro, se mostrando bastante desprendida.

---

<sup>71</sup> Kyngé (2007) informa que 90% dos produtos chineses tem excesso crônico, ou seja, a produção é tamanha que não há demanda suficiente na China. O mercado consumidor chinês é supercompetitivo: ser revendedor em outros países pode ser vantajoso, dada a menor concorrência e até com maior lucro.

Algumas pessoas também apontaram a violência como algo motivador para alimentar planos de saída do Rio de Janeiro e assim voltar à China, mas também houve quem dissesse apenas sobre uma ida a um local interiorano no próprio Brasil, a fim de ter uma rotina mais tranquila, uma vez aposentado (configurando o fenômeno da segunda moradia).

Conforme Cunha e Mello (2006), compreende-se que há uma variedade de tipos de migrantes na cidade: tanto aquele que pode ser reconhecido como uma força de trabalho de baixo custo, a ponto de ser alienada de direitos trabalhistas reconhecidos pela legislação; como outras pessoas que gozam de uma situação regular perante o Estado, vivendo no país com iguais aos demais nacionais brasileiros.

Em geral, os migrantes, independentemente de sua condição legal, têm um perfil empreendedor, de forma que, assim que possível, buscam ter seus próprios negócios. E neste ponto, aqueles que não conseguiram capitalizar-se sozinhos, como os primeiros migrantes que “...chegaram sem nada para tentar a vida...” (PIZA, 2012: 127), podem recorrer a canais alternativos de financiamento, baseados na rede social em que estão circunscritos.

Cunha e Mello (2006) informam que esta disponibilidade de recursos pode ser “...sustentada por um sistema de crédito baseado em cooperativas [e] na formação de redes associativas ou clãs formados por afinidade ou parentesco [...] criando instituições similares a bancos” (p.160).

Kynge (2007) aponta essa prática associativa como algo corriqueiro nas relações sociais na China: “Se algum homem de Wenzhou [...] tem alguma ideia que acha que vai ‘decolar’, ele imediatamente vai atrás da concessão de financiamento por meio da rede informal de parentes e parceiros nos negócios” (p.115).

Lin (2014), ao tratar dos chineses na África do Sul, aponta o fenômeno migratório como uma estratégia que usa a mobilidade espacial para maximizar capitais sociais, econômicos e humanos. A importância das redes chinesas ali fica evidente quando o autor aponta que 90% dos entrevistados determinaram a existência de um parente já instalado como o motivo de sua escolha pelo país.

A prática do envio de remessas é considerada um bom indicador da interação dos migrantes com a terra natal ou com outros locais. Infelizmente, a quantidade de pessoas que não respondeu a essa questão foi muito alta – 47% dos comerciantes entrevistados – para conseguirmos esse parâmetro entre a comunidade sino-carioca e outras partes do mundo. Entre os que responderam, a maioria disse não mandar dinheiro para parentes e a explicação

já era conhecida: a China estava em condição melhor que o Brasil. Houve até quem brincasse que era mais fácil receber ajuda que ser ajudado<sup>72</sup>.

Existem muitas possibilidades sobre a parcela de pessoas que não respondeu a esta pergunta e aqui cabe citar algumas dificuldades na execução do projeto. É verdade que alguns dos entrevistados desistiram de responder ao questionário bem antes de chegarmos neste tópico. Não se pode atribuir a estes que deixaram cuja saída foi precoce uma evitação proposital: parecia mais uma questão de inconveniente relacionado ao espaço de trabalho ou um esgotamento do entrevistado.

No entanto, a natureza do tópico levantado, de ordem econômica, pareceu, muitas vezes, como um assunto bem sensível, de forma que perguntas relacionadas a tais temas ficavam, frequentemente, sem resposta, remetendo à desconfiança e reserva já tão atribuídos ao grupo social estudado.

Outra questão refere-se ao conservadorismo, ao machismo e ao patriarcado muito fortes e tradicionais na sociedade chinesa tal como aborda Xinran (2007; 2008) tão eloquentemente em suas obras. Aconteceu de mulheres abordadas chamarem o companheiro próximo para responder; outras vezes, eles ficavam juntos das entrevistadas no que parecia um certo vigiar das ações que ali se passavam.

Em algumas ocasiões, alguns dados foram tomados apenas dos comerciantes entrevistados do sexo masculino, em escolhas espontâneas do pesquisador – logo, não desejadas – aí imbuído de um temor de ser reconhecido como alguém desrespeitoso cuja “má fama” poderia chegar a outros possíveis futuros entrevistados, dificultando a coleta de novas informações.

Dentre os que efetivamente responderam à questão, 22 comerciantes do sexo masculino, causou estranhamento ao pesquisador que, dos 13 que não tinham pai ou mãe na cidade, não houve um sequer que tenha relatado enviar remessas para seus parentes. Tal impressão deve-se ao fato de que, na cultura chinesa, tradicionalmente, espera-se que o filho cuide dos pais na velhice: entende-se que é bastante possível que alguns deles tenham preferido omitir esta informação. Os nove comerciantes restantes tinham pai ou mãe na cidade, logo, o envio de remessas não seria necessário.

---

<sup>72</sup> Tan (2009) até compreende que há uma tendência de diminuição das remessas para a China na medida em que a diferença entre as suas condições e de outros países diminui.

## 4.2. Os pasteleiros

Aqueles que trabalham em pastelarias se destacam por sua dispersão em decorrência da prodigalidade de estabelecimentos deste tipo pelos diversos bairros da capital fluminense, de forma que o “chinês pasteleiro” é, provavelmente, o arquétipo do migrante desta origem. O uso de expressões como “ir no China”/“ir no chinês” (sic) já carregam de forma implícita a ideia de que tipo de estabelecimento será procurado<sup>73</sup>.

A diferença profissional entre comerciantes e pasteleiros guardaria também uma diferenciação regional e étnica. De acordo com as entrevistas feitas com os comerciantes, destacou-se grandemente aqueles originários da província de Zhejiang, mas, frequentemente, era citado que os pasteleiros não seriam provenientes daquela província e sim de outra mais ao sul: Guangdong.

Não foi possível entrevistar um grande número de pasteleiros: o movimento frequente, a possibilidade de censura por parte do patrão, a não compreensão ou o desinteresse pela pesquisa foram algumas das justificativas para a não participação. Porém, mesmo com as negativas, insistia-se em fazer ao menos uma pergunta: “De que província/estado o(a) senhor(a) é?” e a resposta foi sempre a mesma: “Guangdong”, província essa, cuja capital, Guangzhou, é mais conhecida nos países de língua portuguesa como “Cantão”, cujo nome acabou determinando como o idioma regional ficou mundialmente conhecido: o cantonês.

No total, foi tentado o contato em cerca de quinze pastelarias. Buscou-se, primeiramente, aquelas localizadas no Saara, de forma a serem comparadas as respostas entre pessoas de dois grupos profissionais distintos no mesmo espaço urbano. Com as negativas de participação no centro da cidade, outros locais foram procurados e os quatro questionários aplicados o foram nos bairros de Irajá, Vila da Penha e Vista Alegre, todos localizados na Zona Norte do Rio de Janeiro.

A ocorrência da resposta “Guangdong” foi total, apontando para a especialização profissional por região de origem que fora relatada pelos primeiros interlocutores. Sendo verdadeira a relação existente entre este grupo étnico e a atividade desempenhada, isto iria de encontro aos achados de Araújo (2010), para a cidade do Recife: “Considerando o grupo mais

---

<sup>73</sup> O cantor Criolo, em uma de suas muitas narrativas descrevendo a periferia – no caso, da cidade de São Paulo – cita em “Subirusdoistiozin” (2010) a frase: “Flango ou macalão” (sic) que evoca à conhecida dificuldade dos chineses de pronunciar o som correspondente à letra “R” na língua portuguesa, que inexiste em chinês. No Rio de Janeiro, circula a infame piada sobre chineses afugentando pombos na frente de seu estabelecimento exclamando: “Xô, flango!” (sic), denotando tanto um pequeno vocabulário no idioma português, ao confundir os dois animais, quanto um preconceito entre muitos cariocas em relação ao grupo étnico, envolvendo denúncias de uso de carnes de animais capturados na cidade, logo, inadequados para o consumo.

proporcionalmente numeroso, Cantão (Guangdong), região litorânea chinesa, é a província de onde se origina a maioria dos profissionais de pastelaria” (p.230). Infere-se como real a possibilidade de que, também no Rio de Janeiro, tal origem seja a mais comum entre os chineses hoje residentes na cidade dada a difusão da atividade econômica.

Quando há a ocorrência de setores econômicos em que existe uma prevalência de um grupo nacional específico tem-se o que foi chamado de “nicho étnico” (ROLLEAU-BERGER, 2015), alimentado por uma corrente migratória capaz de trazer novos migrantes ao país que acabam especializados no mesmo ramo de trabalho.

As duas pessoas, trabalhadores de pastelarias, que responderam integralmente o questionário informaram serem os donos do próprio negócio. Tendo chegado entre o ano 2000 e 2002 e tendo trabalhado em negócios de outros chineses antes de terem o seu próprio. Um deles disse que a especialização se dava pelo conhecimento já obtido sobre o trabalho, de maneira a ser um investimento considerado mais seguro<sup>74</sup>.

Este informante disse que, anteriormente, trabalhou em uma pastelaria de um primo já instalado, citando a pastelaria onde fora feita a entrevista como sendo uma sociedade entre seu pai e o tal primo. Isto representaria um investimento do parente pioneiro no negócio daquela família nuclear, reproduzindo também a lógica cooperativa de captação de recursos por meio de pessoas conhecidas.

Os três entrevistados que responderam acerca do local de moradia, disseram viver no mesmo bairro onde trabalhavam. Um deles disse que isto era algo comum entre os trabalhadores destes estabelecimentos, outra informante falou ter morado em todos os bairros onde trabalhou, sempre no ramo da pastelaria (primeiro no Centro do Rio de Janeiro e depois no município vizinho de Niterói). Caso este comportamento seja a regra, pode-se compreender também uma grande variedade dos locais de moradia dos migrantes pela cidade – o que não exclui o bairro da Tijuca como o local de maior concentração desta população.

Conforme Piza (2012), acerca de São Paulo, também podendo inferir para o Rio de Janeiro, haveria uma lógica “...cujos projetos pessoais de deslocamento não incluem a intenção de se somar aos comerciantes do centro, e sim, timidamente, abrir pequenas vendas de bairro, pastelarias e lanchonetes pelos cantos da cidade...” (p.78-79).

---

<sup>74</sup> Foi particularmente interessante a comparação muito popular, também usada pelo interlocutor, de que os cantoneses abririam pastelarias tal como os portugueses abririam padarias. No entanto, segundo ele próprio, as receitas dos alimentos feitos no Brasil seriam aprendidas já aqui. A comida cantonesa, embora use massas com base de trigo, seria caracterizada por assados e não frituras, como o que se encontra nas lanchonetes.



Nos templos religiosos e na área de comércio do Saara, locais por onde se passou maior parte do tempo, os pasteleiros sempre pareceram um grupo distante, difícil de ser alcançado; uma população, de fato, diferente daquela com quem interagia. A configuração de nicho étnico parecia tão verdadeira a ponto da palavra “pasteleiro” tornar-se como sinônimo de “cantonês”: um mencionado “templo dos pasteleiros” era então o “templo dos cantoneses”.

Nenhuma visita a igrejas cantonesas foi feita. Ao conseguir contato com o pastor de uma delas via telefone, o sacerdote rechaçou veementemente qualquer aproximação. O interlocutor pareceu bastante irritado como quem já tivesse sido abordado antes e sentido grandemente incomodado. Um outro contato tentado com uma outra igreja jamais foi respondido<sup>75</sup>.

Essa separação entre zhejianeses e formosanos (em menor número), de um lado, e cantoneses, do outro, chamou bastante a atenção. Embora a província de Zhejiang e Formosa sejam separadas não só pelo estreito que leva o nome da ilha, mas também por governos soberanos, linguisticamente, o mandarim – mais comumente usado em ambos os espaços – parece tê-las unido mais.

Já Guangdong, uma das províncias mais meridionais – em um país extenso cujo poder central historicamente está bem mais ao norte – e com uma língua regional que conseguiu se impor de forma mais enfática, parece se distinguir do restante do país, reforçando uma identidade regional<sup>76</sup>.

Morin (2007), a partir de sua viagem à China, desconstrói um pouco da ideia de unidade nacional chinesa. Tal constructo seria muito mais um mito construído pelo Estado ao longo de muito tempo, tanto pelo longo império quanto pelo Partido Comunista chinês, no entanto, internamente, as fraturas entre algumas regiões seriam muitas.

Lin (2003) trata de um senso regionalista cantonês mais forte que àquele ligado à nação chinesa:

---

<sup>75</sup> Tais templos localizam-se fora do município do Rio de Janeiro, contudo, visto a possibilidade de encontrar um grupo considerável de cantoneses fora do horário de trabalho, tentou-se o contato. Ambos funcionariam em prédios de apartamentos comerciais e residenciais, respectivamente, no centro da cidade de Nova Iguaçu e no bairro de Icaraí, em Niterói.

Pinheiro-Machado (2006), antropóloga, foi extremamente espirituosa ao falar sobre suas frustrações no encontro com o público de sua pesquisa, ao dizer que, durante algum tempo, chamou seu trabalho de uma “etnografia do silêncio e do não”.

<sup>76</sup> O cantonês nativo de Guangdong sobreviveu e se fortaleceu pelo fato de ser o vernáculo usado em Hong Kong, que por mais de um século esteve fora do controle do governo de Pequim, portanto mais protegido da influência do mandarim. São produtos culturais vindos da ex-colônia britânica, em língua cantonesa, o cinema de Hong Kong e um estilo musical denominado “*cantopop*”. O cantonês também é amplamente falado nas comunidades chinesas nos EUA, Canadá, Vietnã, Malásia e Cingapura.

“Esta identidade cultural e etnográfica marginal, combinada com a localização periférica da região explica porque os chineses da diáspora [...] tem usualmente demonstrado uma forte ligação emocional mais com o seu lugar nativo [...] que com uma vaga e apática entidade nacional como a ‘China’” (p.148)<sup>77</sup>.

Johnson (2009), por exemplo, refere-se à área como sendo historicamente considerada complicada, havendo questionamentos ao poder imperial que resultaram mesmo em uma tentativa de “descantonização” da província, através do envio de pessoas de outros locais para ocupar terras ali situadas<sup>78</sup>.

A disposição da população de Guangdong para o oceano e para o comércio exterior, fez Pinheiro-Machado (2009) chamá-la de “janela chinesa para o mundo”, e, muitas vezes, foi um ponto de divergência com Pequim, sede de um governo central que já ordenou mais de uma vez longos fechamentos de suas entradas, criando obstáculos a tradição cantonesa. A maior frequência de estrangeiros por ali teria favorecido hábitos culturais distintos e, possivelmente, até escandalizantes, comparados ao restante do país<sup>79</sup>.

Estas clivagens internas reforçariam a percepção de que, na verdade, mais que um movimento migratório, há distintos movimentos migratórios chamados chineses. Skeldon (2003) escreve sobre o senso de unidade das populações chinesas cuja base seria uma escrita comum e a tradição confuciana, dois pontos altamente relacionados à existência de um poder central territorialmente amplo e temporalmente duradouro.

Mas trata-se de um país de dimensões continentais, cujo desenvolvimento de sua infraestrutura é muito recente: as características originais das regiões e cidades foram preservadas por muito tempo a ponto de haver cidades em uma mesma província cujos idiomas correntes podem ser completamente ininteligíveis e uma enorme variedade de cultos a divindades regionais (POCESKI, 2013).

Assim, tem-se a possibilidade de múltiplos movimentos, em territórios soberanos diferentes do “mundo chinês”, e mesmo no imenso território do Estado mais representativo

---

<sup>77</sup> No original: “This marginal cultural and ethnographic identity, combined with the peripheral location of the region [...] explains why the diaspora Chinese [...] have often demonstrated a strong emotional attachment to their native place [...] than to a vague and apathetic national entity like ‘China’”.

<sup>78</sup> Essa prática é muito recorrente na RPC. As regiões autônomas do Sinkiang-Uigur e do Tibete também passaram por prática semelhante de amenização de características regionais com a vinda de pessoas do leste, da etnia dominante *han*, que também no caso de Guangzhou pode ser chamado de “hanização”.

<sup>79</sup> Trata-se das “filhas do delta de Cantão”, que passaram a resistir ao casamento tradicional com base em princípios confucionistas, refutando viver com seus maridos. São citadas ainda altas taxas de suicídio, fugas e novas formas de relacionamento conjugal; também a existência de mulheres piratas que subvertiam as normas sociais preestabelecidas e eram vistas pelos conservadores como pervertidas (PINHEIRO-MACHADO, 2009). Shyu e Chen (2008), inclusive, mencionam muitas associações de chineses no Brasil que foram fundadas com um caráter especificamente regional: Cantão, Fujian, Jiangsu, Pequim, Qingtian, Shandong, Formosa, Xangai.

dos chineses, a República Popular da China, ainda assim, dados os regionalismos/localismos que reforçam redes com as mesmas bases escalares, pode-se ter movimentos completamente diferentes, ainda que de um mesmo país de procedência.

Falar de “migração chinesa” pode trazer a ideia de algo uno, homogêneo, no entanto, a partir dessa separação entre grupos observada na cidade com certa nitidez e das informações levantadas, compreende-se a existência de muitos fenômenos migratórios que se diferenciam pelas sociais redes ativadas, por portas e trajetos de saída usados, por níveis de renda etc. (MA, 2003; SKELDON, 2003; VERAS, 2008; PIZA, 2012).

A República Popular da China é um país que, com a própria evolução do modo de produção capitalista, vê surgir muitos contrastes, marcadamente, nas condições de vida das pessoas: deteve recordes de crescimento econômico; tirou milhões de pessoas de uma condição de fome crônica; se tornou um país onde vivem alguns dos mais ricos empresários do mundo; ao mesmo tempo, a desigualdade econômica tem aumentado, num fenômeno até chamado “latino-americanização” do país, com a abertura das fronteiras, há também uma “fuga de cérebros” buscando salários melhores no exterior, ao passo que continua a existir também o fenômeno da “migração de contêiner” (MA, 2003, KYNGE, 2007, XINRAN, 2008).

Quanto ao Rio de Janeiro e as relações entre esses grupos chineses, não há grande expectativa de que essas redes sociais, originalmente e espacialmente distintas, venham a se fundir intensamente na cidade: nos templos evangélicos, por exemplo, existe uma fragmentação por origem e tipo de escrita usado (RPC ou Formosa, simplificado ou tradicional, ou ainda, mandarim ou cantonês) e a rotina de trabalho de muitos chineses não reserva muito tempo para a sociabilidade e encontro com outras pessoas.

#### **4.3. Diferenças internas e externas e convívio no Rio de Janeiro: chineses e sino-brasileiros e os brasileiros sem ascendência chinesa.**

Como citado antes, existem famílias que contém até três gerações distintas e a exposição a diferentes experiências tem o poder de criar divergências no seio das famílias e da comunidade. Para tentar confirmar tal possibilidade, três perguntas foram feitas e as respostas foram divididas entre aqueles que já nasceram na cidade (doze pessoas) e aqueles que vieram de outros locais (entre 36 e 51 pessoas, dependendo da pergunta).

Quando perguntados sobre qual era o perfil dos seus amigos, 42% daqueles que nasceram no Rio de Janeiro responderam que a maioria de seus amigos eram brasileiros sem origem chinesa; por outro lado, 43% dos que nasceram em outros locais responderam que seus amigos eram, em sua maioria, chineses e descendentes. Um quarto de ambos os grupos respondeu ter um círculo de amizades equilibrado entre pessoas interiores e exteriores à comunidade chinesa.

Sobre sua relação com o espaço carioca, sobre como se sentiam na cidade, foram oferecidas três opções de resposta: “integrado(a)”, “adaptado(a)” e “excluído(a)”. Entre os cariocas, 75% relataram sentirem-se integrados à vida na cidade; entre os migrantes, o número caiu para 55%.

Sobre como vislumbravam sua presença na cidade num futuro próximo, 75% dos descendentes de chineses já nascidos no Rio de Janeiro relataram a intenção de permanecer nela; entre os migrantes, esse número foi de 69%: entende-se que ambos os valores são bastante elevados, sendo indicadores de que a população entrevistada aparenta um caráter mais fixo, mais estável, que outras comunidades chinesas mundo afora.

O primeiro dado citado neste subtópico indica o quanto o ambiente é importante na formação cultural das pessoas. Os dois grupos se colocam em posições completamente opostas no que diz respeito ao seu círculo de relações: os cariocas, interagindo mais intensamente com brasileiros de outras origens, tornam sua rede social mais heterogênea em termos étnicos. Como é de se esperar, a escola é um local onde as gerações nascidas na cidade encontram os demais brasileiros, criando novos laços: não existe uma escola chinesa no Rio de Janeiro.

Em geral, nota-se, ainda assim, uma preocupação dos pais em transmitir o(s) idioma(s) chinês(es) para os filhos, de maneira que se observou que a grande maioria dos chineses nascidos no Brasil fala algum idioma oriundo da terra dos pais. Alguns aparentam bastante fluência, como quem aprendeu a língua de forma natural, outros aprendem como uma segunda língua. No caso de famílias que tem os avós por perto, saber mandarim ou a língua regional pode ser fundamental para a comunicação das novas gerações com os idosos.

O grau de integração entre os integrantes da comunidade chinesa nascidos no Brasil é altíssimo, de maneira que é plenamente plausível se perguntar se o termo mais adequado para se referir a eles é mesmo “chinês-brasileiro” ou se “brasileiro de origem chinesa” não é mais próximo de sua identidade. A elevada intenção de permanecer na cidade também aponta para certo pertencimento e identificação deste grupo com o espaço em questão.

Como citado, entre os migrantes a integração é menor (55%). Os 42% que relataram estarem adaptados apenas, devem esbarrar em problemas como a falta de domínio do idioma português para permitir uma conversa mais fluida com as outras pessoas. Silva (2008) e Veras (2008) destacam uma relativa receptividade dos brasileiros para com os chineses, no entanto, também foram relatados casos de preconceito dos quais os chineses foram vítimas. Algumas ideias que os dois grupos têm um do outro possuem um papel fundamental no distanciamento que parte dos migrantes deve ter acerca do Brasil.

Entre imagens negativas narradas entre os grupos cita-se a ideia muito difundida entre os chineses de que os brasileiros não são trabalhadores, sérios ou disciplinados. Isto é, inclusive, citado por Stenberg (2012) como uma das justificativas para a escolha do Brasil como local de moradia: seria mais fácil se destacar no país, a disputa seria menos acirrada. Outras imagens que estão comumente ligadas aos brasileiros é a ideia de serem muito alegres e muito inclinados a festas, reforçando assim a percepção de pouca seriedade, que, se, por um lado, daria leveza à vida, por outro, não favoreceria o desenvolvimento econômico e/ou pessoal.

Aqui cabe citar outro questionamento feito aos integrantes da comunidade chinesa no Rio de Janeiro. Foi questionado, de forma objetiva, se eram favoráveis ou contrários ao casamento de membros da comunidade com pessoas externas a ela. Os números, a priori, seriam um indicador de uma flexibilidade e aproximação entre o grupo de origem estrangeira e a cidade receptora já que apenas 28% se mostraram contrários a esse tipo de união.

As pessoas opositoras de tal prática teriam uma das duas características a seguir: teriam mais idade ou teriam chegado há menos tempo na cidade, sendo, portanto, mais conservadoras ou menos relacionadas com a comunidade receptora – entre eles, há mais “adaptados” que “integrados”, nos remetendo ao questionamento anterior. Entre todos os entrevistados da pesquisa que se identificaram como casados ou em união estável, o número de casamentos extracomunitários é praticamente nulo.

Isto posto, apesar de 72% terem se declarado favoráveis ao casamento e à abertura da comunidade chinesa a pessoas de outras origens, houve muitas vezes ressalvas à resposta dada, fazendo sentir uma certa falta de convicção do inquerido. Apesar de haver um discurso de respeito à decisão das pessoas envolvidas e de que o sentimento que existe entre as partes que planejam a união seja o mais importante, a diferença cultural era sempre colocada como algo preocupante em uma relação deste tipo.

Foram citados muitos possíveis problemas caso um dos pares não fosse parte da comunidade: impossibilidade de comunicação com a família do cônjuge, hábitos alimentares diferentes; outra ideia geral é a de que os brasileiros não sabem controlar gastos<sup>80</sup> e tem pouco comprometimento com as responsabilidades adquiridas (esta seria, particularmente, uma preocupação maior daqueles que tem filhas).

Assim, houve quem se demonstrasse machista ao relatar que homens de origem chinesa poderiam se casar com brasileiras, mas a mesma atitude por parte das mulheres não seria bem recebida. Houve também uma atitude completamente racista, pois uma entrevistada disse que deixaria a filha casar com um brasileiro, desde que este tivesse pele clara: dois casos de um conservadorismo muito característico.

Também os chineses não escapam de estarem associados a algumas imagens bastante negativas existentes no imaginário de muitos brasileiros, o que não é novidade alguma visto o passado eugenista do país. Alguns brasileiros sem origem chinesa relataram que os chineses seriam um grupo de pessoas de pouca higiene, truculentos e exploradores do trabalho alheio.

Tal crença era manifestada de forma enfática por algumas pessoas quando, ao serem perguntadas sobre a presença de algum chinês na loja surgiam com expressões como “Graças a Deus que não!” ou “aquele povo”, em um tom completamente depreciativo. Houve quem dissesse que uma vez desempregado, procurou emprego em todas as lojas, menos naquelas que fossem de donos chineses.

Um comerciante cuja família de origem árabe há muito é estabelecida no Saara reclamou de uma baixa qualidade dos produtos vendidos pelos chineses que, por terem custo muito baixo, não teriam segurança, oferecendo risco a quem os usasse; era visível sua irritação, possivelmente pela dificuldade de competir com os orientais.

O convívio não seria tão harmonioso como alguns dados podem nos levar a pensar, no entanto, existem outros exemplos que servem também para não enxergarmos um atrito perene entre os migrantes alvo da pesquisa e a comunidade receptora. No Saara, havia uma carioca, filha de um paraibano, casada com um chinês, sendo que a mesma o conheceu exatamente porque trabalhava na loja da família de seu futuro marido.

Sobre o convívio com a sua parte oriental da família, ela disse que não seria tão difícil e fez uma comparação que, apesar de baseada em estereótipos, era bem surpreendente: disse

---

<sup>80</sup> Kyngé (2007) cita que é bastante comum que chineses consigam guardar 40% dos seus ganhos mensais. Em uma entrevista no Saara, ao ser descrito um hábito do pai do pesquisador, de ter muita cautela ao gastar o dinheiro que ganhava e de ter uma preocupação constante com o futuro, a interlocutora disse então que ele tinha “cabeça de chinês”.

ela que um suposto temperamento forte dos chineses não era algo complicado para ela por ter raízes familiares do Nordeste do Brasil e estar acostumada com um certo caráter rude que alguém pudesse ter.

Seu relato ainda é interessante porque ela se envolve com seu futuro marido depois que a família chinesa desiste de convencê-lo a encontrar e ficar com uma mulher chinesa. A família resignada do noivo, seria depois, surpreendentemente, instrumental para que o relacionamento com a brasileira se iniciasse: ela seria uma pessoa “de confiança” para eles, alguém de quem eles gostavam.

Alguns templos e igrejas têm tido um papel mais atuante na integração da comunidade chinesa e os demais brasileiros: uma delas, embora fundada por cristãos formosanos, tem hoje, boa parte dos seus membros de origem não chinesa; uma das atividades realizadas anualmente pela igreja é uma festa junina tipicamente brasileira. Um dos cultos semanais é realizado totalmente em língua portuguesa.

Uma comunidade budista formada essencialmente por chineses também se demonstra muito aberta a estreitar os laços com o entorno que a cerca. Oferecendo cursos abertos a todos e aproximando o Budismo dos cariocas assim como dos chineses em si. Alguns brasileiros de origem não chinesa trabalham junto com o templo, que organizou a comemoração do Ano Novo chinês no Grajaú em 2015.

O que é possível afirmar sobre as relações internas envolvendo famílias chinesas em suas diferentes gerações e as famílias chinesas em relação aos demais brasileiros, relações externas, é uma heterogeneidade quanto a aproximação entre os grupos. Sobre as primeiras, o crescer e se formar enquanto indivíduo em locais como a RPC ou Formosa e o Brasil são determinantes para que haja certas diferenças na forma de ver o mundo entre distintas gerações. Embora seja francamente possível reconhecer os descendentes como “brasileiros de origem chinesa”, querendo realçar uma maior identidade com terra onde nasceram, não parece ser uma tendência que esqueça com o tempo as raízes sônicas da família; historicamente não é algo comum nas comunidades chinesas de além-mar e ainda mais em um contexto atual de crescimento do peso político e econômico da RPC no mundo.

Sobre as relações chamadas externas, talvez o ponto de definição sobre tal fato é a existência de um real local de encontro: onde a convivência possa, de fato, ocorrer, com o tempo. Em, pelo menos, duas das igrejas evangélicas e no templo budista, esse espaço de convívio parecia se configurar. Havia chineses, descendentes e brasileiros em geral: uma

aproximação baseada apenas em uma fé ou preferências comuns e/ou a ação dos descendentes como elos entre as outras duas partes, com o tempo, poderia estabelecer novos laços sociais.

Nesses espaços foi possível encontrar mesmo brasileiros com afroascendência, característica que foi citada por uma entrevistada como algo indesejável para um possível futuro(a) genro/nora. Ou seja, também este aspecto, felizmente, não estaria sendo determinante na sociabilidade existente nestes espaços<sup>81</sup>.

Sobre os espaços de sociabilidade e possível integração caberia destacar a Associação Cultural Chinesa do Rio de Janeiro como um espaço pouco relevante para a aproximação da comunidade chinesa com os cariocas. O espaço, que também abriga um restaurante, parecia funcionar mais como um “clube fechado”, onde as pessoas jogavam *mahjong* e cantavam em karaokê. Não havia pessoa alguma encarregada de receber visitantes e fazê-los conhecer melhor a comunidade e sua história.

---

<sup>81</sup> Um dos brasileiros entrevistados no Instituto Confucius, contou uma história de caráter anedótico sobre sua estada na RPC, que também se refere a este racismo existente na sociedade chinesa. Segundo ele, os estrangeiros de pele clara, eram motivo de “encanto” entre os chineses, enquanto que os negros eram ignorados pelas pessoas. Ele conta que teria sido convidado para participar de uma novela local, por ser considerado um ocidental que falava chinês. A participação, que duraria alguns dias, levou mais de um mês.



## 5. HISTÓRIAS DE VIDA

Neste trecho do trabalho, destacam-se algumas histórias pessoais de migrantes e descendentes na cidade do Rio de Janeiro. Por meio de seus percursos é possível perceber características distintas das fases do fenômeno citadas anteriormente.

### 5.1. Caso A: Nativa da China continental, 74 anos

Nascida em 1942, no meio da II Guerra Mundial, a entrevistada teve um período da sua infância quando, muito comumente, estava doente, e uma juventude conturbada, com muitas mudanças de local de residência. Sua família vivia originalmente em Hong Kong. Durante um ataque japonês à então dependência britânica, a casa onde viviam foi danificada por uma bomba que teria destruído um dos cômodos de sua casa: este teria sido o grande motivador da saída de sua família de lá e fuga para a então República da China (futura RPC), talvez percebendo que a guerra havia chegado a área<sup>82</sup>.

Dentre os que fugiram estava sua mãe, grávida. O grupo se dirigiu para o condado de Wenzhou, província de Zhejiang, onde a entrevistada nasceu. Durante a fuga, sua família consumiu água contaminada, o que teria levado a uma grande incidência de problemas de saúde<sup>83</sup>. Enquanto criança, sofreu com episódios de doenças que afetavam gravemente a pele e que as técnicas da medicina tradicional chinesa não teriam conseguido solucionar. Apenas com a chegada de um médico russo, tal problema foi solucionado<sup>84</sup>.

A entrevistada relata que, sob o regime maoista, o governo usava o período de férias escolares para se aproveitar da força de trabalho infantil para atividades de natureza pública: produção de aço, extermínio de pragas e cultivo de terras<sup>85</sup>. Quando correram rumores de que

---

<sup>82</sup> A guerra chegou primeiramente à República da China, que havia boa parte de seu nordeste ocupado, assim como Xangai. A região da Manchúria havia se tornado um novo Estado, vinculado ao Império Japonês. A própria província de Guangdong, onde Hong Kong se localiza quase como um enclave, estava ocupada à época dos relatos.

Foram citados muitos atos bárbaros cometidos pelos japoneses invasores; reais crimes de guerra, tais como saques, incêndios de casas, estupros. A atual Região Administrativa Especial de Hong Kong possui alguns monumentos em homenagem às vítimas deste momento da guerra.

<sup>83</sup> É relatado que, no caminho para Wenzhou, parou-se para beber água em um rio próximo. Pouco depois, verificou-se que rio acima havia certa quantidade de corpos de vítimas da guerra.

<sup>84</sup> O médico teria indicado que a criança fosse banhada junto com um pó de cor violeta. Depois que este procedimento foi feito algumas vezes, não mais houve episódios desta natureza. Pela descrição dada, tal substância se assemelha a permanganato de potássio, muito usado contra catapora.

<sup>85</sup> Ela citou um clima competitivo criado entre os alunos, o que os fazia buscar mais resultados. Na produção de aço, buscava-se todo o ferro que se conseguisse encontrar, não importando seu estado, o que fazia com que o produto final fosse de baixa qualidade.

o governo mandaria as crianças para locais bem distantes, a família resolve retornar à Hong Kong.

Ressalta-se que ela cita elementos de políticas que são situadas historicamente apenas em um período posterior. A interlocutora relata aspectos semelhantes aos da Revolução Cultural, como a existência de um livro vermelho e de uma série de comportamentos que eram ensinados como sendo degenerados (devido à sua natureza ocidental e capitalista), como, por exemplo, o uso de maquiagem<sup>86</sup>.

O uso do trabalho infantil e a ideia de mandar estudantes para os locais onde as atividades produtivas eram efetivamente executadas é algo que remete ao Grande Salto Adiante, que se inicia, oficialmente, apenas no ano quando a entrevistada aponta sua saída do país, agora já “República Popular da China”. Para convencer famílias e estudantes a trabalharem, o governo usava o argumento de que não apenas com livros havia aprendizagem, mas que havia de se fazer as coisas na prática para aprender.

Sua saída de Wenzhou ocorre em 1958. Naquele período, os limites chineses estavam oficialmente fechados. Ela viajou para a província de Guangdong e de lá foi para Hong Kong, de barco, no meio da noite, entrando ilegalmente no então território britânico. Em um período histórico já caracterizado pela Guerra Fria, ela determina que havia um esquema de corrupção envolvendo autoridades de Hong Kong para negligenciar e/ou ignorar a chegada dos chineses da RPC: a própria hora escolhida para a passagem pelo Rio das Pérolas era em função do grupo adequado estar em seu turno de trabalho.

Ela viveu em Hong Kong por 8 anos. Houve um grande choque cultural referente aos hábitos ocidentais ali existentes, que se contrapunham à sua educação maoista: as roupas mais coloridas, mais curtas e decotadas das honconguesas chamavam a atenção da jovem do continente, que teve dificuldade de incorporar os novos costumes. A esta educação dura e ao modo de vida sem luxo material, a entrevistada atribuiu uma predileção pela simplicidade que mantém até hoje<sup>87</sup>.

Mais tarde ela se casa e um parente de seu marido pede que ele o ajude no Brasil, e, assim, também ela vem. Ao marido é atribuída uma condição de família de classe média. Ele vende propriedades em Hong Kong e embarcam para o Brasil. O navio levou 45 dias para

---

O discurso usado pelos órgãos governamentais na época de Mao era que havia seres que eram naturalmente maus, pois destruíam plantações, fazendo a população correr risco de passar fome: eram pássaros, ratos, moscas, que eram o alvo das crianças em seu dever de ajudar a nação.

<sup>86</sup> Relatos semelhantes são encontrados na obra de Xinran (2007).

<sup>87</sup> Sua aversão a roupas muito elaboradas, adornos e maquiagem já a fez ser chamada de “selvagem” por sua filha.

fazer o trajeto e passou por Cingapura e África do Sul, antes de aportar em Santos, estado de São Paulo. Dali, de carro, chegaram à cidade do Rio de Janeiro, onde se instalaram definitivamente.

Sua trajetória a fez lidar com muitos idiomas durante sua vida. Tendo nascido em Wenzhou, o dialeto deste condado – em português, wenzhounês – é seu falar nativo. Aprendeu o mandarim na escola, de acordo com o projeto dos governos da RPC de definição de uma *lingua franca* no país<sup>88</sup>. Seu marido era do condado de Qingtian, onde há um outro dialeto, que precisou aprender para se socializar com seu círculo de amigos. Em Hong Kong, o idioma corrente é o cantonês e tendo ainda que aprender o inglês, a outra língua oficial do território. Chega ao Brasil e aprende o português.

Durante sua estada no Rio de Janeiro, desempenhou muitos papéis na economia, indo do setor informal ao formal. Trabalhou como vendedora ambulante, cada dia em um local diferente, que pode ser caracterizado como *tibao*; foi proprietária de pastelaria e depois mudou para o comércio mais tradicional, vendendo produtos de bazar, variados, primeiro na Tijuca (bairro onde morou), depois em Copacabana e depois no Centro da cidade, onde a entrevista foi feita.

A entrevistada informou que, hoje, não voltaria para a China, pois sua família foi construída aqui, onde ela tem filhos e netos. Ela reclamou da condição econômica atual que faria com que as vendas fossem fracas e se queixou da violência existente na cidade, de forma que chegou a lamentar ter “criado raízes” em local tão problemático<sup>89</sup>.

Mas, no contexto em que se insere, não voltaria mais para a China. Segundo ela, que já retornou a passeio ao país asiático, os locais onde viveu no passado mudaram completamente e não há, praticamente, mais pessoa alguma que ela conheça lá. Além de dois filhos no Rio de Janeiro e seus netos, a entrevistada possui também um irmão, morador do bairro de Campo Grande, na Zona Oeste do município. No exterior, ela possui um filho que mora em Portugal, onde um alto custo de vida também inviabilizaria sua ida definitiva para lá. Ainda há um irmão que vive na China (na Região Administrativa Especial de Hong Kong).

A migração desta senhora para o Rio de Janeiro propriamente tem algumas características comuns a muitos outros migrantes. Sua ida para a cidade se deu muito em

---

<sup>88</sup> O próprio termo original que designa o mandarim aponta isso com excepcional clareza: “*putonghua*”, cujo significado é “língua comum”.

<sup>89</sup> Seu tom de lamento era tamanho que ela disse que se havia brasileiros nativos que estavam desapontados com o país, mais ainda estaria ela, que veio de tão longe para viver os problemas daqui. Segundo a entrevistada, se eles tivessem mantido os imóveis em Hong Kong teriam um grande capital disponível dada a valorização imobiliária que aconteceu no território, que, de fato, é, por exemplo, uma das maiores praças de comércio de ações do mundo.

função de alguém previamente instalado, no caso, um parente de seu marido, de forma que ela veio acompanhando seu cônjuge. A presença de um dos irmãos da entrevistada no município também denota um provável papel da rede social encadeando uma continuidade no movimento migratório.

A rede social que deu início à migração foi de natureza familiar, com integrantes muito próximos da migrante – afetivamente e geograficamente; sem muita interação aparente com pessoas com nível de relacionamento diferente, configurando os laços fortes de acordo com a classificação de Granovetter (1973).

Entretanto, é possível identificar a importância dos laços fracos em, pelo menos, um dos movimentos migratórios feitos pela entrevistada, quiçá em dois deles: na saída de Zhejiang para Hong Kong, via Guangdong, ela cita o uso de barcos locais e da cumplicidade de pessoas em Hong Kong para a chegada do grupo que se deslocava no meio da noite de um local para outro. Esses atores não se caracterizam por laços fortes com a migrante, foram contatados especificamente para fazer a travessia, seus laços eram fracos, mas foram fundamentais para o sucesso do movimento<sup>90</sup>.

Já na ida para o Rio de Janeiro, é possível questionar a intensidade dos laços entre seu marido e o parente que vivia no então Estado da Guanabara. Eram, obviamente, laços de parentesco, mas, menos fortes que aqueles que a migrante detinha com seus pais, avós, que engendraram movimento para Hong Kong. No caso, falamos agora de um parente geograficamente distante, na América do Sul, ainda na década de 1960. Relativamente, pode-se perceber uma fraqueza deste laço, mas foi exatamente ele que serviu de instrumento para sua vinda para a futura municipalidade carioca.

Tomando os apontamentos de Granovetter (1973), este tratando das relações sociais no bairro de West End em Boston, EUA, o autor diz que “...laços fracos desempenham um papel em efetivar a coesão social. Quando um homem muda de emprego, ele não está apenas se movendo de uma rede de laços para outra, mas também estabelecendo uma ligação entre essas redes” (p.1373). No caso da entrevistada, esse laço distante e relativamente fraco, ligou Hong Kong ao Rio de Janeiro, determinando sua chegada do outro lado do mundo.

Sobre a rede social atual localizada no município do Rio de Janeiro, onde a entrevistada se insere, esta parece ser muito dominada por laços fortes. A entrevistada coloca um peso bastante grande no papel que a presença de sua família nuclear tem com relação às

---

<sup>90</sup> Para Requena Santos (1989), esta seria uma relação social chamada “concreta”, com um objetivo claro, previamente definido e cuja existência é explicada apenas pela obtenção desta meta, podendo acabar assim que seja alcançada.

suas decisões. A entrevistada cita problemas econômicos dos filhos, aos quais ajuda, não cabendo para ela a ideia de não fazê-lo<sup>91</sup>.

Outro ponto que torna suas relações familiares tão importantes em seu contexto social é que sua rotina baseia-se no movimento casa-trabalho-casa, mas o local de trabalho não se constitui um local muito social, além das efêmeras relações de compra e venda, vendedor-cliente<sup>92</sup> – quando a encontrei, estava na loja, só, como parece sempre estar.

Os espaços de sociabilidade desta senhora seriam uma unidade do Serviço Social do Comércio (SESC) onde faria ginástica semanalmente e o templo evangélico de origem chinesa que frequenta, na mesma frequência. Aqui, cabe citar que ela não conhece boa parte dos membros da igreja, pois costuma ficar apenas com os mais velhos: restringindo suas interações sociais. Como os cultos ocorrem nos domingos, pela manhã, a entrevistada disse que, durante a tarde, ao voltar para casa, atenta para arrumar ou resolver algum problema domiciliar que esteja pendente.

Se as redes sociais de chineses podem ser muito instrumentais quando o grupo está direcionado a um mesmo objetivo, como no exemplo da família; sob outros aspectos, o mesmo talvez não possa ser dito. Outras redes, quando completamente difusas (REQUENA SANTOS, 1989), parecem pouco úteis ou com pontos da rede agindo de forma concorrente entre si.

Quando ocorre algum evento potencialmente danoso aos comerciantes (assalto/roubo de lojas ou inspeção da polícia por produtos falsificados), não há, segundo ela, uma comunicação interna ao grupo para deixar os demais vizinhos atentos, apontando uma conduta que pode ser vista desde negligente ou até mesmo mal-intencionada.

A entrevistada, cristã evangélica, disse já ter frequentado regularmente as três igrejas chinesas conhecidas no município do Rio de Janeiro. Sobre uma delas, ela relatou que havia comumente em seus integrantes um olhar competitivo e discriminatório a partir de como se estava trajado ou do que possuía; o que remete a sentimentos como orgulho ou vaidade, algo com os quais muitos chineses parecem se identificar.

Disse ainda ter pequena participação em ações que envolvam a comunidade chinesa no Rio de Janeiro, como atividades feitas na Associação Cultural Chinesa. Parafraseando a opinião da sua filha, completamente integrada ao Brasil e casada com um brasileiro sem

---

<sup>91</sup> Há certa inversão da ideia de que na velhice os filhos cuidam dos pais (uma expectativa muito comum entre os chineses). A não realização de tal situação pareceu gerar desapontamento na entrevistada.

<sup>92</sup> Há lojas no Saara que abrem às 7 horas e fecham apenas depois das 18 horas, de forma que para um proprietário sem empregados, o período de trabalho preenche uma parte muito grande do dia.

qualquer origem oriental – não sendo necessariamente a opinião da própria entrevistada – ela diz que tal local é sujo, assim como os seus frequentadores, de forma que, para sua filha, estar ali não é uma experiência nada desejável.

## **5.2. Caso B: Nativo da China continental, 42 anos**

Este entrevistado não estava particularmente interessado em responder as perguntas propostas e, na verdade, foi até um pouco evasivo. Ainda assim, no que pode parecer contraditório, foi muito falante, desde que ele guiasse a conversa de acordo com os assuntos nos quais estava disposto a falar.

Também nativo da província de Zhejiang (condado de Wenzhou), tinha 19 anos quando chegou ao Rio de Janeiro. Sua história é pontilhada por interrogações. Ele é originário de uma área rural, onde trabalhava como agricultor, em terra cuja propriedade não era sua ou de sua família (cedidas pelo governo). Este senhor, aparentemente, devia se colocar em um extrato social bastante baixo na sociedade chinesa, pois as áreas rurais são as mais deprimidas<sup>93</sup>.

Ele relatou que a viagem para o Rio de Janeiro foi feita de avião, sem companhia alguma, partindo de Xangai e passando por Joanesburgo, África do Sul. Um tio, já morador do Rio de Janeiro, teria o ajudado em seu processo migratório. Chegando ao Rio de Janeiro, ele disse que seu primeiro trabalho foi como ajudante de cozinha no bairro da Tijuca.

Sua falta de disposição em responder as perguntas deixou suspeita sobre algo irregular no passado daquele senhor. Segundo seu relato, em seu primeiro emprego não havia chinês algum que trabalhasse com ele. No entanto, sendo ele um estrangeiro, de uma área rural, de um país linguisticamente e culturalmente tão diferente do Brasil, infere-se que foi incorporado ao negócio do tio. A maneira como foram as relações de trabalho durante esse período permanecem nebulosas.

Ele relatou que se sente integrado ao Rio de Janeiro e que seus amigos seriam mais ou menos bem divididos entre chineses e descendentes de um lado e brasileiros sem origem oriental, do outro. Seus filhos nasceram aqui e ele tem primos na cidade. Seu domínio do português demonstrou-se excelente, com um alto nível de fluência, o que permitiu que se expressasse bem sobre assuntos bastante distintos daqueles que envolvem o simples cotidiano.

---

<sup>93</sup> Na hierarquia social e espacial chinesa, concomitante ao movimento internacional de saída de pessoas da China (principalmente de áreas urbanas), há um fenômeno doméstico de deslocamento envolvendo saída de pessoas de áreas rurais ou interioranas para as cidades e/ou o litoral.

Segundo o entrevistado, a razão de sua saída de Wenzhou foi econômica, denotando assim o caso de migração que pode ser chamado “clássico”, em que se faz presente a busca por uma condição melhor de vida. A razão da escolha do Rio de Janeiro foi a presença de uma pessoa com grau parental, de maneira que, também nesta história, a existência de um contato previamente instalado no local de destino foi instrumental para a chegada de uma nova pessoa na cidade.

Durante a entrevista, um grande desejo do interlocutor era externar suas opiniões sobre o país onde se instalou e já viveu a maior parte de sua vida. No entanto, sua condição de estrangeiro não se esmaece: ele tem contato com parentes que vivem na China, já os visitou e ainda domina tanto seu dialeto local quanto o mandarim. Seu olhar sobre o Brasil é muito feito por comparação ao que acontece no seu país natal.

Segundo ele, o Brasil é um país com grande potencial, usando o conhecido clichê de que é um local em que “plantando-se, tudo dá”, de tal forma que não deveria haver pobreza. Seu tom de voz e sua expressão facial apontavam para um sentimento de surpresa negativa, de assombro, de desapontamento com o dia a dia do país.

Reclamou da corrupção do Estado brasileiro, talvez porque exista uma imagem muito difundida sobre o Estado chinês como aplicador de uma política de “tolerância zero” com relação a crimes desta natureza. Gombata (2014), por exemplo, citava a China como a maior executora de penas capitais do mundo, sendo o crime de corrupção um dos passíveis de tal condenação<sup>94</sup>.

Também se queixou de uma morosidade nas ações do Estado brasileiro, o que parece ser uma opinião emitida muito em função da rapidez com que certos processos ocorrem na República Popular da China. A velocidade das decisões na China, conhecida por seu Estado autoritário, contrasta com as estâncias de discussão – muitas vezes, ineficientes ou ainda que apenas *pro forma* – são mais comuns no Brasil<sup>95</sup>.

---

<sup>94</sup> Contudo, países tão extensos quanto China e Brasil, podem ter graus de corrupção muito variáveis de um local para outro. E, não havendo dados em menor escala, cita-se que, segundo *ranking* da ONG Transparência Internacional (2016), ambos são, na verdade, bastante parecidos: apenas um ponto os separa.

Kynge (2007) relata que a corrupção na China foi, inclusive, fundamental para subverter o caráter centralizador do Partido Comunista no país e dar maior liberdade econômica às pessoas. Segundo o autor, a abertura econômica não foi completamente um projeto instituído pelo PC chinês, mas foi incentivada por este após a percepção sobre certas estratégias informais – e oficialmente proibidas – que começavam a dar resultados. Há um ditado que pode ser relacionado a certo “jeitinho chinês” que diz: “O céu é alto e o imperador está longe”.

<sup>95</sup> Um texto publicado por Nunes (2014), na revista *Veja*, deu origem a um “meme” que se espalhou pelas ferramentas de redes sociais, como o Facebook, veiculando uma indignação com os altos custos e largos prazos de conclusão de obras no Brasil em comparação com a China, remetendo a morosidade e corrupção.

Tal comparação institucional também aparece em matéria de Valim (2014), para a *Isto É Dinheiro*: “Os grandes projetos [...] chineses são conhecidos por serem aprovados e construídos em velocidades estonteantes, mas no Brasil a tramitação das liberações ambientais costuma ser morosa. A State Grid já teve sua dose de tortura...”.

Para justificar tal posição, o entrevistado cita a usina hidrelétrica de Belo Monte que, segundo ele, já era para estar em operação. Os atrasos passariam pelas “muitas” discussões que envolveram órgãos governamentais e sociedade local, enquanto a economia brasileira correria um risco de não crescer conforme sua real capacidade.

Para o entrevistado, ao decidir pela construção da usina – a partir de uma suposta consulta à toda a população, quase como um plebiscito – o governo brasileiro deveria retirar as pessoas afetadas e levá-las para outro local, visto que era o prejuízo de um pequeno grupo em prol de uma maioria que precisa da energia elétrica.

Talvez este ponto de vista esteja relacionado a uma aura de objetividade que envolve a China atualmente e à ideia de que – no momento atual – seu país de origem se encontra em melhor situação econômica que o Brasil e a possíveis conversas que este comerciante pudesse ter com os executivos das empresas chinesas (do ramo energético, por exemplo), que entram e saem do Saara a todo o momento e esbarram em arranjos institucionais diferentes daqueles que encontram em seu próprio país.

### **5.3. Caso C: Descendente, 30 anos**

A entrevistada nasceu na cidade do Rio de Janeiro, é solteira e concluiu o Ensino Superior, graduando-se em Direito. A partir de seu relato, compreende-se, também na sua história familiar, a importância de um pioneiro estimulando uma continuidade migratória. No seu exemplo particular, seu avô paterno foi o primeiro a chegar, em um momento quando não soube precisar, abrindo uma pastelaria. Mais tarde, seu pai, ainda adolescente, na década de 1960, veio a residir na cidade.

Motivos políticos que a jovem não soube explicar, teriam sido motivadores da saída de seu pai de Formosa. Dado o período histórico relatado, pode-se especular que o movimento ocorreu em função do receio que pairava sobre parte da população da ilha e também Hong Kong e Macau de que a República Popular da China pudesse agir para retomar o controle sobre estes territórios<sup>96</sup>.

Destaca-se em seu relato o fato de que seu pai também possui formação superior: ele é o efetivo proprietário do estabelecimento onde ocorreu a entrevista, fez uma graduação em

---

<sup>96</sup> Juntamente com a cidade-Estado de Cingapura, o conjunto destes países é concebido como “Grande China” ou “mundo síncico” (MA, 2003), áreas de predomínio de população e cultura chinesa. O período entre 1949-1987 foi, segundo Williams (2003), o de maior “contribuição” de Formosa para migração chinesa porque, além da incerteza quanto à retomada da ilha pelo regime maoista, foi um momento caracterizado por uma ditadura capitalista na própria ilha, sendo mais uma motivação para a saída de parte de seus habitantes.



Engenharia, vindo a trabalhar em uma empresa farmacêutica. Depois, abriu a loja, da qual a entrevistada é gerente. Os produtos ofertados no estabelecimento comercial eram artigos de decoração e presentes.

Apesar da sua formação em Direito, ela não exerce atividade alguma voltada à área jurídica. De acordo com seu relato, chegou a realizar estágios no centro da cidade e no bairro de Botafogo, e chegou a exercer a profissão em Curitiba, estado do Paraná. No entanto, compreende-se que a entrevistada não se identificou com a profissão, caracterizando-a por uma rotina enfadonha, preferindo voltar a trabalhar com a família. Atualmente, reside no bairro do Flamengo, tendo antes vivido no bairro da Tijuca.

A informante, já correspondente à terceira geração da família no Rio de Janeiro, não fala mandarim. Sobre seu círculo de amizades, ela identificou que este é composto principalmente por brasileiros sem origem chinesa. Seu distanciamento em relação às suas origens orientais torna-se aparente quando cita que, apesar de possuir parentes em Formosa e mesmo em São Paulo, não há prática de encontros ou visitas entre eles.

#### **5.4. Caso D: Descendente, 23 anos**

O entrevistado é filho do proprietário de uma loja especializada em bolsas e afins no Saara. Para os padrões da área, é uma loja de dimensões maiores e chamava a atenção também para sua organização, limpeza e um cuidado estético superior. Além disso, se localizava em uma posição bastante central naquela área comercial.

A conversa foi bastante ilustrativa das diferenças passíveis de ocorrer entre as gerações de famílias de origem chinesa na cidade do Rio de Janeiro. Isto porque ele também deu informações sobre seu pai, o pioneiro da história carioca de sua família, nascido em 1966, em uma área rural do condado de Qingtian, província de Zhejiang.

Seu grau de instrução é baixo, tendo sequer terminado o que no Brasil é equivalente ao Ensino Fundamental. À época da migração, no ano de 1984, ele trabalhava como agricultor e a motivação para iniciar tal processo foi de natureza econômica. Seu filho não soube informar se alguém teria ajudado o pai, agindo como um contato, uma “ponte”, para viabilizar sua chegada ao Rio de Janeiro.

É provável que um contato direto ou indireto com alguma pessoa tenha existido para permitir esse deslocamento: o relato de Shu (2009) reforça tal possibilidade ao citar a presença de chineses do condado, envolvidos com comércio na cidade desde o início do

século XX que, mediante uma cadeia migratória, pode ter se estendido até ao pai do estudante.

Por um período, o pai do entrevistado deixou o Rio de Janeiro, se estabelecendo na cidade de Barcelona, Espanha, onde trabalhou em cozinhas de restaurantes. Mais tarde, retornou à capital fluminense, onde trabalhou como ambulante, antes de estabelecer o comércio de bolsas no Centro. Aparentemente, a atividade progrediu: a loja da família tinha ótima aparência, muitos produtos à venda e um movimento bastante grande de compradores. Os vendedores eram todos brasileiros, porém havia uma empregada, chinesa, que sequer era membro da família proprietária.

O pai aparentava ter uma personalidade muito forte e, de certo modo, muito agressiva. Durante o período em que estive no estabelecimento, começou a chover, de maneira que toldos tiveram que ser instalados: a suposta demora de um dos empregados em fazer o que era preciso, fez com que ocorresse uma discussão muito acalorada, primeiro entre patrão e empregado, depois entre o patrão e seu filho, que questionava a truculência empregada pelo pai.

Enquanto a discussão com o funcionário se dava em português, quando tal situação se estendeu ao filho, os sons mais ouvidos na loja passaram a ser os do dialeto qingtianês, usado pelo filho com o que seria uma manifesta desenvoltura. Em função do acontecido, o pai não foi à loja no dia seguinte. Tal atitude teria sido encorajada pelo filho, em um momento de maior tranquilidade posterior de ambos. Segundo o entrevistado, nos dias em que o pai não estava presente o ambiente da loja era muito mais calmo.

O temperamento e algumas opiniões do filho pareciam ser bem distintos aos do pai. Apesar de ser estudante de Engenharia, ele passava períodos ociosos, como as férias, na loja da família. Não pareceu contrariado por usar seu tempo livre desta forma e os diálogos envolvendo ele e seus funcionários eram bem amistosos.

Quanto às crenças, seu pai foi criado com uma influência budista (em uma China cuja política estatal era propagar e impor o ateísmo) mas não é um praticante regular. Já o entrevistado disse não ter religião específica, acreditando no sobrenatural, porém sem uma filiação em particular. A mãe parecia ter uma devoção budista maior e, talvez, tenha influenciado a filha na adoção de sua fé: ela havia acabado de retornar de um acampamento na Argentina organizado por uma entidade budista<sup>97</sup>.

---

<sup>97</sup> A filha tinha uma aparência típica dos jovens de sua idade, com roupas muito casuais e pedindo favores ao irmão mais velho em tom de súplica com uma dramaticidade de visível exagero aos olhos do pesquisador. Ela não falava idioma chinês algum, seja mandarim ou qingtianês.

Comparando os círculos de amizade de pai e filho, a diferença é grande: enquanto o primeiro, de acordo com o entrevistado, só se relaciona realmente com chineses e descendentes; o segundo tinha brasileiros sem origem oriental como aqueles que compunham a maior parte das suas relações sociais<sup>98</sup>.

Quando perguntado ao jovem sua opinião acerca de casamentos que envolvessem pessoas sem origem chinesa, ele respondeu não somente que era favorável como também que, para ele, era preferível. Sua vivência sempre em meio aos demais brasileiros o teria feito adquirir preferências estéticas mais comuns ao país onde nasceu, de maneira que o fenótipo considerado como o predileto dos chineses, envolvendo pele branca, corpo magro, cabelos e olhos bem escuros, não era o mais atraente para si<sup>99</sup>.

A experiência de convívio com seu pai dizia que este era contra relacionamentos interétnicos. A argumentação, muito comum a todos aqueles contrários a tais interações, era que a grande diferença cultural entre duas pessoas com raízes tão distantes tenderia a colocar as partes em constantes choques por opiniões divergentes.

Outra diferença reside na percepção de que o pai ainda pode ter o sonho ou meta de retornar à China depois que se aposentar. Segundo o entrevistado, o pai nunca se adaptou completamente ao ambiente carioca, então ainda cogita este retorno. Já o filho não demonstrou interesse em deixar a cidade, nem de forma imediata, nem em um futuro mais adiante.

Devido ao episódio do atrito entre os integrantes da loja – que ocorreu de forma bastante aberta, independente da presença dos consumidores no estabelecimento – o interlocutor foi questionado sobre uma imagem estereotipada, muito disseminada pelos filmes de artes marciais, sobre uma suposta paciência que seria atribuída a boa parte dos chineses. Segundo o entrevistado, isto não se aplicaria ao seu pai e a muitas outras pessoas, devido ao seu passado rural, sem escolaridade e de eventuais privações. Segundo ele, a atribuição da palavra “caipira” para denominar pessoas como seu pai seria bastante cabível: uma expressão particularmente carregada de significados como “atraso” ou “dureza”<sup>100</sup>.

---

<sup>98</sup> Em um tom de abertura e receptividade, o jovem disse que seu melhor amigo é um brasileiro originário de uma família árabe (Síria), proprietária de uma rede de três restaurantes e um bar informal na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>99</sup> Um brasileiro que viveu dois anos na China, entrevistado na sede carioca do Instituto Confúcius, disse que o ideal de pele alva movimentava muito dinheiro na China, a partir de compras de produtos cosméticos de origem sul-coreana que trariam resultados muito satisfatórios.

<sup>100</sup> O termo “caipira” me foi trazido pela primeira vez por um filho de formosanos para tentar situar um brasileiro sobre como seriam vistos os qingtianeses em relação a outros chineses. O condado de Qingtian é muito montanhoso; no passado, isto teria contribuído para um certo isolamento da área.

### 5.5. Caso E: Nativa da China continental, 52 anos e filho

Seu relato descreve uma história de ascensão social. Ela é originária do condado de Wenzhou, província de Zhejiang. Segundo ela, veio para o Brasil, diretamente para o Rio de Janeiro, motivada por interesses econômicos e sua chegada foi facilitada pelos parentes do marido que já viviam na cidade. Na China, trabalhava em uma fábrica de tecidos. Quando chegou metrópole carioca, veio apenas com o marido. No ano seguinte, uma vez estabelecidos, vieram então os filhos e os pais. Viveu em um primeiro momento no bairro da Tijuca; hoje é residente no Flamengo.

Falando um português muito bom disse que seu primeiro trabalho na cidade foi como vendedora ambulante ou em suas próprias palavras: “camelô”. Durante este período, teria trabalhado em muitos locais diferentes. Os produtos vendidos seriam os mais comuns do comércio efetuado por pessoas de origem chinesa na cidade: pequenos objetos, enfeites; citou que também vendia algumas peças de vestuário, como meias.

A entrevistada disse que levou sete anos para conseguir abrir um negócio com endereço fixo: uma loja de presentes no centro da cidade do Rio de Janeiro. Mas, de acordo com ela, os lucros não eram muito elevados, o que teria servido como motivação futura para uma nova mudança de atividade que a levou a posição profissional atual. Desde 2009, ela possui uma empresa importadora, atuando exatamente como intermediária entre as lojas que vendem ao consumidor final e os fabricantes situados na China.

A entrevista foi feita em um templo religioso budista, religião que professa, sendo praticante regular. A vi em algumas ocasiões além daquela que proporcionou escrever estes relatos, o que permitiu acompanhá-la em algumas cerimônias onde usava um manto que indicava uma iniciação formal à religião, mais que apenas uma simpatia ou uma frequência no templo sem maior comprometimento.

Como foi percebido ao longo das entrevistas, as reservas quanto aos relacionamentos afetivos que envolvam pessoas de fora da comunidade chinesa são comuns, principalmente entre pessoas que representam grupos mais idosos ou que são uma primeira geração na cidade. A entrevistada é um exemplo disto, respondendo ser contrária a casamentos desta

---

Muitos nativos de Formosa parecem crer em uma certa superioridade em relação aos chineses do continente. Williams (2003) cita que parte da população da ilha, testemunha de 50 anos de ocupação japonesa, era muito sofisticada comparada aos continentais fugidos da Revolução Chinesa. Hoje, o governo de Formosa coloca para si o papel de grande guardião da cultura chinesa, muito além do continente: o *Kuomintang* levou para a ilha muitos tesouros imperiais, favoreceu as tradições religiosas e manteve os ideogramas tradicionais; tentando transmitir a mensagem que a real e legítima China estaria na ilha (WILLIAMS, op. cit.; TREVISAN, 2012).

natureza. Sua justificativa é que as diferenças culturais entre ambos seriam muito difíceis de ser conciliadas: impasses entre o casal seriam frequentes<sup>101</sup>.

De forma não intencional, tive contato com um de seus filhos, porém em um outro templo religioso: evangélico. Lá ele é um frequentador muito regular (a igreja se reúne duas vezes por semana) e também é muito atuante – não apenas indo e, simplesmente, assistindo ao culto. Exemplifico que o presenciei conduzindo um culto e recepcionando os que chegavam; além disso, no templo, eles têm equipes responsáveis pela limpeza que se revezam semanalmente na execução do trabalho.

Quando chegou à cidade, o entrevistado tinha apenas dois anos de idade. Formou-se em Engenharia, o que representa uma elevação do nível educacional da família, uma tendência muito comum na migração quando distintas gerações são comparadas.

Ele mantém contato com seus parentes em sua província natal, já tendo a visitado três vezes; fala o dialeto de Wenzhou e mandarim. Seu status legal no Brasil é “estrangeiro”, pois mantém a cidadania chinesa, o que facilita seu retorno à República Popular da China<sup>102</sup>.

Apesar disto, disse não ter intenção de sair do Rio; assim como sua mãe também afirmou. Realmente, a impressão que tive era de que o engenheiro se percebia como brasileiro, sentindo-se integrado como ele próprio relatou, já que viveu praticamente toda a sua vida na capital fluminense, com sua família nuclear e estendida (avós, tios, primos).

---

<sup>101</sup> Algumas pessoas são bem taxativas quanto a isso: tive acesso a relatos como a iniciativa insistente de pais apresentando meninas de origem chinesa para seus filhos e até um caso que pode ter sido um casamento “arranjado”, com a noiva saindo diretamente da China para a realização do matrimônio. Uma jovem brasileira de origem chinesa disse, em um tom de lamento, quase suspirando, que sofria com este tipo de postura por parte de seus pais.

<sup>102</sup> Uma naturalização no Brasil representaria a perda da nacionalidade chinesa. O país asiático não reconhece a dupla cidadania.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, percebe-se como principal motivador para o deslocamento dos imigrantes chineses que chegaram ao Rio de Janeiro, o interesse por uma melhora das condições materiais de vida e um acesso mais fácil a bens de consumo. A ida para a capital fluminense seria um deslocamento espacial com o objetivo de gerar também um deslocamento social do migrante.

Salvo as pessoas de origem formosana – e que hoje não são mais o grupo predominante – todos os demais alegaram deixar o local anterior por motivos econômicos, melhorar o padrão de vida, ter melhor renda ou chance de trabalho. A escolha da cidade do Rio de Janeiro passava muito pela existência prévia de algum contato na cidade, alguém que já fazia parte de seu círculo de relacionamento.

Assim como Lin (2014), que estudou um fenômeno migratório chinês na África do Sul, reconhece-se que os principais fatores para a saída dos chineses e ida para o Rio de Janeiro são semelhantes: primeiro, o econômico; depois, a rede social (contatos); e apenas por fim, questões de cunho político.

Talvez fosse de se esperar que o contexto político tivesse um peso maior, mas alguns pontos podem ajudar a explicar isto: a. algumas pessoas vêm de outros locais que não a China, até mesmo com sistemas mais democráticos que o Brasil; b. o crescimento recente do movimento determina a terceira fase na divisão de Stenberg (2012) como sendo a mais contributiva para a presença chinesa na cidade: com a RPC já reaberta a saída de seus cidadãos para outros países<sup>103</sup>.

O poder político está muito distante da população chinesa e isto parece ser uma verdade imutável no imaginário popular: primeiro o imperador, depois os japoneses invasores (Manchúria e Formosa), depois os maoístas. Mas, se a leitura de Kynge (2007) nos apresenta a República Popular da China como uma ditadura, que não é centrada na figura absoluta de uma pessoa (como na época de Mao), mas em um partido, que criou uma oligarquia que se

---

<sup>103</sup> O fechamento das fronteiras é algo facilmente associado ao autoritarismo, um elemento tão recorrente na história chinesa, que não há uma cultura democrática desenvolvida. Chamou a atenção a banalização ou normalização da repressão estatal feita por uma migrante chinesa – ela própria vítima de excessos do regime – que faz um relato surpreendente ao ser compreensiva com a dureza do regime maoísta. Segundo a interlocutora, sendo a RPC um país tão populoso, tal postura dura seria necessária para uma intimidação e controle de opositores.

alterna no poder. Isto não foi tão diferente do que aconteceu em Formosa por muitas décadas: a ilha esteve sob lei marcial de 1949 a 1987<sup>104</sup>.

De acordo com a percepção de quanto localistas os chineses podem ser, definindo as redes sociais que são mais ativadas (KYNIGE, 2007; MORIN, 2007), entende-se que a ideia de unidade chinesa é algo muito frágil ou maleável. Por vezes, há o reconhecimento de ser parte de um todo; em outros momentos, uma ideia de abandono e, ao mesmo tempo (e talvez por isso mesmo) de autonomia: estes sentimentos podem ter contribuído para o aspecto proativo de muitos indivíduos<sup>105</sup>.

Lin (2014) compreende que a mobilidade espacial é reconhecida como uma das melhores formas de melhorar a vida de uma pessoa (ou grupo social), as capacidades e as liberdades, em suma, uma das melhores maneiras de se desenvolver, tal como aponta Sen (2000). E migrar dependeria muito mais de si mesmo, da família ou da rede estabelecida que do Estado e de toda a ordem política e legal definida<sup>106</sup>.

Os chineses têm uma longa tradição comercial que foi sufocada, pela última vez, no período quando Mao Zedong esteve no poder. No entanto, desde que as reformas econômicas começaram no fim dos anos de 1970, todo o orgulho e opulência perdidos parecem ser recuperados ou, mais ainda, superados.

Morin (2007) fala de uma euforia triunfalista do discurso econômico desenvolvimentista capitalista: “o lucro será de todos” (p.60). Veras (2008) define que há, na China, “uma adoração ao dinheiro” (p.71); Pinheiro-Machado (2009) aponta para uma entronização da sociedade de consumo e Piza (2012) reconhece um discurso governamental de empreendedorismo, modernidade e individualismo.

Concluindo com Morin (2007): “...o mesmo dirigente que anteriormente glorificava o proletariado agora glorifica o milionário”. De fato, porque, como citam Pinheiro-Machado (2009) e Trevisan (2012) o “camarada” Deng Xiaoping, o idealizador das reformas já teria chegado a seguinte conclusão: “enriquecer é glorioso”.

---

<sup>104</sup> A leitura de Xinran (2007, 2008) exemplifica muitos excessos cometidos pelos governos chineses: restrições à imprensa; à livre-prática de sua fé; condenações infundadas a trabalhos forçados, às vezes baseadas, simplesmente, no passado da família.

<sup>105</sup> Há uma negociação constante sobre a identidade chinesa: ora reconhecendo a mesma, ora refutando-a. Louvam-se a tradição milenar, a unificação antiga, as invenções, a extensão territorial; em outro momento, negligencia-se a fidelidade a este ente grandioso em prol dos laços mais imediatos.

<sup>106</sup> Em uma cultura onde o *guanxi* é tão importante, talvez muitos reconheçam uma impossibilidade de ascender socialmente na própria China, onde outras redes de relacionamento já estão criadas, estabelecidas e com influências consolidadas. Kynge (2007) destaca a característica particular do mercado de luxo na China, como o único do mundo que é movido pelo público masculino – notadamente figuras políticas e empresários que trocam presentes entre si.

A competição por uma vaga de trabalho na China é muito grande (KYNGE, 2007; VERAS, 2008); a competição entre pequenas empresas também o é: o mercado chinês é muito agressivo, estabelecer-se é muito difícil. Então, tal como cita Piza (2012), a migração responderia ao capitalismo, porque sua origem decorreria das desigualdades socioeconômicas criadas devido à radicalização do sistema. Muitos chineses migram com o sonho de integrar a classe patronal em um novo país.

No caso carioca, isto é perceptível pelas histórias que envolvem a chegada a um local novo para trabalhar para outras pessoas ou por conta própria (como vendedor ambulante) e depois estabelecer seu próprio negócio. Caso o ambiente econômico seja favorável e o contato entre os grupos da mesma família ou rede social, ainda que geograficamente dispersos, se mantenha, é bastante plausível que o fenômeno migratório continue. Um dos entrevistados disse que a ida à China é um momento construtor da ideia do sonho da migração: passa-se alguns meses no país natal da família, como turista, apenas gastando dinheiro e acaba-se transmitindo a imagem de bem-sucedido aos que lá vivem.

De acordo com Veras (2008), desde o início das reformas econômicas, a China melhorou em termos materiais: antes, havia o temor da morte pela insatisfação de algo básico e simples como a alimentação, hoje a pressão é para crescer economicamente. Mas a competição, seja de empresas ou de pessoas, pode ser mais exacerbada entre os chineses, pois boa parte da população tem o forte traço cultural da preocupação com a imagem, com a aparência (MORIN, 2007; XINRAN, 2008), o que faz com que a percepção de uma privação relativa, tal como citado no início do texto (LIANG e YE, 2011) seja um último impulsionador do fenômeno migratório<sup>107</sup>.

Então, vir ao Brasil e, mais especificamente, ao Rio de Janeiro, no momento atual da terceira fase da migração, pode representar a busca pelo enriquecimento ou por algo mais simples, o empreendedorismo, principalmente entre aqueles que vêm diretamente da China: onde deixam para trás um mercado de trabalho e negócios demasiadamente concorrido e saturado.

Dado o período em que as entrevistas foram feitas (2015 e 2016) em que o momento econômico não era considerado bom no Brasil, houve pessoas que disseram pensar em retornar à China ou a outro local onde residiram previamente. Mas houve quem manifestasse

---

<sup>107</sup> Kyngé (2007) principalmente e Xinran (2008) abordam a altíssima taxa de suicídios no país cujas causas seriam a grande exploração do trabalho e a violência contra a mulher (emblemático do machismo da sociedade chinesa). O primeiro autor ainda dedica um capítulo de sua obra para tratar de outros problemas pós-abertura econômica que tornam o ambiente no país mais difícil: há uma crise de confiança entre as pessoas e uma excessiva competitividade.



interesse em permanecer, seja porque havia criado raízes na cidade a partir do desenvolvimento de uma família ou porque havia gostado da cidade (entre os mais velhos a violência foi citada com certo pesar como um problema importante do Rio de Janeiro).

As redes sociais são fundamentais para o processo migratório chinês até o Rio de Janeiro. A manutenção de vínculos afetivos, familiares ou de proximidade geográfica permite a existência da cadeia migratória cuja importância está marcada pela ratificação da presença de parentes para a definição do novo local de moradia.

Os contatos com a terra natal da família ou com conhecidos em outras partes do mundo não precisam ser intensos, mas é preciso que se mantenha no imaginário de ambas as partes mundo afora a percepção de uma ligação, de uma identidade, para que se perceba este vínculo como um instrumento potencial de melhora da condição de vida caso convenha.

Como aponta Granovetter (1973), esses “laços fracos” podem o ser em termos de frequência com que são lembrados, porém, são os mais capazes de oferecer diferentes qualidades de informações, dada a possível variedade de locais onde podem estar, significando uma enorme gama de possibilidades aos que possuem tais ligações.

De maneira geral, no mundo globalizado ou do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1999), para aqueles que têm acesso às técnicas mais novas, o acesso às pessoas e empresas é mais fácil, portanto, maior e mais rápido. Os “laços fracos” também se fortaleceram, como os demais; eles são considerados “fracos” em termos relativos, ao não sobrepujarem os contatos diários, cotidianos, das pessoas no meio físico em que vivem e que envolvem, no caso dos pequenos comerciantes ou pasteleiros, fornecedores, clientes, funcionários, agentes públicos...

Sobre os locais onde os laços da comunidade chinesa no Rio de Janeiro podem estar, além da própria China e as províncias de origem dos migrantes, a Espanha e a Itália aparecem como áreas com os quais os comerciantes sino-cariocas tem mais contato. Internamente, a cidade de São Paulo seria o local com maior ligação.

No entanto, a ligação comercial de produtos chineses para o Rio de Janeiro pode não estar mais passando pela capital paulista com a mesma intensidade. Visitando as lojas, foram observados os nomes de oito importadoras que constavam nos produtos vendidos e, surpreendentemente, quase a totalidade delas estava situada na própria capital fluminense<sup>108</sup>. Um dos entrevistados era diretor comercial de uma importadora sediada no Rio de Janeiro

---

<sup>108</sup> Seriam elas: Rio das Estrelas Importadora, Interponte Comercial, Y888, Tim Sui Brasil, Yang Dong Hong Importadora, Top Yes e FWB; todas sediadas na Zona Norte do Rio de Janeiro (as duas últimas teriam o mesmo endereço).

que, segundo ele, sequer vendia para os pequenos comércios do Saara, por exemplo, mas sim para grandes cadeias varejistas de amplitude nacional.

Se o comércio chinês via São Paulo é um grande mercado distribuidor para outras praças do Brasil, reconhece-se então que o Rio de Janeiro, se não rivaliza com o primeiro na competição pelos mercados menores nacionais, parece adquirir alguma independência frente ao comércio paulista.

O texto de Piza (2012) aponta para os importadores como os elementos mais móveis da comunidade chinesa, deslocando-se mais frequentemente entre os espaços brasileiro e chinês na coordenação de ações como a revenda ou a negociação com fornecedores. Desta forma, os pequenos comerciantes compradores de importadoras e os pasteleiros não se colocam com a mesma mobilidade. Apenas eventualmente, pequenos comerciantes reunidos, vão até a China para adquirir novas mercadorias.

A tradição comercial chinesa é especialmente forte no sudeste do país e de acordo com o relato de Pinheiro-Machado (2009), um terço de toda a produção industrial chinesa vem da região do delta do Rio das Pérolas, na província de Guangdong, onde estão algumas das primeiras zonas econômicas especiais (áreas onde a entrada de capitais estrangeiros começou na RPC pós-abertura): Dongguan, Zhuhai e a pioneira delas, Shenzhen.

Porém, um proprietário de um estande localizado em uma pequena galeria, citou que a origem de muitos destes produtos encontrados (nas palavras dele: “tudo que você está vendo aí”) vinham da cidade zhejianesa de Yiwu – notadamente na mesma província da maioria dos comerciantes do Saara e Madureira – que, pelas descrições de Kynge (2007), Guilheux (2015) e Pliez (2015) seria o real centro do grande comércio de pequenos produtos da China<sup>109</sup>.

Quanto à percepção do perfil dos chineses do Rio de Janeiro, esta foi pensada sobre o modelo proposto essencialmente a partir da leitura de Stenberg (2012), que determinou os três momentos migratórios distintos depois da Revolução Maoísta. Conclui-se que o movimento de migração de populações chinesas para a cidade do Rio vem crescendo nos últimos anos, de acordo com os dados do IBGE (2013 [2012]) a partir do BME e a partir da verificação dos

---

<sup>109</sup> Kynge (2007) escreve que: “...se pegássemos o preço das melhores pechinchas no mercado mais barato de Pequim e o dividíssemos pela metade, chegaríamos perto do custo de compra das mesmas coisas em Yiwu” (p.95).

Guilheux (2015) aponta que a cidade se beneficiou da proximidade com outras cidades da província de produção especializada: Wenzhou (botões e isqueiros), Hangzhou (guarda-chuvas), Ningbo (relógios); 80% da produção de Zhejiang seria vendida por Yiwu.

dados em campo, onde a grande maioria (mais de 80%) pertenceria ao terceiro momento da migração, ocorrido após a Revolução Cultural.

Dentre estes, 50% teriam chegado à cidade somente a partir dos anos 2000, indicando, portanto, um movimento ainda mais recente. Porém, em virtude do encolhimento posterior da economia brasileira e aumento do desemprego, não é possível definir se este ímpeto voltado ao Brasil e à cidade irá continuar. Há muitas pessoas que criaram laços familiares com a cidade ou que reconheceram outros benefícios não monetários tais como uma menor carga de trabalho ou a possibilidade de se aposentar, que pode contribuir para uma fixação definitiva de parte desses migrantes em terras cariocas.

Foram percebidas, pelo menos, três gerações de famílias de origem chinesa na cidade. Como esperado, a maior parte dos entrevistados seria considerado em idade adulta (acima dos 18 anos e abaixo dos 60). Não foi possível definir uma faixa etária dominante dentro da comunidade, mas percebeu-se que as famílias nucleares da comunidade não são grandes, variando, em geral, de um a dois filhos<sup>110</sup>.

Notou-se uma separação entre lojistas e pasteleiros que refletia uma diferença entre zhejianeses e formosanos, de um lado, e cantoneses, do outro: diferenças históricas e linguísticas podem ser fundamentais para tal clivagem<sup>111</sup>. Os primeiros estariam melhor estabelecidos em um negócio mais lucrativo. Os comerciantes apresentam-se mais concentrados espacialmente, enquanto que os pasteleiros estariam mais dispersos pela cidade.

Nenhum entrevistado de origem oriental mencionou ação de máfias ou grupos de tráfico de pessoas, apenas brasileiros não orientais citaram isto, possivelmente motivados por matérias da imprensa. Infelizmente, através da pesquisa não foi possível negar que tais redes criminosas atuem na cidade do Rio de Janeiro. Têm ocorrido ações vinculadas aos ministérios da Justiça e do Trabalho que encontraram pessoas trabalhando em condições degradantes e privadas de liberdade: condições muito comuns a quem chega em uma situação de

---

<sup>110</sup> O caractere “好” (*hǎo*) significa “bom” em mandarim. Existem algumas explicações concorrentes, contudo, uma delas diz que cada parte do caractere, à esquerda e à direita, representaria, respectivamente, “filha” e “filho”, de maneira que seria considerado bom ter um casal de filhos.

<sup>111</sup> Apenas especulo aqui que a influência do mandarim sobre os dois primeiros grupos fora mais forte talvez pela posição da província de Zhejiang, junta à histórica cidade de Xangai (maior cidade chinesa, sede da bolsa de valores e capital econômica do país, porto mais movimentado), que pode ter impulsionado um maior controle da cidade por parte do governo central.

Formosa, originalmente habitada por populações de idiomas autóctones da ilha e migrantes muito antigos do continente, passou por um processo de “mandarização” capitaneado pelo *Kuomintang*, o partido capitalista derrotado pelos maoístas, que desejava receber o poder sobre toda a China, mantendo o idioma da capital enquanto estavam “temporariamente” exilados na ilha.

Os cantoneses eram mais ligados a Hong Kong que se tornou um bastião de resistência da língua cantonesa na China, fora um orgulho pela sua condição periférica e vista com distinção perante os demais chineses.

irregularidade perante o país receptor. É sabido que as redes de migrantes nem sempre envolvem apenas solidariedade, mas também exploração. No entanto, ressalta-se também ser possível que o aliciamento ocorra sem intermediação de uma rede de “coiotes” ou “cabeças de cobra” (em inglês, “*snakeheads*”), com o criminoso simplesmente se aproveitando da desinformação e isolamento da vítima, por ele conhecida de algum local de vivência anterior.

Entre os cariocas de origem chinesa, percebeu-se o idioma português dominando amplamente como ferramenta de comunicação principal, algumas vezes, a língua regional ou o mandarim foi aprendido simultaneamente. Há descendentes que tentaram aprender a língua dos antepassados, sem grande sucesso; alguns, mais tarde, tentam obter êxito novamente.

Entre os locais visitados, os templos religiosos são os que se apresentaram mais receptivos à chegada de pessoas de fora da comunidade étnica, sendo os locais mais propensos a uma maior ligação e aproximação desta com a cidade onde se localiza. Além de serem frequentados por muitos imigrantes que detém domínio completo da língua portuguesa, verificou-se abertura para que pastores não chineses pregassem eventualmente, comunicações bilíngues, atividades abertas para o público em geral, tendo sido constatada a presença de brasileiros sem origem oriental tomando parte de atividades nos templos.

Durante o período da pesquisa, no ano de 2015, ocorreu a primeira comemoração ao ar livre do Ano Novo chinês na cidade do Rio de Janeiro, coordenada pelos frequentadores do templo budista do Grajaú, que ocupou, durante algumas horas, uma praça bastante central no bairro e contou com a presença do pároco católico local e de muitas pessoas de fora da comunidade chinesa que assistiram às bênçãos dadas, às danças e até a um desfile com roupas de diversas épocas da história chinesa.

Dos quatro templos visitados (três deles evangélicos e um budista), a maioria é mais ligada à ilha de Formosa<sup>112</sup>, onde há liberdade religiosa irrestrita, sem a necessidade de submissão do grupo religioso a órgãos governamentais chamados “associações patrióticas” que existem para controlar atitudes no interior das igrejas que sejam contrárias aos interesses do Partido Comunista da RPC (POCESKI, 2013)<sup>113</sup>.

O Instituto Confúcius do Rio de Janeiro, parceria entre a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a Universidade de Hebei, também demonstrou potencial de aproximação entre chineses e não chineses, sua inserção em uma instituição importante na

---

<sup>112</sup> A esposa de um pastor recebia, gratuitamente, materiais de ensino da OCAC (Formosa) para cursos de mandarim por ela ministrados e abertos ao público em geral.

<sup>113</sup> Os fiéis que não participam de igrejas ligadas às associações patrióticas reúnem-se de forma clandestina em residências, para estarem fora do controle estatal. As igrejas com tal característica são consideradas ilegais na RPC e comumente são chamadas de “subterrâneas”.

cidade permite levar a cultura chinesa mesmo a quem não está procurando por ela. Dois alunos, sem ascendência oriental, passaram dois anos na República Popular da China, visitando diversas cidades e depois de retornarem, ainda demonstravam proximidade com as pessoas do curso de mandarim, eventualmente, ajudando-os quando preciso.

Os chineses no Rio de Janeiro não se encontram restritos a uma única parte da cidade, no entanto, os dados apontam para uma concentração muito importante no bairro da Tijuca e, em uma escala bem menor, no entorno imediato. Foi citada uma relação custo-benefício do bairro que o fez se colocar como escolha preferencial dos migrantes. O fato da maior concentração de chineses ocorrer no Saara e a facilidade de acesso entre o bairro citado e a área comercial ajuda a manter a população naquela parte da cidade.

Para aqueles mais dispersos espacialmente, a explicação seria um custo mais baixo dos locais onde se vivem e a proximidade com o local de trabalho. Um fenômeno novo observado durante o período da pesquisa que foi o surgimento de “carrocinhas” de *yakissoba*, nas ruas, sempre durante a noite. Segundo uma entrevistada, este comércio só ocorre em áreas mais pobres, onde a população em geral não se importa de consumir os alimentos na rua e que tem preços menores que o de restaurantes.

Outro entrevistado disse ainda que muitos dos “carroceiros” são pasteleiros durante o dia, estendendo a jornada de trabalho a fim de conseguir um ganho monetário extra. Segundo este último, eles trabalhariam até o início da madrugada, tendo que abrir a pastelaria logo pela manhã: parece ser importante residir perto do trabalho, não cabendo tempo hábil para maiores deslocamentos.

O território por excelência dos chineses migrantes mundo afora são as *chinatowns*, reproduções em escala reduzida de um ambiente chinês. Esse tipo de território seria mais que uma simples paisagem que evoca a terra natal daquela população: é um local muito particular na cidade, de trabalho, de encontro, de sociabilidade de pessoas que tem interesses comuns baseados em sua bagagem cultural e que, controlam o uso daquele espaço de forma quase que exclusiva, sem partilhar este com outros grupos, às vezes devido a uma segregação imposta (PINHEIRO-MACHADO, 2006; MA MUNG, 2009, 2012; CHEN, 2013; MAYER, 2013). Tal situação não é verificada na cidade do Rio de Janeiro.

Lausent-Herrera (2011) compreende que a “*chinatown*”: “...tradicionalmente definida [...] deve ser completa, com as sedes de suas instituições, seus templos, seus restaurantes e

acima de tudo sua história” (p.105)<sup>114</sup>. Tudo isso se apresenta de uma forma concentrada: os fixos chineses de uso comum na cidade, por mais que estejam essencialmente na área da Tijuca e adjacências, aparecem de forma isolada – elementos diferentes da paisagem geral, sem criar um todo paisagístico próprio, separado. O Saara, onde há sim, grande aglomeração de pessoas de origem chinesa, se conforma apenas como um local de trabalho; cada um preocupado com seu próprio estabelecimento.

Veras (2008) tem opinião semelhante sobre a inexistência de *chinatowns* no Brasil ao escrever que:

“No Brasil, a imigração chinesa não tem contornos nítidos e rígidos de território [...] e isto se dá [entre outros motivos pelo] relativamente pequeno número de imigrantes chineses comparado a outras colônias, e o caráter esparsa e fragmentado das ondas migratórias, a relativa ‘desunião’ dos chineses (diversas identidades e mesmo interesses estatais contrários...)” (p.18).

Conclui-se então que a simples concentração ou preferência de um grupo por uma área não a caracteriza automaticamente como um bairro étnico. As aglomerações chinesas e os fenômenos deles consequentes existem de forma muito mais branda ou contida, na cidade do Rio de Janeiro.

Como muitos outros grupos étnicos mundo afora, alguns chineses bem-sucedidos tendem a procurar novas áreas de residência, onde vivem populações mais abastadas; esse fenômeno foi estudado por Chen (2013), que trata das localidades de Monterrey Park e Irvine, na Grande Los Angeles, e chamado de “*chinatown* suburbana” ou, usando um termo mais amplo, “etnóbúrbio”.

No Rio de Janeiro, em escala bem menor, o local onde há fenômeno mais semelhante – crescimento periférico de alto padrão – é a Barra da Tijuca. O IBGE (2013 [2012]) destaca este bairro da Zona Oeste (juntamente com o Recreio dos Bandeirantes) como detendo população chinesa quase idêntica à da Zona Sul da cidade. Entrevistados relataram que haveria dois condomínios com grande quantidade de chineses residentes; um deles, o Península, já até abrigou uma exposição de arte chinesa.

Estes moradores podem ser antigos residentes de outros bairros que, ao alcançarem certo patamar econômico, optaram pela mudança de endereço. Como relatado anteriormente, a violência é considerada um problema grave na cidade e a Barra da Tijuca parece transmitir

---

<sup>114</sup> No original: "...traditionally defined [...] it should be complete with the headquarters of its institutions, its temples, its restaurants and above all, its history".

uma maior sensação de segurança. O fato de uma das maiores empresas chinesas no Brasil, a Huawei, ter dois escritórios no bairro (além daquele no centro) pode indicar uma concentração de seus funcionários naquelas proximidades.

A migração chinesa é muito variada. Ainda que este trabalho tenha focado em extratos mais populares da mesma e que estão em maior contato com a população da cidade, existem muitos outros grupos, com características completamente distintas, frequentando o espaço carioca. A chegada de executivos de empresas, professores universitários, estudantes, tende a tornar ainda mais diversificado o quadro dos chineses no Rio de Janeiro, podendo ir ainda além daqueles provenientes do sul e sudeste da RPC ou da ilha de Formosa.

Um local emblemático deste novo movimento é a estação de metrô Presidente Vargas, que tem uma de suas saídas praticamente frontal à rua Regente Feijó, uma das entradas do Saara. Ali, junto ao comércio popular, há dois prédios que concentram algumas empresas chinesas, como a Huawei, o *Bank of China*, o *China Development Bank* e a *State Grid Corporate of China*<sup>115</sup>.

Para este pesquisador, um carioca do subúrbio, cujas primeiras lembranças datam do fim da década de 1980, com uma vivência de, por muitos anos, atribuir ao estrangeiro um ar de exótico, quão raro era encontrar um; e de forma que sempre teve – em relação às migrações internacionais – uma percepção de sua cidade natal (e seu país) como uma área de emigração, era marcante presenciar a cena que segue.

Observar a estação por volta das 18 horas de um dia útil e perceber sons e tantas feições orientais passando pelas catracas da estação era algo inusitado até: “Como chegaram essas pessoas aqui, vindas de tão longe”? Os homens e mulheres orientais vestidos formalmente, na plataforma sentido Zona Sul (e quiçá Barra da Tijuca), áreas mais afluentes; outros, vestidos mais despojadamente (ou até desleixadamente), na plataforma oposta, indo para áreas menos valorizadas. Eram conterrâneos se encontrando em uma terra distante.

Famílias chinesas passeiam por centros comerciais como o Shopping Tijuca ou o Barra Shopping, fazem compras em mercados de bairro e caminham ou correm junto à lagoa Rodrigo de Freitas. Os chineses estão por aí. Ao atentar apenas para a questão da diversidade e para os que gostam dela, é uma grata novidade.

O fenômeno migratório chinês é muito complexo. Há muitas vertentes diferentes, principalmente pelos aspectos de origem ou extrato social. O fato de terem um idioma tão diferente do português, com um sistema de escrita igualmente distinto, além de terem certas

---

<sup>115</sup> Um dos prédios, o SGCC Rio Tower, é um imóvel com perspectiva de tornar-se um “prédio verde” (sustentável) e é de propriedade da própria State Grid, uma das maiores empresas energéticas da RPC.

visões de mundo diferentes daquelas mais comuns no Brasil levam a uma dificuldade maior de fazer contato ou mesmo compreender o que querem dizer.

Espero ter dado uma contribuição à Geografia com este trabalho e ajudado a responder algumas perguntas. Há muitas outras a serem feitas e muitos trabalhos não de ser escritos ainda.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLÈS, E.; DAVID, B. Nacionalidades. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.324-325.

ANTONELLI, D. Curitiba para chinês ver (e viver). In: **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 abr. 2013.

AQUINO, R. S. L. et al. **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.

ARAÚJO, M. S. Chineses no Rio de Janeiro: notas sobre nação, território e identidade através da prática comercial e religiosa. In: **Cadernos do CEOM**, Chapecó, nº.23, p.221-240, 2010.

BAO, J. Lukchin: Chinese Thai transnational bridge builders. In: TAN, C B (ed.). **Chinese transnational networks**. Londres/Nova York: Routledge, 2009. p.92-106.

BASSANEZI, M. S. C. B. Migrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (org.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Campinas: FNUAP, 1995. p.1-38.

BATISTA, F. **As desilusões políticas de um ex-militante**. disponível na internet em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/531696-as-desilusoos-politicas-de-um-ex-militante>. Nov.2014.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECKER, O. M. S. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L (orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.319-367.

BEDINELLI, T.; VELEDA, R. Reclusa e discreta, colônia chinesa se espalha por SP. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 set. 2010.

BENAVIDES, M. A. Chinese immigrants in Sao Paulo, Brazil, and in Lima, Peru: preliminary case studies. In: CHANG, T W; TANG, S Y. **Essays on ethnic Chinese abroad**: vol.II, women, political participation and area studies. Taipei: Overseas Chinese Association, 2002. p.355-376. disponível na internet em: [http://www.library.ohiou.edu/oscc/papers/Maria\\_Benavides.doc](http://www.library.ohiou.edu/oscc/papers/Maria_Benavides.doc).

BIANCO, L. Grande Salto Adiante. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.243-245.

BÍGIO, M. Saara: terreno fértil para a diversidade. In: **Folha Carioca**, Rio de Janeiro, ed.102, 2012. disponível na internet em: <http://www.folhacarioca.com.br/2012/12/10/saara-terreno-fertil-para-a-diversidade>.

BOLZ, J. Chinese organized crime and illegal alien trafficking: humans as a commodity. In: **Asian Affairs**, Londres, 22 (3), p.147-158, 1995.

BRITO, F. **As migrações internas no Brasil**: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: Cedeplar/Face/UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. 2ªed. São Paulo: FNUAP, 1995.

BUSCH, A. L. **Diálogo com a paciência**: Christine Yufon. disponível na internet em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/galeria/galeriavirtual/yufon.shtml>. nov.2014.

CABESTAN, J. P. Reformas e abertura. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.404-405.

CAMERA DI COMMERCIO PRATO. **Distribuzione delle imprese attive gestite da cittadini stranieri per paese di origine e settore**. disponível na internet em: [http://www.po.camcom.it/doc/datistud/2015/str/15II\\_sint.xls](http://www.po.camcom.it/doc/datistud/2015/str/15II_sint.xls). jan.2016.

CARTIER, C. Conclusion: regions of the diaspora. In: MA, L. J. C.; CARTIER, C. (eds.). **The Chinese diaspora**: space, place, mobility and identity. Lanham: Roman & Littlefield, 2003. p.379-390.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, M. S. F. O discurso sobre a imigração chinesa para o Brasil. In: SPOSITO, E. S.; BOMTEMPO, D. C.; SOUZA, A. A. (orgs.). **Geografia e migração**: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CASTLES, S. **Globalização, transnacionalização e novos fluxos migratórios**: dos trabalhadores convidados às migrações globais. Lisboa: Fim de Século, 2005.

CEPERJ. **Valor adicionado bruto por atividade econômica, Produto Interno Bruto, Produto Interno Bruto per Capita e impostos sobre produtos, segundo as regiões de governo e municípios (Estado do Rio de Janeiro – 2011)**. disponível na internet em: [http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/pib/PIB\\_MUNICIPAL\\_1999\\_%202012.xls](http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/pib/PIB_MUNICIPAL_1999_%202012.xls). nov.2015.

CERQUEIRA, S. Os “chincariocas”. In: **Veja Rio**, nº.78, 2008.

CHEN, T. J.; SHYU, D. J. Y.; MENEZES JR., A. J. B. Os imigrantes chineses no Brasil e sua língua. In.: **Synergies Brésil**, Sylvains les Moulins, nº.7, p.57-64, 2009.

CHEN, Y. Chinatown and the american journey of Chinese food. In: KÜNNEMANN, V.; MAYER, R (eds.). **Chinatowns in a transnational world**: myths and realities of an urban phenomenon. Londres/Nova York: Routledge, 2013. p.182-197.

CIA. **The world factbook**. disponível na internet em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook>. jan.2015.

COELHO, H.; BOECKEL, C. **Dois chineses estariam em situação de escravidão no Rio, diz Ministério.** disponível na internet em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/01/dois-chineses-estariam-em-condicao-de-escravidao-no-rio-diz-ministerio.html>. jan.2016.

COSTA, G. E. Análise do perfil dos imigrantes internacionais recentes no Município do Rio de Janeiro. In: XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, **Anais...** Rio de Janeiro, 2013.

CUNHA, J. M. P. Retratos da mobilidade espacial no Brasil: os censos demográficos como fonte de dados. In: **REMHU, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, ano 20, n°.39, p.29-50, jul./dez.2012. disponível na internet em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v20n39/v20n39a03.pdf>.

CUNHA, N. V.; MELLO, P. P. T. Libaneses e chineses: sucessão, conflito e disputa numa rua de comércio do Rio de Janeiro. In: **Anuário Antropológico/2005**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. p.155-169. disponível na internet em: [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas%202005\\_II/2005\\_cunhaemello.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202005_II/2005_cunhaemello.pdf).

DAVID, B. Cantonese. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p. 91-92.

DIAS, E. C. **São Paulo é o grande centro da comunidade chinesa.** disponível na internet em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u94656.shtml>. nov.2014.

DUARTE, L. **Um chinês bem brasileiro.** disponível na internet em: <http://brasileiros.com.br/2009/10/um-chines-bem-brasileiro>. nov.2014.

DURHAM, E. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAZITO, D. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. **Anais...** Ouro Preto, 2002. disponível na internet em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_MIG\\_ST1\\_Fazito\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf).

FERREIRA, M. J.; LEITÃO, N. Reconfigurações territoriais e mobilidade residencial das elites urbanas: o caso de Telheiras e Parque EXPO, em Lisboa. In: **Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa:** territórios e protagonistas. Guimarães, Associação Portuguesa de Geógrafos, 2006. disponível na internet em: [http://apegeo.pt/files/docs/CD\\_V\\_Congresso\\_APG/web/\\_pdf/D14\\_15Out\\_Maria%20j%20FAlia%20Ferreira.pdf](http://apegeo.pt/files/docs/CD_V_Congresso_APG/web/_pdf/D14_15Out_Maria%20j%20FAlia%20Ferreira.pdf).

FIGUEIRA, R. R.; SUDANO, S.; GALVÃO, E. Os chineses no Rio: a escravidão urbana. In: **Brasiliana – Journal for Brazilian Studies**, Londres, v.2, n°.2, nov.2013. disponível na internet em: <http://ojs.statsbiblioteket.dk/index.php/bras/article/view/9759/13349>.

FRANK, A. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.

GAUDEMAR, J. **Mobilidade do trabalho e acumulação de capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

GOMBATA, M. **China é responsável por 90% das execuções mundiais**. disponível na internet em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/201cchina-e-responsavel-por-cerca-de-90-das-execucoes-em-todo-mundo201d-alerta-ativista-8593.html>. nov.2014.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. In: **American Journal of Sociology**, Chicago, v.78, n°.6. may.1973. p.1360-1380.

GUILHEUX, G. Yiwu, China: vilarejo rural que se tornou praça comercial globalizada. In: PERALVA, A.; TELLES, V. S. (orgs.). **Ilegalismos na globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. p.215-238.

HAESBAERT, R. A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda. In: **Terra Livre**, São Paulo, ano 18, v.1, n°.18, jan./jul.2002.

\_\_\_\_\_. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: IX Encontro Nacional da ANPUR, **Anais...**, v.3. Rio de Janeiro, ANPUR. p.1769-1777, 2001.

\_\_\_\_\_. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: **I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades**. Porto Alegre: PPGG-UFRGS/ULBRA/AGB-Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. **Viver no limite: território e multi/transteritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HANDLIN, O. **The uprooted: the epic story of the great migrations that made the american people**. University of Pennsylvania Press: Filadélfia, 2002.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 14ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

IBGE. **Banco multidimensional de estatísticas**. disponível na internet em: <https://www.bme.ibge.gov.br>. out.2013.

IPP. **Bairros cariocas**. disponível na internet. <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/default.htm>. nov.2015.

JACKIEWICZ, E. L.; CRAINE, J. **Destination Panama: an examination of the migration-tourism-foreign investment nexus**. disponível na internet em: <https://journal.lib.uoguelph.ca/index.php/rasaala/article/view/1498/2088>. nov.2014.

JIN, X M. **China in Diagrams**. Pequim: China Intercontinental Press, 2011.

JOHNSON, G. E. **Comings and goings: Pearl River Delta identities in an era of change and transformation**. In: TAN, C B (ed.). **Chinese transnational networks**. Londres/Nova York: Routledge, 2009. p.22-48.

KREISSLER, F. **Revolução Cultural**. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.421-422.

KYNGE, J. **A China sacode o mundo**. São Paulo: Globo, 2007.

LANDIM, R. **Chineses no Brasil vão muito além da rua 25 de Março**. disponível na internet em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,chineses-no-brasil-vaio-muito-alem-da-rua-25-de-marco-imp-,576009>. nov.2014.

LAUSENT-HERRERA, I. The chinatown in Peru and the changing Chinese Peruvian communities. In: **Journal of Chinese Overseas**, Leiden/Boston, n.º.7, 2011. disponível na internet em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00598155/document>.

LEITE, J. T. **A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras**. Campinas: Unicamp, 1999.

LIANG, Z; YE, W. From Fujian to New York: understanding the new Chinese immigration. In: KYLE, D; KOSLOWSKI, R. **Global human smuggling: comparative perspectives**. 2ª ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011. p.204-230.

LIN, E. Big fish in a small pond: Chinese migrant shopkeepers in South Africa. In: **International Migration Review**, Nova York, n.º.48, p.181–215, 2014. disponível na internet em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/imre.12074/pdf>.

LIN, G. C. S. Identity, mobility and the making of the Chinese diasporic landscape in Hong Kong. In: MA, L. J. C.; CARTIER, C. (eds.). **The Chinese diaspora: space, place, mobility and identity**. Lanham: Roman & Littlefield, 2003. p.141-161.

LISBOA, V. **Fiscais encontram trabalhadores em situação precária em pastelarias do Rio**. disponível na internet em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-04/pastelarias-do-rio-empregam-pessoas-em-condicoes-precarias>. mai.2015.

LIVE, Y S. Chineses no estrangeiro. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.106-108.

\_\_\_\_\_. Regiões de emigração. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.405-407.

LOBATO, E.; BORGES, H. **Escravos chineses**. disponível na internet em: [http://istoe.com.br/441647\\_ESCRAVOS+CHINESES](http://istoe.com.br/441647_ESCRAVOS+CHINESES). nov.2015.

LOBATO, E; SOARES, P. Após 50 anos, Rio ainda tem o dobro de servidores do DF. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 abr. 2010.

MA, L. J. C. Space, place and transnationalism in Chinese diaspora. In: MA, L. J. C.; CARTIER, C. (eds.). **The Chinese diaspora: space, place, mobility and identity**. Lanham: Roman & Littlefield, 2003. p.1-49.

MA MUNG, E. Chinatowns. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.105.

\_\_\_\_\_. Migrações internacionais e diáspora. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.311-313.

\_\_\_\_\_. Temporal continuity, spatial contiguity and creation of an “own world”: the case of the Chinese diaspora. In: **L’Espace Géographique (english version)**, v.41, 2012/4.

MACHADO, L. O. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M. et al. (orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB-Porto Alegre, 1998. p.41-49.

MARTELLO, A. **Mercado prevê mais inflação e retração maior do PIB em 2016**. disponível na internet em: <http://g1.globo.com/economia/mercados/noticia/2016/01/mercado-preve-mais-inflacao-e-retracao-maior-do-pib-em-2016.html>. fev.2016.

MATOS, C. Migrações: decisões individuais e estruturas sociais. In: **Socius Working Papers**, Lisboa, nº.5, 1993. disponível na internet em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1599/1/cm-wp935.pdf>.

MAYER, R. Introduction: a “bit of Orient set down in the heart of a western metropolis”: the chinatown in the United States and Europe. In: KÜNNEMANN, V.; MAYER, R. **Chinatowns in a transnational world: myths and realities of an urban phenomenon**. Londres/Nova York: Routledge, 2013. p.1-25.

MENGIN, F. Um país, dois sistemas. In: SANJUAN, T (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.477-478.

MESQUITA, Z. Do território a consciência territorial. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. (orgs.). **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: UFRGS/UNISC, 1995. p.76-92.

MOLINA, J. L. La ciencia de las redes. In: **Apuntes de Ciencia y Tecnología**, nº.11, jun.2004. p.36-42. disponível na internet em: <http://revista-redes.rediris.es/recerca/jlm/ars/ciencia.pdf>.

MORIN, E. **Diário da China**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA. **China Statistical Yearbook 2015**. disponível na internet em: <http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2015/indexh.htm> fev.2016.

NITAHARA, A. **Cartilha em mandarim vai orientar chineses sobre direitos trabalhistas no Brasil**. disponível na internet em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-05/cartilha-em-mandarim-vai-orientar-chineses-sobre-direitos>. mai.2015.

NUNES, A. **Só no Brasil a nova ponte do rio Guaíba não é o caminho mais curto entre o Ministério dos Transportes e a penitenciária**. disponível na internet em: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/so-no-brasil-a-nova-ponte-do-rio-guaiba-nao-e-o-caminho-mais-curto-entre-o-ministerio-dos-transportes-e-a-penitenciaria/>. jan.2014

OCAC. **Overseas Chinese population by country**. disponível na internet em: [http://www.ocac.gov.tw/OCAC/Pages/ashx/File.ashx?FilePath=~/File/Attach/1168/File\\_23312.pdf](http://www.ocac.gov.tw/OCAC/Pages/ashx/File.ashx?FilePath=~/File/Attach/1168/File_23312.pdf). jan.2015.

OIM. **Glosário sobre migración**. Genebra: OIM, 2006. disponível na internet em: [http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml\\_7\\_sp.pdf](http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml_7_sp.pdf).

PATARRA, N. L. O Brasil: país de imigração? In: **E-Metropolis, Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, n.º.9, ano 3, jun.2012. p.6-18. disponível na internet em: [http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo\\_pdfs/000/000/008/original/emetropolis\\_n09.pdf?1447896326](http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/008/original/emetropolis_n09.pdf?1447896326).

PEDONE, C. El potencial del análisis de las cadenas y redes migratorias en las migraciones internacionales contemporáneas. In: GARCIA, J.; MURIEL, C. (eds.). **Actas del III Congreso sobre la Inmigración en España: contextos y alternativas**. Granada: Laboratorios de Estudios Interculturales, v. II, 2002. p.223-235.

PIEKE, F. Chinese globalization and migration to Europe. In: **The Center for Comparative Immigration Studies: working papers**, San Diego, n.º.94, 2004. disponível na internet em: <https://escholarship.org/uc/item/3gv6w1bj>.

PINHEIRO-MACHADO, R. Repensando a diáspora chinesa: fluxos globais e dinâmicas locais da imigração contemporânea. In: **30º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu, 2006.

\_\_\_\_\_. **Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil**. 332p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PIZA, D. T. **Um pouco da mundialização contada a partir da região da 25 de Março: migrantes chineses e trabalho informal**. 196p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Sociologia, Universidade de São Paulo, 2012.

PLIEZ, O. Renascimento das rotas da seda? Leitura espacial de um processo global. In: PERALVA, A.; TELLES, V. S. (orgs.). **Ilegalismos na globalização: migrações, trabalho, mercados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. p.201-214.

POCESKI, M. **Introdução às religiões chinesas**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMELLA, F. Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios. In: BJERG, M.; OTERO, H. (orgs.). **Emigración y redes sociales en la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA-IEHS, 1995. p.9-21.

REQUENA SANTOS, F. El concepto de red social. In: **REIS, Revista Española de Investigaciones Sociales**, n.º.48, 1989. p.137-152. disponível na internet em: [http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS\\_048\\_08.pdf](http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_048_08.pdf).

RICCI, C. T. **Chai, Chang Chi**. disponível na internet em: [http://www.brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/chai\\_chang\\_chi.htm](http://www.brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/chai_chang_chi.htm). nov.2014

RODRIGUES, A. “Brasil é a bola da vez para chinês imigrante”. In: **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2012.

RODRIGUES, F.; GIELOW, I. Metade dos armamentos do país está indisponível. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 mar. 2011.

ROLLEAU-BERGER, L. Economias migratórias, biografias bifurcadas e economia moral na Europa e na China. In: PERALVA, A.; TELLES, V. S. (orgs.). **Ilegalismos na globalização: migrações, trabalho, mercados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. p.121-137.

ROSAS, F. **A recuperação da China representa um alívio para o Brasil**. disponível na internet em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/11/economia/1397179319\\_462441.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/11/economia/1397179319_462441.html). nov.2014.

SASSEN, S. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SANJUAN, T. Mundo chinês. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.320-322.

\_\_\_\_\_. Zonas econômicas especiais. In: SANJUAN, T. (dir.). **China contemporânea**. São Paulo: Edições 70, 2009. p.498-499.

SANTOS, G. A. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p.51-78.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. Guerra dos lugares. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Mais!, 8 nov. 1999.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3ªed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

SHAMBOUGH, D. **China goes global**. Oxford/Nova York: Oxford University Press, 2013.

SHU, C S. Imigrantes e imigração chinesa no Rio de Janeiro (1910-1990). In: **Revista Leituras da História**, Escala, São Paulo, nº.17, 2009. disponível na internet em: <http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/17/imprime125466.asp>.

SHYU, D. J. Y.; CHEN, T J. **Integração cultural dos imigrantes chineses no Brasil**. In: *Revista de Estudos Orientais*, Campinas, nº.6, 2008. p.215-242.

SILVA, M. A. **Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco**. 204p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.



SINGAPORE DEPARTMENT OF STATISTICS. **Resident population by place of birth, ethnic group and sex.** disponível na internet em: [http://www.singstat.gov.sg/docs/default-source/default-document-library/publications/publications\\_and\\_papers/cop2010/census\\_2010\\_release1/excel/t1-11.xls](http://www.singstat.gov.sg/docs/default-source/default-document-library/publications/publications_and_papers/cop2010/census_2010_release1/excel/t1-11.xls). nov.2014.

SKELDON, R. The Chinese diaspora or the migration of Chinese peoples? In: MA, L. J. C.; CARTIER, C. (eds.). **The Chinese diaspora: space, place, mobility and identity.** Lanham: Roman & Littlefield, 2003. p.51-66.

SOUZA, M. L. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77-116.

\_\_\_\_\_. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STATON, E. et al. **The world's top retirement havens in 2013.** disponível na internet em: <http://internationalliving.com/2012/12/the-worlds-top-retirement-havens-in-2013>. nov.2014.

STENBERG, J. The Chinese of São Paulo: a case study. In: **Journal of Chinese Overseas**, Leiden/Boston, nº.8, 2012. disponível na internet em: <http://booksandjournals.brillonline.com/content/journals/10.1163/179325412x634328>.

TAN, C B. Introduction: Chinese overseas, transnational networks and China. In: TAN, C B (ed.). **Chinese transnational networks.** Londres/Nova York: Routledge, 2009. p.1-19.

TELES, P. **Os territórios (sociais) da mobilidade.** Aveiro: Lugar do Plano, 2005.

TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL. **Corruption Perceptions Index 2015.** disponível na internet em: <https://www.transparency.org/cpi2015>. fev.2016.

TREVISAN, C. **Os chineses.** São Paulo: Contexto, 2012.

UOL NOTÍCIAS. **Imigrantes chineses em processo de reintegração.** disponível na internet em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2004/05/14/ult34u95395.jhtm>. nov.2014.

VAINER, C. B. Deslocamentos compulsórios, restrições a livre circulação: elementos para um reconhecimento teórico da violência como fator migratório. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais...** São Paulo: ABEP, 1998, p. 819-835.

VALIM, C. A. **Luz chinesa a caminho do Brasil.** disponível na internet em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20140131/luz-chinesa-caminho-brasil/145320.shtml>. jan.2014.

VELTZ, P. **Mundialización, ciudades y territorios.** Barcelona: Ariel, 1999.

VERAS, D. B. **As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo.** 280p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós Graduated, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

VIEIRA, C. S. **A cidade do Rio de Janeiro no contexto das migrações internacionais contemporâneas**: o exemplo dos equatorianos no comércio de rua. 163p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

WANG, H. China's competition for global talents: strategy, policy and recommendations. In: **Asia Pacific Foundation of Canada Research Report**, may.2012. disponível na internet em: <http://www.asiapacific.ca/sites/default/files/filefield/researchreportv7.pdf>.

WEISZFLOG, W. **Michaelis**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

WILL, R. **China's stadium diplomacy**. disponível na internet em: <http://www.worldpolicy.org/journal/summer2012/chinas-stadium-diplomacy>. out.2013.

WILLIAMS, J. F. Who are the taiwanese? Taiwan in the Chinese diaspora. In: MA, L. J. C.; CARTIER, C. (eds.). **The Chinese diaspora**: space, place, mobility and identity. Lanham: Roman & Littlefield, 2003. p.163-189.

WONG, K S. **A China explicada para os brasileiros**. São Paulo: Atlas, 2008.

XINRAN. **As boas mulheres da China**: vozes ocultas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **O que os chineses não comem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZHOU, M. The Chinese diaspora and international migration. In: BIAN, Y.; CHAN, K.; CHEUNG, T. **Social transformations in Chinese societies: the official annual of the Hong Kong Sociological Association**. Leiden/Boston: Brill, 2005. p.161-190.

ZHU, N. **China unveils landmark urbanization plan**. disponível na internet em: [http://news.xinhuanet.com/english/china/2014-03/16/c\\_133190495.htm](http://news.xinhuanet.com/english/china/2014-03/16/c_133190495.htm). nov.2014.

## 8. ANEXOS

Anexo 1 – Exemplos de outras matérias que abordaram chineses no Rio de Janeiro

Nota: todas as páginas estavam disponíveis em maio de 2016.

ERNESTO, L. Funcionário é baleado em tentativa de assalto a pastelaria em São Cristóvão. disponível na internet em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-11-26/funcionario-e-baleado-em-tentativa-de-assalto-a-pastelaria-em-sao-cristovao.html>;

ESCOLA LIVRE DE CINEMA DE NOVA IGUAÇU. Por que tem tanta pastelaria de chinês? disponível na internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=kXNj2N8xXaA>;

EXTRA. Chinesa responsável por pastelaria pendura pedaços de carne em quadra esportiva em Caxias. disponível na internet em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/chinesa-responsavel-por-pastelaria-pendura-pedacos-de-carne-em-quadra-esportiva-em-caxias-8840911.html>;

\_\_\_\_\_. Duas pastelarias em Vila Isabel são interditadas pela Vigilância Sanitária e Procon Carioca. disponível na internet em: <http://extra.globo.com/noticias/economia/duas-pastelarias-em-vila-isabel-sao-interditadas-pela-vigilancia-sanitaria-procon-carioca-14082405.html>;

MARTINS, F. Chinês, dono de pastelaria, é preso por manter primo como escravo no Rio. disponível na internet em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/04/05/chines-dono-de-pastelaria-e-preso-por-manter-primo-como-escravo-no-rio.htm>.

O DIA. Família de chineses fica refém de bandidos em Bangu. disponível na internet em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/fam%C3%ADlia-de-chineses-fica-ref%C3%A9m-de-bandidos-em-bangu-1.142243>;

R7. Chinês, dono de pastelaria, é assassinado a tiros em Belford Roxo. disponível na internet em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/chines-dono-de-pastelaria-e-assassinado-a-tiros-em-belford-roxo-20130430.html>;

WREDE, C. “Chinatown” chega a Duque de Caxias em mercado de 10 mil m<sup>2</sup>. disponível na internet em: <http://oglobo.globo.com/rio/chinatown-chega-duque-de-caxias-em-mercado-de-10-mil-m-11929373>;

WROBLESKI, S. Adolescente chinês é resgatado da escravidão com ajuda de tradutor online. disponível na internet em: <http://reporterbrasil.org.br/2014/10/com-ajuda-de-tradutor-online-fiscalizacao-resgata-adolescente-chines-vitima-de-trabalho-escravo-no-rio-de-janeiro/>



# Igreja Cristã Vida em Abundância

## 豐盛生命基督教會

BOLETIM 第 2321 號  
SEMANTAL 2015 年 01 月 11 日

### VERSÍCULO 金句

：我實實在在的告訴你們，你們若向父求甚麼，他必因我的名，賜給你們。向來你們沒有奉我的名求甚麼，如今你們求就必得着，叫你們的喜樂可以滿足。  
(約翰十六章二十三—二十四節)  
... Em verdade, em verdade vos digo, pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concedera em meu nome. Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.  
(João 16:23-24)

敬拜讚美 Louvor & Adoração	領唱
奉獻 Oferta	會眾
報告 Anúncios	主席
聖經 Leitura	箴言 (Pv) 3 : 9-10
証道 Mensagem	獻初熟果子的意義 Significado da Oferta das Primicias
讚美 Louvor	會眾
祝禱 Bênção	請安 Cumprimentos
	牧師

上帝是個靈，所以拜祂的，必須用心靈和誠實拜祂 (約翰 4:24)  
Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade. (João 4:24)

事奉人員 Serviço	本日 Serviço para Hoje	下主日 Próx. Domingo
講員 Pregador	劉特清 Pr.T.C. Liu	張志偉 presb. Chang
主席 Dirigente	diacª Antônia Lúcia	diacº Jacson Hwang
司獻 Oferta	diacª Antônia Lúcia	diacº Jacson Hwang
招待 Introdutor	diacº Jacson Hwang	diacª Esther Chang
週值 Plantão	張志偉 presb. Chang	劉莉莉 presb. Lily Liu
翻譯 Interprete	劉莉莉 presb. Lily Liu	劉莉莉 presb. Lily Liu
領唱 D de Louvor	青年團契 mocidade	青年團契 mocidade

駐堂牧師：劉特清 REV. ALEXANDER LIU

地址：Rua Condessa Belmonte, 237. Eng. Novo, CEP 20710-280

網址：[www.iccrj.org.br](http://www.iccrj.org.br) 電話 / 傳真：(021) 2201-3228

# 十 里约华人福音基督教

IGREJA EVANGÉLICA CHINESA DO RIO DE JANEIRO

主日崇拜地点: RUA TEODORO DA SILVA, 254 - VILA ISABEL

RIO DE JANEIRO TEL: 31761730

## 主日礼拜程序

PROGRAMA DO CULTO

2016年2月14日

宣召 CONVOCAÇÃO	奉圣父圣子圣灵的名开始今天的主日崇拜	司 会 DIRIGENTE
禱 告 ORACAO		司 会 DIRIGENTE
頌 赞 LOUVOR		会 众 CONGREGAÇÃO
圣 经 LEITURA	希伯来书 11章 5-7节 Hebreus 11:5-7	会 众 CONGREGAÇÃO
献 诗 HINO		诗 班 CORAL
证 道 MENSAGEM	末世的得胜者	牧 师 PASTOR
颂 荣 GLORIFICAÇÃO	耶 和 华 赐 福 给 你	会 众 CONGREGAÇÃO
祝 禱 BENÇÃO		牧 师 PASTOR
奉 献 OFERTA		会 众 CONGREGAÇÃO

今年主题是: 追求属灵生命长进

## 侍 奉 人 员

时间	本周侍奉人员	下周侍奉人员
讲员 Pastor	SERVICO PARA HOJE 胡耀文牧师 Pastor Hu	PROXIMO DOMINGO 林 亚姊妹 Irma Lin
司会 Dirigente	朱道义弟兄 Imao Zhu	朱雄伟弟兄 Imao Zhu
翻译 Tradutor	陈以理弟兄 Imao Chen	陈以理弟兄 Imao Chen
司琴 Pianista	徐文燕姊妹 Irma Xu	陈以帖姊妹 Irma Chen
招待 Recepcão	朱雄伟, 陈苏红	陈华锋, 徐伟军, 朱圣义
主日学 Dominical	青年班 Grupo jovem	青年班 Grupo jovem
午餐服务 Servico	爱 餐	爱 餐
查经 Leitura biblica	胡拉结姊妹 Irma Hu	蔡丰妙姊妹 Irma Cai

前周聚会出席人数: 49人

## 本周主日聚会日程

时 间	内 容	负 责 人 员
10: 00-10: 30	敬拜赞美 Louvor	敬拜小组
10: 30-12: 00	主日崇拜 Culto	胡耀文牧师和翻译
13: 00-14: 00	小组聚会 célula	主日查经和青年团契

## 消 息 报 告

今日有圣餐, 请弟兄姊妹预备圣洁的心, 以敬畏、虔诚的心来领受。

代祷事项: 1. 为巴西国家和里约州市代祷, 求神赐平安, 也让弟兄姊妹在这里有平安。  
2. 为弟兄姊妹的身心灵代祷, 求神怜悯, 扶持和医治。3. 为教会、教堂的平安祷告, 让一切做恶的远离我们的教会和教堂。4. 为教会的各项圣工和证件代祷, 求神带领并赐福。5. 为旅行和探亲的弟兄姊妹代祷, 求神赐平安。6. 为中国教会祷告, 求神加给更多信心和力量!





REVISTA  
**Budismo  
Humanista**

TEMPLO ZU LAI - MONASTÉRIO FO GUANG SHAN  
EDIÇÃO 12 - JUNHO, 2015 - ANO 4

**Budismo e  
neurociência**

*"A meditação é diferente da medicina convencional porque quem cuida de você não é o médico. É você mesmo"...*

**Vesak 2015**

*Celebração do nascimento, iluminação e parinirvana do Buda Shakyamuni*

**ONDE HÁ DARMA,  
HÁ UM CAMINHO**

*"...no inferno de impurezas, o Dharma é uma brisa fresca que renova nossa fé e esperança na vida."*

Anexo 5 – Celebração do Ano Novo Chinês (2015), na praça Edmundo Rego, no Grajaú





Anexo 6 – Apresentação da dança do leão durante campeonato no SESC Tijuca





## Anexo 7 – Modelo do questionário aplicado

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ) PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPGG)

Local e data da entrevista: \_\_\_\_\_

Características sociodemográficas do entrevistado:

1. Sexo: ____	2. Idade: ____	3. Estado civil: _____	4. Grau de instrução: _____	5. Nascimento (ano, prov. e cidade): _____
6. Cond. domicílio natal: ( ) rural, ( ) urbano		7. Possui família no Rio? ( ) pai, ( ) mãe, ( ) filhos, ( ) tios, ( ) primos, ( ) avós		
8. Cônjuge: ( ) bras., ( ) estrang. _____, ( ) c/ascend. chinesa				
9. Filhos: ( ) nascido aqui, ( ) nascido no exterior _____		10. Bairro de residência: atual _____, ant. _____		11. Bairro de trabalho: atual _____, ant. _____
12. Religião: ( ) Budista, ( ) Taoista, ( ) Católica, ( ) Evangélica, ( ) Kardecista, ( ) Islâmica, ( ) Outra _____, ( ) sem religião - a. original, b. atual				13. Local de conversão: _____

História migratória:

	1ª migração	2ª migração	3ª migração	4ª migração
Ano de migração:				
Local de origem:				
Cond. domicílio (origem):				
Motivo para saída:				
Ocupação quando da migração:				
Características do trabalho*:				
Contatos/facilitadores (origem):				
Local de destino:				
Cond. domicílio (destino):				
Razão para destino:				
Nova ocupação:				
Características do trabalho*:				
Contatos/facilitadores (destino):				
Companhia na migração:				
Meio(s) de transporte usado(s):				
Percurso:				

\* (1) Negócio próprio c/ mão de obra chinesa; (2) Empregado c/ outros trabalhadores chineses; (3) Negócio próprio s/ mão de obra chinesa; (4) Empregado s/ outros chineses; (5) Autônomo; (6) Estudante; (7) Desempregado.

História profissional local:

	Bairro/Cidade	Ocupação	Negócio próprio?	C/ outros chineses? (a. empregados, b. patrão)	Em caso de comércio, que produto?	Razão de mudança de atividade
1º trabalho						
2º trabalho						
3º trabalho						
4º trabalho						

Outras questões:

14. Idiomas: a. Domínio do mandarim: ( ) sim, ( ) não; b. Domínio de língua regional: ( ) sim, ( ) não; c. Domínio do português: ( ) sim, ( ) não
15. Amigos: ( ) só chineses/descendentes, ( ) mais chineses/descendentes, ( ) só brasileiros, ( ) mais brasileiros, ( ) meio a meio;
16. Como se sente sobre o Rio? ( ) integrado, ( ) adaptado/acostumado, ( ) excluído, 16a. Por quê? _____
17. Casamentos extracomunitários: ( ) favorável, ( ) contrário, ( ) indiferente; 17a. Por quê? _____
18. Pretende trazer novos contrâneos? ( ) sim, ( ) não; 18a. Por quê? _____;
19. Conhece chineses que desejam viver no Brasil? ( ) sim, ( ) não; 19a. Local de origem: _____, Ocupação: _____
20. Planeja em sair do Rio em Brasil? ( ) sim, ( ) não; 20a. Por quê? _____;
21. Tem família, com contato, fora do Rio e/ou Brasil? ( ) sim, ( ) não; 21a. Tipo(s) de vínculo e local(is): _____; 21b. Visita? ( ) sim, ( ) não;
22. Envia remessas para parentes? ( ) sim, ( ) não; 22a. Se sim: ( ) regularmente, ( ) eventualmente; 22b. Com que frequência? _____; 22c. Para quem/onde? _____;
23. Quais passaportes possui? ( ) China; ( ) Taiwan; ( ) Hong Kong; ( ) Macau; ( ) Brasil; ( ) Outro: _____
24. Renda mensal (em salários mínimos): ( ) s/rendimento; ( ) < 1/4; ( ) de 1/4 a 1/2; ( ) de 1/2 a 1; ( ) de 1 a 2; ( ) de 2 a 3; ( ) de 3 a 5; ( ) de 5 a 10; ( ) de 10 a 15; ( ) de 15 a 20; ( ) de 20 a 30; ( ) > 30

Anexo 8 – Modelo de questionário aplicado (mandarim, escrita simplificada, 1ª página)

里约热内卢联邦大学 (UFRJ)  
地理学毕业后计划 (PPGG)

I:

1.性: _	2.年龄: _	3.婚姻状况: _____	4.教育程度: _____	5.出生年份, 出生省, 出生的城市: _____
6.第一个安居型: ( ) 农村, ( ) 市区		7.你有家人在城里? ( ) 父亲, ( ) 母亲, ( ) 儿女, ( ) 叔叔/阿姨, ( ) 表兄弟, ( ) 祖父母		8.祖父母: ( ) 巴西人, ( ) 外国人 _____, ( ) 有中国血统
9.儿女: ( ) 出生在巴西, ( ) 出生在国外 _____		10.现居住地居委会 _____, 以前的居住地附近 _____		11.目前的工作邻里 _____, 以前的工作邻里 _____
12.宗教: ( ) 佛教, ( ) 道教, ( ) 天主教, ( ) 新教, ( ) 唯靈論, ( ) 伊斯兰教, ( ) 其他宗教 _____, ( ) 没有宗教				13. 宗教的采用地方: _____

II:

	第一个迁移	第二个迁移	第三迁移	第四迁移
迁移一年:				
策源地:				
安居型 - 策源地:				
理由离开:				
工作, 对移民时期:				
业务的特点*:				
人们谁帮你 - 策源地:				
目的地:				
安居型 - 目的地:				
之所以选择目的地:				
工作, 在新的地方:				
业务的特点*:				
人们谁帮你 - 目的地:				
谁跟你迁移:				
交通手段:				
路线:				

\* (1) 自己的事, 与中国员工; (2) 就业, 与中国员工; (3) 自己的事, 没有中国员工; (4) 就业, 没有中国员工; (5) 自雇; (6) 学生; (7) 失业; (8) 家庭主妇

III:

	邻里和城市	占用	是不是你自己的生意?	有没有其他的中国人? (对于员工而言, 选择1;对于老板, 选择2。)	产品类别	动力性变化
第一项工作						
第二个工作						
第三项工作						
第四工作						

Anexo 9 - Modelo de questionário aplicado (mandarim, escrita simplificada, 2ª página)

- 14.语言 : a. 你能说普通话吗? ( ) 会, ( ) 不会; b. 你会说区域语言? ( ) 会, ( ) 不会; c. 你会说葡萄牙语? ( ) 会, ( ) 不会
- 15.朋友 : ( ) 仅中国朋友, ( ) 更多的中国朋友, ( ) 仅巴西朋友, ( ) 更多的巴西朋友, ( ) 均衡;
- 16.如何你觉得这个城市吗? ( ) 联合的, ( ) 习惯, ( ) 排除
- 17.婚姻与非中国人 : ( ) 同意, ( ) 不同意
- 18.你打算让更多的中国人? ( ) 打算, ( ) 不打算
- 19.你知道谁愿意生活在巴西? ( ) 知道, ( ) 不知道
- 20.你打算离开这个城市或国家? ( ) 打算, ( ) 不打算
- 21.你有家人在其他城市或其他国家呢? ( ) 有; ( ) 没有; 21a. 他们住在哪里? \_\_\_\_\_;
- 21b. 拜访? ( ) 拜访; ( ) 不拜访;
- 22.你给钱给谁住出城的亲戚? ( ) 给, ( ) 不给
- 23.什么是你的护照? ( ) 中国; ( ) 台湾; ( ) 香港; ( ) 澳门; ( ) 巴西; ( ) 其它地方: \_\_\_\_\_
- 24.月收入 (在最低工资的数目): ( ) 没有收入; ( ) 小于1/4; ( ) 从1/4到1/2; ( ) 从1/2到1; ( ) 从1~2个; ( ) 从2至3; ( ) 从3至5个;  
( ) 5至10个; ( ) 从10至15; ( ) 从15至20个; ( ) 从20至30; ( ) 超过30